

DM

A Escolinha de Atletismo e suas Práticas Pedagógicas

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Celma Sueli Dantas do Vale

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2019

A Escolinha de Atletismo e suas Práticas Pedagógicas

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Celma Sueli Dantas do Vale

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Carlos Manuel Nogueira Fino
Olidnéri Bello



**Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica**

Celma Sueli Dantas do Vale

A Escolinha de Atletismo e suas Práticas Pedagógicas

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2019

Celma Sueli Dantas do Vale

A Escolinha de Atletismo e suas Práticas Pedagógicas

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professor Doutor Carlos Manuel Nogueira Fino

Professora Doutora Olidnéri Bello

FUNCHAL – 2019

Dedico esta dissertação aos meus pais Manoel Fernandes do Vale e Belanízia Dantas do Vale, por todo apoio e incentivo. Meu esposo e companheiro Edson Carlos de Souza Santos pela paciência, sempre demonstrando admiração e me transmitindo confiança. E, em especial, aos meus filhos Ana Clarissa do Vale Souza e Júlio César do Vale Souza, amor sem medida, razões de todas as minhas buscas no sentido de ampliar minhas concepções e conquistas no âmbito pessoal e profissional. Dedico à minha irmã Ana Cláudia Dantas do Vale que muito me apoiou e que para mim é motivo de inspiração por ser uma guerreira. Dedico também a todos os demais familiares.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são primeiramente para Deus, a força superior que rege todas as coisas e que na sua infinita bondade permitiu que eu chegasse até aqui. O caminho percorrido não foi fácil, todavia enfrentar os desafios com a permissão de Deus e a força dos familiares e amigos tornou a jornada mais branda. As noites de extensas leituras, os dias de cansaço e desânimo, claro, fizeram parte, mas venci porque o sonho de conquistar mais um degrau em busca do conhecimento se fez maior.

Aos meus pais, meu profundo agradecimento por terem me servido de inspiração e incentivo devido à boa educação com que orientaram todos os filhos ao longo da vida. Não poderia esquecer de agradecer o apoio do meu esposo Edson Carlos de Souza Santos pelo incentivo. Meu muito obrigada às minhas amigas Edineuza de Oliveira Reis e Edvone Pereira de Castro; a amiga de todas as horas Ioneide Domingos Pereira que, incondicionalmente, não mediu esforços para me apoiar; agradeço o apoio da minha cunhada Sônia de Souza; a amiga Carlla Jacy pela solidariedade de sempre e ao grupo de estudo nas pessoas de Eva Silvana Malta Vitor, Maria da Paz, Maria Gama com as quais fiz grande parceria e aprendi muito nessa jornada. Não esquecendo o companheirismo e a compreensão das conterrâneas Alessandra Gonçalves do Vale e Eva Silvana Malta Vitor nas muitas viagens em que dividimos quarto.

Aos meus filhos Ana Clarissa do Vale Souza e Júlio César do Vale Souza que são duas bênçãos na minha vida. Meu muito obrigada a todas as minhas sobrinhas e sobrinhos pelas palavras de incentivo e admiração para com a minha pessoa, saibam que isto foi muito valioso para a minha busca no sentido de realizar este sonho. Ao meu irmão Paulo Sergio Dantas do Vale, demais irmãos e ao primo Marcos Paulo, por ter também contribuído para minha conquista. Minha profunda gratidão ao Professor Ferreirinha pela sua presteza e incondicional contribuição com a investigação. Jamais poderia esquecer de agradecer ao Professor Doutor Carlos Nogueira Fino por todo conhecimento que nos trouxe, pela sua inteligência ímpar e pelo tratamento profissional e humano dispensado à minha pessoa. A minha orientadora brasileira Professora Doutora Olidnéri Bello por sua contribuição positiva e sábia, sua dedicação e respeito a mim dispensados. A todos os professores que transmitiram seus conhecimentos ao longo deste processo, à Universidade da Madeira por proporcionar-nos esta oportunidade, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O arcabouço deste trabalho investigativo é: **Inovação Pedagógica** à luz do pensamento construcionista de Vygotsky e Papert, da complexidade de Morin. Portanto, tenciona conhecer as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escolinha de Atletismo da Comunidade de Flamengo situada no Município de Jaguarari-Bahia, visando identificar elementos norteadores de inovação pedagógica, considerando o momento social e buscando evidências de práticas que apontem novas perspectivas discrepantes do modelo arcaico fabril. Ademais, a investigação pretende encontrar respostas para as questões levantadas previamente. No cenário, a prática esportiva e os respectivos conhecimentos de base são construídos a partir de sucatas manuseadas pelos alunos em colaboração com pais e moradores, os quais utilizam a comunicação oral como formação assistemática. Deste modo, justifica-se o desenvolvimento de um estudo de natureza etnográfica, baseado em instrumentos diversos por meio dos quais a pesquisadora levanta dados suficientemente relevantes para compreender os processos da realidade. Os sujeitos da pesquisa foram: o coordenador e professor da Escolinha — professor Ferreirinha, os alunos e os pais. As análises procedidas sobre os dados colhidos aconteceram por meio das observações das aulas e/ou dos treinamentos, por meio do uso de diário de campo, com entrevistas aos sujeitos da pesquisa, captação de imagens fotográficas e recolhimento de outros documentos.

Palavras-chave: Inovação pedagógica. Construcionismo e complexidade. Atletismo.

ABSTRACT

The theoretical framework of this research work is: **Pedagogical Innovation** from Vygotsky and Papert's theory on constructivism, and Morin complexity theory. Therefore, wants to know implemented pedagogical practices at Athletics School from Flamengo's county, located at Jagurari District-Bahia, aim for identify orienting elements from pedagogical innovation, considering the social moment and searching for practical evidences that may point to new different perspectives from old fashion schooling. Furthermore, this investigation intends to find answers to preview issues raised. In this scenario, the sportive practice and its background knowledges are built from scrap metal handled by the student, his parents and neighbors, whom talk among themselves orally as a unsystematic development. By this, it justifies a ethnographic study development, based on many instruments as the researcher raises adequate data to understand the reality processes. The research individuals were the coordinator and teacher from the Athletics School – teacher Ferreirinha, the students themselves and their parents. The analisis obtained from the data were taken from class observation and/or from workouts, by field diary, work project individuals interviews, photo images and gathering other documents.

Keywords: pedagogical innovation, constrctivism and complexity. Athletics.

RÉSUMÉ

Le cadre de ce travail d'investigation est le suivant: **Innovation pédagogique** à la lumière de la pensée constructionniste de Vygotsky et Papert, de la complexité de Morin. Par conséquent, elle entend connaître les pratiques pédagogiques développées à l'école d'athlétisme communautaire Flamengo située dans la ville de Jaguarari-Bahia, dans le but d'identifier les éléments directs de l'innovation pédagogique, en tenant compte du moment social et en cherchant des preuves de pratiques révélant de nouvelles perspectives divergentes du modèle de fabrique archaïque. De plus, l'enquête a pour but de trouver des réponses aux questions précédemment posées. Dans le scénario, la pratique sportive et ses connaissances de base sont construites à partir de notes manipulées par les étudiants en collaboration avec les parentes et les residentes, qui utilisent la communication orale comme une formation systématique. Ainsi, le développement d'une étude à caractère ethnographique, fondé sur divers instruments au moyen desquels le chercheur collecte des données suffisamment pertinentes pour comprendre les processus de la réalité, est justifié. Les sujets de recherche étaient: le coordinateur et enseignant de l'école – le professeur Ferreirinha, les élèves et les parentes. Les analyses effectuées sur les données collectées ont eu lieu à travers l'observation des classes et / ou la formation, à travers l'utilisation d'un journal de terrain, avec des entretiens avec les sujets de recherche, la capture d'images photographiques et la collecte d'autres documents.

Mots-clés: Innovation pédagogique. Constructionnisme et complexité. Athlétisme.

RESUMEN

El marco de este trabajo investigativo es: **Innovación pedagógica** a la luz del pensamiento constructivista de Vygotsky y Papert, de la complejidad de Morin. Por consiguiente, muestra conocer las prácticas pedagógicas desarrolladas en la Escuela de Atletismo de la Comunidad del Flamengo situada en el distrito de Jaguarari-Bahia, mirando identificar elementos norteadores de la innovación pedagógica, teniendo en cuenta el momento social y buscando evidencias de prácticas que señalen nuevas perspectivas distintas del modelo antiguo fabril. Además, la búsqueda intenta encontrar respuestas para las cuestiones planteadas previamente. En este escenario, la práctica deportiva y los respectivos conocimientos de base son hechos a partir de desechos manipulados por los alumnos en cooperación de sus padres y vecinos, los cuales utilizan la comunicación oral como formación asistemática. Así, justificase el desarrollo de este estudio que es etnográfico, fundamentado en instrumentos diversos por medio de los cuales la investigadora levanta datos suficientemente relevantes para entender los procesos de la realidad. Los sujetos de investigación fueron: el coordinador y el profesor de la Escuela – profesor Ferrerinha, los alumnos y sus padres. Los análisis hechos sobre los datos recolectados pasaron por medio de las observaciones de clase y/o entrenamientos, por uso del diario de campo, con entrevistas a los sujetos de la investigación, captación de imágenes fotográficas y recolección de otros documentos.

Palabras-clave: innovación pedagógica, constructivismo y complejidad. Atletismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Um grupo após treino na Serra	44
Figura 2 - Mães e alunos da EAF: luta pela sobrevivência e alegria.....	45
Figura 3 - Treinador, árbitro de atletismo Janjão, Janderson Tietz	47
Figura 4 - Wanderlei Cordeiro de Lima corredor profissional	48
Figura 5 - Cantora baiana, Ivete Sangalo, visita Escolinha de atletismo em Flamengo, 2014..	48
Figura 6 - Popó, famoso lutador de boxe visita a EAF Fonte: eafjaguarari.blogspot.com...	49
Figura 7 - Equipe de ciclismo da região visita a EAF, 2018	49
Figura 8 - Presentes enviados pelo Comitê Olímpico Brasileiro, 2013.....	51
Figura 9 - Turma da EAF expondo material esportivo.....	51
Figura 10 - Apresentador de TV, Luciano Huck entrevista professor e aluna da EAF.....	52
Figura 11 - Passagem da tocha olímpica por Jaguarari, 2016.	53
Figura 12 – Crianças da Comunidade de Flamengo recebem presente do Comitê Olímpico...	53
Figura 13 - Capital Salvador.....	62
Figura 14 - Entrada da cidade de Jaguarari.	63
Figura 15 - Localização de Jaguarari na Bahia – Brasil.....	63
Figura 16 - Aluna da EAF.	65
Figura 17 – Turma EAF.....	66
Figura 18 - Ticiane Bonfim, melhor atleta de salto em 2016	67
Figura 19 - Os treinos nas trilhas da caatinga.....	67
Figura 20 - Alunos se divertem nas aulas.....	68
Figura 21 - Aula com leitura ao ar livre.	68
Figura 22 - Professor recebe apresentador de TV.	69
Figura 23 - Mutirão para construir a sede EAF.	70
Figura 24 - Entrega da sede EAF.....	70
Figura 25 - Aula prática após a construção da moderna sede da Escolinha.	71
Figura 26 - Escolinha de Atletismo.	72
Figura 27 - Aluna Ticiane embarcando para o Chile.	77
Figura 28 - Alunos visitam Palácio do Planalto em Brasília, 2017.....	77
Figura 29 - Alunos visitam Museu Nacional em Brasília, 2017.	78
Figura 30 - "Eu sou de Flamengo, eu moro em Flamengo.....	78
Figura 31 - Crianças sobre colchões e pneus velhos.	79

Figura 32 - Alunos fazem aula utilizando sucatas.	79
Figura 33 - Jovens realizam atividades utilizando pneus velhos.	80
Figura 34 - Aula utilizando recursos naturais da caatinga.	80
Figura 35 - Aula no pátio da Escolinha.	81
Figura 36 - Corrida para mudar o futuro.	81
Figura 37 - Aluno realiza atividade no pátio da escolinha com novos recursos.	82
Figura 38 - O projeto serve como exemplo para outros jovens e estudantes...	82
Figura 39 - A comunidade participa do projeto e ajuda como pode!	83
Figura 40 - O respeito pela infância das crianças.	83
Figura 41 - Professor Ferreirinha.	85
Figura 42 - Turma da Escolinha.	85
Figura 43 - Alessandro, primeiro lugar nos 3.000 metros rasos Festival SUB 18.	89
Figura 44 - Alessandro em uma competição.	89
Figura 45 - Grupo de crianças, jovens e adultos unidos por um objetivo.	93
46 - Erivânia Cruz.	94
47 - Professor Ferreirinha e aluna Návinny realizando palestra.	95
Figura 48 - Comitê Olímpico Brasileiro promoveu Congresso Brasileiro de Esporte Escolar em 2013	96
Figura 49 - Fundação Vale e Projeto Brasil Vale Ouro à workshop em Minas Gerais	97
Figura 50 - Palestra com Professor Ferreirinha	98
Figura 51 - Alunos são atendidos em SAC para obtenção de documento.	98
Figura 52 - Polícia Rodoviária Federal promove palestra na EAF sobre trânsito.	98
Figura 53 - Poeta e escritor, Matheus Muniz encanta os alunos da EAF.	99
Figura 54 - Poeta e escritor, Matheus Muniz incentiva os alunos da EAF.	99
Figura 55 - Campanha contra câncer de mama. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com	100
Figura 56 - Dia das crianças 2018	100
Figura 57 - Interação e diversão no dia da criança.	101
Figura 58 - Adriano dos Santos, medalha de bronze (2017).	102
Figura 59 - Campeonato baiano sub 16: EAF conquista 17 medalhas	102
Figura 60 - ESCOLINHA DE ATLETISMO FLAMENGO faz história.	103
Figura 61 - Ticiane Bonfim conquista medalha de bronze em Santiago: bronze que vale ouro!	103
Figura 62 - SUDESB convoca 10 atletas da EAF.	104

Figura 63 - Náviny Bonfim ganha dois ouros..	105
Figura 64 - "Quando se tem fé e coragem para vencer.....	106
Figura 65 - Aluna Ticiane e Professor da EAf são homenageados.	107
Figura 66 - Turma da Escolinha.	108
Figura 67- Roda de conversa da pesquisadora com alguns dos atores.....	118
Figura 68 - Roda de conversa da pesquisadora com alguns dos atores.....	119
Figura 69 - Alunos visitam Biblioteca Nacional em Brasília.	123
Figura 70 - Salto com alternância de perna: “salto para fugir de cobra”.....	125
Figura 71 - A corrida com incentivo de defender o alimento (comida).	125
Figura 72 - O incentivo do professor: vocês são vencedores... você pode, você consegue....	126
Figura 73 - Atividade desenvolvida na Serra, trabalho em equipe pátio da EAF.	127
Figura 74 - O treino nas trilhas da caatinga.....	1287
Figura 75 - Atividade desenvolvida no pátio da EAF.	1278
Figura 76 - Atividade diferenciada com orientação de convidados.	128
Figura 77 - Escola da Sede do município de Jaguarari homenageia Alunos e Professor da EAF	130
Figura 78 - Momento de interação comemorando o dia das crianças com todas crianças da comunidade.....	131

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados da turma EAF.	Fonte: Dados da pesquisa	109
Gráfico 2 - Faixa etária da turma EAF	Fonte: dados da pesquisa.....	110

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantitativo de alunos do sexo masculino e feminino.	109
Tabela 2 - Faixa etária dos alunos.	110
Tabela 3 - Respostas à questão 1 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	113
Tabela 4 - Respostas à questão 2 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	113
Tabela 5 - Respostas à questão 3 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	114
Tabela 6 - Respostas à questão 4 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	115
Tabela 7 - Respostas à questão 5 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	116
Tabela 8 - Respostas à questão 6 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.	116
Tabela 9 - Resposta do professor/coordenador da EAF à pergunta 1.	117
Tabela 10 - Resposta do professor/coordenador da EAF à pergunta 2.	117

LISTA DE SIGLAS

APA – Associação Petrolinense de Atletismo

BR – Rodovia Federal

BA - Bahia

CBAt - Confederação Brasileira de Atletismo

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo

IAVE - Instituto de Avaliação Educativa

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MA - Maranhão

ONGs – Organizações Não Governamentais

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Estudante

SAC – Serviço de Atendimento ao Cidadão

SUDESB – Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia

TV – Televisão

UFC - Ultimate Fighting Championship, uma organização americana de artes marciais mistas

UMA – Universidade da Madeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
PARTE I.....	6
EQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
CAPÍTULO 1- INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	7
CAPÍTULO 2: MORIN E A PROPOSTA DA COMPLEXIDADE	17
2.1 A fragmentação do saber frente ao mundo globalizado.....	19
2.2 A construção do conhecimento esportivo escolar na trilha da Complexidade.....	24
CAPÍTULO 3: A PRÁTICA DESPORTIVA NUMA PERSPECTIVA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM	27
3.1 A importância da prática desportiva na Educação	28
3.2 Os desafios da prática pedagógica na Educação Física escolar	31
3.3 Educação Física Escolar: necessidade de um olhar diferenciado	36
3.4 A influência da prática desportiva na autoestima do aluno	39
3.5 A prática desportiva e as relações sociais	41
PARTE II	45
CAPÍTULO 4: ESCOLINHA DE ATLETISMO: UMA POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	45
4.1 Apresentação do problema da pesquisa	54
CAPÍTULO 5: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	55
5.1 METODOLOGIA QUALITATIVA DE CUNHO ETNOGRÁFICO	55

5.2.1 Observação Participante.....	56
5.2.2 Diário de Campo	57
5.2.3 Entrevista Etnográfica.....	57
5.2.4 Coleta de Dados	59
5.2.5 Recolhimento documental.....	59
5.2.6 Imagens	60
CAPITULO 6: DESCRIÇÃO DO LOCUS DA INVESTIGAÇÃO.....	62
6.1 O Estado da Bahia.....	62
6.2 A Cidade de Jaguarari.....	63
6.3 A Comunidade de Flamengo.....	71
6.4 O Locus da pesquisa: Escolinha de Atletismo de Flamengo - EAF	72
6.4 a) Os sujeitos da pesquisa	84
6.4 b) O pesquisador e o objeto de estudo: as primeiras evidências	90
CAPÍTULO 7: RESULTADOS: descrição e interpretação dos dados revelados durante a experiência investigativa	92
7.1 Diálogos de aprendizagens: a relação entre professor, sujeitos e construção de saberes socioculturais	101
7.2 Categorização e triangulação dos dados	108
CAPITULO 8: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	121
CONCLUSÕES: o que se pontua como Inovação Pedagógica	133
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICES.....	146

ANEXOS 170

INTRODUÇÃO

O ser humano aprende em todos os momentos da vida, ainda que muitas vezes de forma inconsciente. No ambiente familiar e desde o nascimento, o homem está cercado de situações que o levam ao conhecimento. Isso ocorre em contato, também, com a sociedade, por meio das relações estabelecidas por toda a existência. Essa mesma sociedade, que promove a ação cognoscitiva espontânea, oferece ao homem a educação institucional, a qual surge para suprir aquilo que a família por si só não consegue propiciar, o saber sistematizado. Tal saber, na atualidade, tem sido fonte de vários estudos com o objetivo principal de se tentar descobrir até que ponto o que se julga aprender na escola formal corresponde com as reais necessidades e anseios da própria sociedade.

O estudo do processo de surgimento da escrita na pré-história remete-nos à reflexão e à conclusão de que muitas tecnologias, como a roda, a descoberta do fogo, a agricultura e os metais surgiram muito antes do aparecimento da escola. Para tanto, não existe uma parceria entre descobertas e invenções relacionadas à instituição escolar. Nos tempos remotos não se precisava de escola para viver melhor ou para se fazer descobertas, ou ainda, criar coisas para melhorar a vida do homem. Nesse sentido, afirma Fino: “*Se eu soubesse quantos séculos tem a humanidade, seria capaz de calcular com exactidão o tempo da sua história em que não precisávamos de escola (...)*”. (FINO, 2007, p. 11).

Séculos mais adiante é que a escola foi inventada e, foram apurados métodos. No cenário europeu surgiram os jesuítas para formar novos religiosos, para ensinar a população a ler e a escrever, estes levaram seus ensinamentos para as colônias europeias, incluindo o Brasil.

Entretanto, até o século dezoito, as crianças não eram segregadas por idade e a escola não era gratuita e nem universal, porém elitizada. O professor atendia a um aluno de cada vez porque era possível ter grupos pequenos, dado que os pais com posses eram poucos.

Em 1769 surge a máquina a vapor e isso exige uma nova demanda de trabalhadores, o que resulta em um fluxo de pessoas do campo para as cidades, ocasionando uma superpopulação. Mas, não era necessária qualquer força de trabalho, precisava-se de uma força de trabalho instruída, cada um com sua habilidade clara e adequada a um ritmo sincronizado de trabalho regido pelo relógio. Uma nova realidade. Ocorre, neste contexto, a criação de uma

escola para ensinar pontualidade, sincronização e disciplina, objetivando formar pessoas que apreciassem o respeito e a obediência. Era esse o pensamento da burguesia “eles querem uma escola, daremos uma escola que atenda aos nossos anseios”.

Ao final do século 18, surge a Revolução Francesa para mudar a estrutura política e que dará, também, novos rumos à educação. Na estrutura de então, o rei era aquele homem enviado por Deus para governar o povo. Todavia a Revolução acontece com o propósito de criar uma República, em que o poder emana do povo e para os iluministas que inspiraram a Revolução com seus ideais, fazia-se necessário criar uma instituição para dar instrução aos súditos, objetivando que se tornassem cidadãos, pois queriam que esses súditos aprendessem viver a República. Assim surgiu a escola universal.

Para que a Revolução viesse acontecer de fato, na visão dos iluministas, não seria necessário apenas retirar o rei, mais que isso, precisava-se de uma mudança de comportamento social e, foi então que a escola precisou nascer para fazer esse papel. Porém, escolas precisam ser criadas e professores são necessários para educar esses alunos, isso era humanamente impossível acontecer de uma hora para outra e, a França também não dispunha de recurso financeiro para tanto.

Em resumo, quando se começou a necessitar de escola, essa premência não se estendia a todos e, somente no decorrer da história e mediante as necessidades sociais, ela se aplica à população em geral, mas moldada para os interesses daqueles que detinham o poder. Essa instituição que surge juntamente com a indústria, para ensinar a disciplina, a sincronia, o respeito e a obediência é a escola do chamado paradigma fabril, ou seja, moldada para atender a indústria.

Para Fino (2007, p. 11) “*o ensino em massa foi a máquina genial criada pela civilização industrial para conseguir o tipo de adultos de que precisava*”. Esta civilização industrial precisava de um adulto moldado aos seus anseios, que se habituasse ao trabalho entre quatro paredes, com horários e normas rígidas a serem seguidas sob o olhar de alguém que iria lhes dizer como fazer. É o surgimento de um novo paradigma, o paradigma fabril, o início da escola “para todos” que nasce com um currículo rígido, burocrático de contexto extremamente técnico, com propósito assumido de preparar mão de obra especializada para atender ao mercado.

Este modelo de escola sobrevive até os dias atuais, como bem menciona Fino (2000, pp. 27-31): “(...) a escola pública tem continuado a tentar cumprir a missão de formar para sociedade industrial”. Todavia, insiste nessa missão sem êxito, haja vista que a sociedade pós-moderna tem outros interesses e são contrastados com os da indústria fabril do final do século XIX, pois, para a sociedade industrial vigente, são imprescindíveis o amplo conhecimento e a criatividade.

Contudo, diversos intelectuais, há muito, vêm discutindo e pesquisando caminhos que possam reverter a situação caótica na qual chegou a educação. Neste cenário percebe-se que a inovação pedagógica necessariamente precisa acontecer. Visto que todos os setores da sociedade passaram por transformações e inovações, a educação não pode prosseguir em sentido antagônico.

Sabe-se que as novas tecnologias, aliadas à globalização, trouxeram aceleradas mudanças e em proporções gigantescas, principalmente devido aos meios de informação e comunicação. Com isso, a educação assiste a um processo de acesso ao conhecimento de modo abundante e autônomo, no entanto as instituições escolares não estão preparadas para administrar a nova realidade e têm resistido em abandonar os métodos tradicionais da velha escola.

Todavia, embora estejamos na era tecnológica, não se pode garantir que a tecnologia irá resolver todos os problemas da educação, portanto não se pode atrelar inovação pedagógica à inovação tecnológica. Na conjuntura profere Fino (2008a): “A inovação pedagógica, nestes dias de desenvolvimento exponencial da ciência e da tecnologia não é sinônimo de inovação tecnológica.”. Contudo, pode-se afirmar que a inovação pedagógica é o caminho acertado para uma aprendizagem eficaz e, neste sentido, enfatiza-se que esta pode estar atrelada ou não às tecnologias. Na perspectiva, a presente dissertação alicerçou seu propósito de investigação, considerando um ambiente não necessariamente enlaçado com as novas tecnologias, mas pautado, primordialmente, na suposta possibilidade de identificar um modo de aprender de forma diferenciada e autônoma.

Assim, diante da problemática da comunidade de Flamengo, interior da Bahia, extremamente carente e apresentando elevado índice de repetência, evasão, indisciplina escolar e pouca perspectiva de mudança de vida, nasce a proposta de inserção da prática de atletismo por meio da criação do projeto Escolinha de Atletismo. Partindo dessa ação, esta pesquisadora

direciona seus estudos para compreender se essa prática pedagógica se concretiza como inovadora.

E uma vez que o propósito canaliza-se em responder à questão, fez-se necessário uma compreensão dos processos de formação do *locus* da pesquisa e de conhecer um pouco da historiografia local. Pontua-se então, informações básicas sobre Jaguarari, cidade serrana fundada em 1926, distante 409 km da capital baiana Salvador, situada ao norte da Bahia-Brasil.

A modesta comunidade de Flamengo vem se transformando, nos últimos anos, em um lugar de superação com a prática do esporte, alcançando, segundo relatos da população e dados pesquisados, resultados extraordinários. O Professor Antônio Ferreira, popularmente conhecido como “Ferreirinha”, enxergando uma possibilidade de mudança da realidade social através do Atletismo, cativou os alunos e a comunidade local e elaborou um projeto com a modalidade até aquele momento pouco conhecida, iniciando seu desenvolvimento no ano de 2006.

Com base em todos os aspectos apresentados, considerou-se relevante um estudo acerca da prática pedagógica desenvolvida por esse educador, objetivo determinar a ocorrência ou não de aprendizagens significativas por parte dos discentes que viabilizem vitórias e conquistas de âmbito pessoal e coletivo. Ademais, a reflexão sobre estes contextos despertou o interesse na execução dessa pesquisa, por se configurar como caminho favorável para a promoção de oportunidades para jovens e crianças pelo viés do esporte no desenvolvimento humano e sociocultural da região do município de Jaguarari – Bahia.

Todas as reflexões partem da concepção da construção de aprendizagens a partir da interação com os pares e o ambiente em que estão inseridos e de suas próprias ações. Por este caminho, pretende-se investigar as práticas pedagógicas utilizando-se do método etnográfico.

A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de número. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Na sua busca de conhecimento, os investigadores qualitativos não reduzem as muitas páginas contendo narrativas e outros dados e símbolos numéricos. Tentam analisar os dados em toda a sua natureza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registrados ou transcritos. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 48).

A abordagem qualitativa tem por finalidade preocupar-se com sentidos e significados, favorecendo o entendimento e as disposições de situações reveladas na realidade investigada. Na perspectiva, constituiu-se como embasamento teórico desta pesquisa o pensamento construcionista de Vygotsky e Papert, bem como a teoria da complexidade de Morin que expressam prospectivas de quebra de paradigmas educacionais contextualizados a partir dos

contextos fabris, vislumbrando novas concepções diante da sociedade contemporânea Assim, o contexto apresentado converteu-se como objetivo desta pesquisa, conduzindo esta pesquisadora a levantar o seguinte questionamento: **Existe inovação pedagógica no projeto Escolinha de Atletismo da comunidade de Flamengo - EAF?** A partir deste questionamento, faz-se necessário compreender as práticas pedagógicas na Escolinha de Atletismo, seguindo as seguintes etapas específicas: conceituar inovação pedagógica, apropriar-se dos conhecimentos sobre atletismo e observar de que modo se dá o processo de construção da aprendizagem dos escolares investigando as práticas e pontuando sua relevância nas relações sociais na comunidade, para finalmente verificar se há ou não inovação pedagógica nas práticas do atletismo na EAF.

PARTE I

EQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico é produzido a partir da leitura de diversos textos sobre o tema pesquisado. Assim, argumentos e ideias são reconstituídos, reafirmados e fundamentados com base nos estudos já realizados por autores diversos. Necessariamente, deve-se ter uma compreensão da literatura e, dessa maneira, chegar-se a uma análise do pensamento dos estudiosos do tema. Assim, será desenvolvida uma reflexão aprofundada e de acordo com o que é apresentado pelo cenário e pelos envolvidos no ambiente investigado.

Este estudo está embasado na literatura relacionada às práticas nas quais os discentes assumem um papel muito diferente do apresentado nas escolas tradicionais. É a literatura que privilegia possibilidades de atuações pedagógicas adequadas às atuais demandas da sociedade.

CAPÍTULO 1- INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Atualmente, diferentes razões despertam o interesse em compreender o verdadeiro conceito de inovação pedagógica, principalmente, porque, na sociedade globalizada, tudo se move freneticamente, fazendo com que mudanças aconteçam de modo a enriquecer o jogo competitivo, sobretudo o econômico. Na educação, os interesses, naturalmente, devem ser outros. O que importa a educadores comprometidos com a educação é reverter o insucesso escolar verificado em escala crescente a cada ano que passa.

Com essa demanda, a inovação pedagógica é um caminho a ser construído pelos educadores. Conforme o dicionário Aurélio (2002), “*inovação é o ato ou efeito de inovar*”. Romper com o tradicional, dar um salto, transformar, mudança de atitude são algumas colocações de Fino quando se refere à inovação, haja vista que, assim como outros pensadores, não considera a inovação como um fim em si mesma, mas um meio para transformar a educação.

A inovação pedagógica demanda um pensar diferente, um fazer novo, uma construção de novos modelos, ou seja, a concepção de um novo paradigma. Na conjuntura, Fino (2001) profere:

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E abertura para emergência de culturas novas, provavelmente estranha aos olhares conformados com a tradição. Para olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e tornar definição consensual. (FINO, 2001, p.2).

A inovação é um termo que deve ser relacionado com o novo, o inédito. Ela deve acontecer de modo intencional e consciente, visando a uma participação efetiva do discente e, portanto, a uma efetivação da aprendizagem. Inovar pedagogicamente pressupõe uma assunção de posturas diferenciadas tanto para o docente quanto para o discente. Essas novas posturas, se planejadas em função do que o aluno pode construir em termo de aprendizagem, podem ser o elemento fundamental para a obtenção do tão aguardado êxito na educação pública. A compreensão de inovar no contexto pedagógico não deve se distanciar da compreensão de que o conhecimento se faz a cada instante e de que as informações são produzidas e transmitidas de forma global e imediata, de maneira a afetar todas as esferas sociais, culturais e históricas de modo muito rápido.

A globalização da informação e o *boom tecnológico*, sobretudo a tecnologia da informação com a produção de novos conceitos, bem como as descobertas científicas, configuram-se como condição essencial para a elaboração de novas concepções.

A evolução que se vive hoje, tendo em consideração o ritmo a que as mudanças acontecem, no conhecimento, nas tecnologias disponíveis, nas metodologias, entre outros, obriga a novas formas de pensamento que levem a actuar de forma diferente criando soluções adaptadas a um amanhã que sabemos que será diferente. (BENTO, 2012, p. 163).

Diante do exposto, é consensual que os contextos atuais sugerem um novo pensar que possa indicar mudanças nos processos educacionais.

Ora, se a prática pedagógica está domiciliada neste tipo de ambiente, não há dúvida de que a escola pode construir-se em campo para inovação, caso no seu interior ocorram movimentos tendentes a substituírem as velhas práticas pedagógicas por outras. (FINO, 2011, p. 3).

O visionário Alvin Toffler, em sua renomada obra “O choque do futuro”, sugere um planejar o porvir que, em sua concepção, contribuirá para o oferecimento de rendimentos no presente. Embora sua obra esteja voltada para os aspectos políticos, econômicos e sociais, compreende-se que a escola, inteiramente associada a todos esses aspectos, deva absorver todo esse embasamento para assim construir novos caminhos. O autor argumenta que, devido às aceleradas mudanças, tornou-se imperioso uma imaginação futurista visando atingir audaciosas possibilidades que pudessem favorecer o domínio das constantes mudanças; sobretudo, que pudessem elucidar os problemas educacionais por ser constatado, ainda na década de 70, que a escola continuava alicerçada em elementos da sociedade pré-industrial. Após quatro décadas das comprovações do autor, tais elementos ainda resistem. E, apesar de estarmos vivendo a era Pós-industrial ou Sociedade do Conhecimento, a escola, lamentavelmente, está na era pré-industrial.

Na conjuntura, observa-se que a contemporaneidade exige práticas criativas e inovadoras em todos os segmentos sociais. E, neste contexto, sendo a escola objeto dissertativo para tal, sob nenhuma hipótese, pode ficar alheia a essas novas tendências, considerando que está inserida na sociedade e vinculada aos indivíduos que dela fazem parte, seja de forma direta ou indireta. Ela precisa romper com o pensamento da era da revolução industrial e abraçar uma nova postura se revestindo de muita criatividade para inovar os processos educativos.

Sousa & Fino (2008a), reforçam ao longo dos seus escritos que:

Os nossos dias assistem ao desenrolar de um conjunto de fenómenos que nos habilitam a assistir, em tempo real, à mudança na nossa maneira de nos representarmos e de

representarmos as nossas instituições mais importantes e arreigadas, incluindo a escola. (SOUSA & FINO, 2008a, p. 1).

Papert (2008, p.21) em vista do notável atraso da escola, em especial da escola pública, no mundo contemporâneo, expressa seu notável anseio por mudança, ao enfatizar:

A escola pública abrirá o caminho ou, como na maioria das vezes, a mudança primeiro irá beneficiar os filhos dos ricos e poderosos e apenas aos poucos — e com muito esforço — estará nas vidas dos filhos do restante de nós? (PAPERT, 2008, p. 21).

A crítica se dá, sobretudo, porque, na prática pedagógica nada ou quase nada se transformou e, portanto, é urgente repensar a educação e o papel que os professores desempenham nas novas formas de construção do conhecimento, assim como, a interação do aprendiz no ato de aprender. Dessa maneira, a inovação pedagógica surge como meio transformador das práticas pedagógicas. Sobre tal, Fino (2001, p. 5) alerta que:

A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. Transformação da escola e dos seus pressupostos fabris, pelo menos a nível micro, ou seja, no espaço onde se movimentam aprendizes concretos, assessorados por professores que estão empenhados em garantir, de acordo com Seymour Papert (1993), o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. (FINO, 2011, p.5).

Ainda, conforme Fino (2008), o aprendiz e o professor devem se mover como agentes de mudança, capazes de apontar novos caminhos na educação. Sobretudo porque, no mundo considerado pós-moderno, mantém-se a aplicação de um modelo de educação elaborado há três séculos, construído para atender a sociedade industrial, ou seja, que está ainda alicerçado no paradigma fabril – sistema que tinha por objetivo a formação da mão de obra para suprir as necessidades das fábricas. Neste sentido, Behrens (2011) propõe aos educadores, transpor as práticas conservadoras e abraçar práticas inovadoras, de modo que venha satisfazer as necessidades decorrentes da sociedade atual.

Entretanto, lamentavelmente longe de alcançar mudanças significativas, a escola encontra-se à deriva. Uma realidade frequente é a espera por receitas prontas, por parte de considerável número de professores. Vale salientar que, muitas vezes, são os profissionais que ocupam os altos cargos do sistema educacional os responsáveis pelos documentos de currículo, os quais inibem ou não deixam visível as práticas que ocorrem no interior de cada escola. Esses titulares, não raramente, impõem o seu saber e deliberam orientações que devem ser seguidas à risca. Papert (2008) declara que “(...) *todo professor deveria ser encorajado a ir tão longe quanto possível no sentido de desenvolver um estilo pessoal de ensinar.*” Todavia, de modo infeliz, ainda existe o velho ranço do manda quem pode, obedece quem tem juízo que, aliado ao comodismo e, em alguns casos, a pouca formação dos que estão no processo educativo,

colaboram muito para o fracasso da escola. Segundo Fino (2002): *Pela sua simplicidade, e por não exigir tantos conhecimentos nem grande reflexão por parte de quem o aplica _ os professores_ a pedagogia por objetivos tornou-se rapidamente muito popular e, a maioria das vezes, tida por inquestionável. (FINO, 2002, pp. 367-374).*

Além disso, convém ressaltar que as lideranças no sistema educacional brasileiro são constantemente substituídas, o que gera uma descontinuidade dos já falhos documentos curriculares, pois, a cada troca de governo ou de assessores educacionais, interrompe-se um afazer pedagógico, para dar-se início a um novo. Neste contexto, muitos professores vivem à espera de uma fórmula pedagogicamente milagrosa, experimentando novas metodologias, cada vez que uma equipe “salvadora” é outorgada para gerenciar os trabalhos na educação. Fino diz:

Refira-se, ainda, que a inovação envolve obrigatoriamente as práticas. Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas formas do ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas. (FINO, 2008b, pp. 277-287).

No contexto educacional brasileiro, algumas demandas têm reforçado o modelo ineficaz vigente, haja vista que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação julga mais relevante a quantidade de dias letivos do que a qualidade pedagógica do processo desenvolvido nos citados dias letivos ou, ainda, que a quantidade de anos letivos, alterada de 8 para 9 anos no ensino fundamental surtirá efeito sem mudança alguma nas práticas pedagógicas. Outra esdrúxula postura dos processos educacionais é pensar que estará promovendo mudança simplesmente ao modificar as nomenclaturas. Mudanças, nesse sentido, são comuns, como foi a de alterar a nomenclatura de “série” para “ano” dado que não há mudança nos processos pedagógicos, como mencionado anteriormente.

Repensar a educação é urgente e necessário, todavia as mudanças devem acontecer em diversos aspectos e, sobretudo, no modo como se aprende, daí a necessidade crucial de o professor repensar e mudar as práticas pedagógicas. Nesse sentido, Papert (2008, p. 134) profere: *“A outra mudança principal e necessária assemelha-se a um provérbio africano: se um homem tem fome, você pode dar-lhe um peixe, mas é melhor dar-lhe uma vara e ensiná-lo pescar”*. O autor enfatiza que o aluno aprende quando tem autonomia para construir e, não, quando recebe o conhecimento pronto e acabado.

Ao considerar-se que o mundo pós-moderno gira em torno do conhecimento valorizando as múltiplas aprendizagens, recomenda-se que os professores definitivamente persigam a mestria, sobretudo porque a busca pela informação e o entendimento consequentemente

propicia mudanças de percepção e de atitude. Toffler (1972) compreende mudança como um processo que invade a vida do homem. Portanto, as mudanças definitivamente devem partir, em primeiro lugar, da transformação de pensamento e de colocações críticas frente às práticas convencionais, para que, então, o professor possa promover modificações nos contextos escolares, já que desse modo deva se propor a refletir suas práticas que, em contextos atuais, predominam modelos obsoletos.

Para Fino (2001, p. 1) “*A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas tradicionais*”. Para tanto, acredita-se definitivamente que inovar é o caminho acertado para derrubar os muros da velha escola, que hoje desvirtuada na sociedade em constante transformação, paga um alto preço a cada divulgação de resultados de índices de aprendizagem que escancaram e atestam seu fracasso, uma vez que seus alunos sempre aparecem nas últimas posições dos rankings, especialmente referindo-se ao Brasil.

A partir das premissas do paradigma fabril, as escolas passaram a trabalhar com disciplinas isoladas, fato que resultou na simplificação do conhecimento e na fragmentação dos saberes. Essa divisão do conhecimento institucionalizado há dois séculos, fortemente censurada por Morin, tem sido alvo de críticas por conduzir ao pensamento reducionista e simplificador, é considerado um sério problema presente nas práticas educativas escolares. Em sua obra “Educar na era planetária”, Morin aponta alternativas inovadoras para a estruturação de uma escola abrangente e eficiente, adequada às realidades, mas também com base para estender àqueles que a frequentam um desenvolvimento progressivo para que possam auxiliar de forma equilibrada no século XXI. Na abordagem, o autor visa elaborar a teoria do pensamento complexo, enfatizando que é primordial conhecer para onde caminha o planeta e conhecer a condição humana. Morin (2000):

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Esta unidade complexa da natureza humana é totalmente desintegrada na educação por meio das disciplinas, tendo-se tornado impossível aprender o que significa ser humano. É preciso restaurá-la, de modo que cada um, onde quer que se encontre, tome conhecimento e consciência, ao mesmo tempo, de sua identidade complexa e de sua identidade comum a todos os outros humanos. (MORIN, 2000, p. 15).

Desse modo, sugere uma mudança de postura, considerando que o contexto moderno da atualidade que apresenta um estupendo avanço do conhecimento não admite o desprezo ao global. Para o consagrado Morin, o ser humano também não tolera, diz: “*A atitude de contextualizar e globalizar é uma qualidade fundamental do espírito humano que o ensino atrofia e que, ao contrário disso, deve ser sempre desenvolvida.*” (MORIN, 2007, p. 20).

Em razão dessa realidade e para suplantá-la, Morin idealiza a teoria pedagógica da complexidade e transdisciplinaridade, propondo uma forma inovadora de pensar os problemas contemporâneos, como também a religação dos saberes compartimentados, promovendo um olhar de superação do processo de fragmentação. Ainda sob a ótica desta concepção afirma Santos (2008):

A fragmentação do conhecimento, que se generaliza e se reproduz por meio da organização social e educacional, tem também configurado o modo de ser e pensar dos sujeitos. A teoria da complexidade e transdisciplinaridade, ao propor a religação dos saberes compartimentados, oferece uma perspectiva de superação do processo de atomização. (Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008).

Desta feita, pondera-se que a escola deve se afirmar como um local privilegiado de implementação de políticas públicas tomando por base a concepção de que o processo ensino aprendizagem deve visar à formação integral do indivíduo, essencialmente, respeitando os aspectos de âmbito físico, cognitivo, social, mental e moral.

No construtivismo, a interação sujeito e objeto proposta por Piaget, ganha uma nova dimensão em Papert. A proposta de Seymour Papert baseia-se na realização de uma ação concreta que resulta em um produto palpável, ou seja, no construcionismo o aprendiz constrói o conhecimento, usando a criatividade em consonância com sua realidade. Portanto, baseia-se teoricamente na interação aluno e objeto. Essa ideia está em harmonia com a de Piaget (1972, p. 14) quando diz: “o conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem de objetos já constituídos. O conhecimento resulta de interações que se produz a meio caminho entre os dois”. No contexto, Papert acrescenta:

Piaget aumentou amplamente nosso conhecimento do pensamento infantil (...). Todo o funcionamento mental, afirmou, possui duas facetas, que ele chama de assimilação (mudar sua representação de mundo para adequar-se aos seus modos de pensar) e acomodação (adaptar seus modos de pensar para adequar-se ao mundo). (PAPERT, 2008, p. 52).

Tendo em vista que os mecanismos de assimilação e acomodação são pressupostos para a construção do conhecimento, em que a assimilação está ligada à ação do sujeito sobre um objeto e a acomodação, um movimento em que o sujeito troca suas estratégias gerando novas estruturas cognitivas.

Já Vygotsky (1984), importante embaixador para o pensamento construtivista, explica a Zona de Desenvolvimento Proximal – DZP como a existência de uma área que representa a diferença entre o que os aprendizes podem fazer individualmente e o que são capazes de atingir com a ajuda de um instrutor, ou em colaboração com outros aprendizes. O autor endossa que “o nível de desenvolvimento potencial, determinado através de problemas sob a orientação de

um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (Vygotsky, 2000, p. 112). Desse modo, o indivíduo é visto como sujeito integrado com o meio social em que está inserido e seu desenvolvimento é resultado de um processo social e histórico. Para Vygotsky, a linguagem desempenha um papel fundamental que funciona como um instrumento de mediação, possibilitando o convívio social e por consequência o desenvolvimento do sujeito. O construtivista Vygotsky afirma que:

(...) o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente das crianças. (VYGOTSKY, 1984, p. 101).

Dessa forma, o pensamento construcionista considera que o conhecimento é adquirido ativamente num ambiente social por meio da construção e reconstrução, o que possibilita a ampliação da aprendizagem. Dentro dessa perspectiva, a interação com os elementos sociais propiciados pela cultura exerce um papel fundamental para que o aprendiz concretize o abstrato e ainda expresse e dê forma às suas ideias, construindo o conhecimento em vez de recebê-lo. Sobre a construção do conhecimento na perspectiva construcionista, Papert enfatiza:

O construcionismo é construído sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; a educação organizada ou informal poderá ajudar mais se certificar-se de que elas estarão sendo apoiadas moral, psicológica, material e intelectualmente em seus esforços. O tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento. (PAPERT, 2008, p. 135).

Sendo assim, o ensino deve estar alicerçado em problemas que desafiem os aprendizes a procurar soluções baseados na partilha dos conceitos cotidianos e na investigação realizada através do trabalho cooperativo. Contudo, o trabalho do professor é justamente o de planejar situações educativas que promovam a aprendizagem. Nesse sentido, Fino (2004) afirma que:

O pensamento construcionista acrescenta algo ao ponto de vista construtivista. Onde o construtivismo indica o sujeito como construtor activo e argumenta contra modelos passivos de aprendizagem e de desenvolvimento, o construcionismo dá particular ênfase a construções particulares do indivíduo, que são externas e partilhadas. (FINO, 2004, p. 51).

Nas palavras de Fino, o construcionismo é mais amplo que o construtivismo, visto que, prioriza o aprendiz e suas construções como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Para Fino, construcionismo e Inovação Pedagógica não estão necessariamente relacionados à escola. De modo que a Inovação pedagógica está mais presente fora dos seus muros. Convém acrescentar que os ranços da escola tradicional, na maioria das vezes sentenciam esta realidade.

Diferente do pensamento construcionista, o tradicionalismo limita o desenvolvimento do intelecto humano. Na conjuntura, diz Papert (2008):

A educação tradicional vê a inteligência como inerente à mente humana, portanto não necessitando ser aprendida. Isso significaria que é próprio da escola ensinar fatos, idéias, valores, supondo que os seres humanos (de qualquer idade) são dotados, por natureza, com a competência de utilizá-los. (PAPERT, 2008, p. 90).

A escola está muito mais preocupada com o ensinar, ao passo que o construcionismo e a inovação pedagógica têm como eixo o aprender e, portanto buscam alcançar meios de aprendizagem que valorizem a construção e o desenvolvimento do sujeito. Ambos são antagônicos ao tradicional instrucionismo, visto que, trazem na essência o claro desejo de promover um conhecimento significativo para os sujeitos envolvidos no processo. Na composição Fino profere:

(...) nos contextos de aprendizagem coincide com a ideia de Seymour Papert, expressa no seu livro *The Children's Machine: Rethinking schools in the age of computer* (1993), em que ele reclama que um professor construcionista tenta provocar um máximo de aprendizagem com um mínimo de ensino. (FINO, 2008b, p. 1).

Contrariando os processos tradicionais de ensino, no qual se evidencia o ensinar, na visão construcionista, o aprender é prioridade. Vygotsky (2008) sinaliza para a relevância das práticas pedagógicas, aconselhando que a elaboração das mesmas devem considerar as realidades dos espaços sociais dos alunos para nesta relação entre aprendizados adquiridos e novos aprendizados construa-se novos saberes. Aponta também para a importância de promover aprendizagens significativas para o aprendiz, considerando o seu universo cultural, o pensamento e a absorção do conhecimento. Neste contexto, teoricamente o aprendiz constrói o conhecimento de forma autônoma usando a criatividade e considerando a realidade onde está inserido. Papert (2008, p. 27) corrobora ao acrescentar: “(*...*), *sempre ansiei (yearned) por maneiras de aprender pelas quais as crianças pudessem agir como criadores em vez de consumidores de conhecimento, (...)*”. Nas palavras do autor, nota-se a criatividade e a autonomia como foco na construção do conhecimento.

A atitude construcionista no ensino não é, em absoluto, dispensável por ser minimalista – a meta é ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino. Evidentemente, não se pode atingir isso apenas reduzindo a quantidade de ensino, enquanto se deixa todo o resto inalterado. A outra mudança principal e necessária assemelha-se a um provérbio africano: se um homem tem fome, você pode dar-lhe um peixe, mas é melhor dar-lhe uma vara e ensiná-lo a pescar. (PAPERT, 2008, p. 134).

O construcionismo enfatiza, ainda, a importância da criação de ambientes de aprendizagem que oportunizem ampliar a qualidade das interações. Para Papert, as crianças aprendem melhor descobrindo por elas mesmas; na sua concepção, o construcionismo

ultrapassa a perspectiva de ser apenas uma proposta metodológica, dado que além de construir o conhecimento busca a socialização do conhecimento construído. Vygotsky (1982) acrescenta que o sujeito é ativo, ele age sobre o meio e, portanto, o professor precisa fazer mais do que simplesmente arrumar o ambiente de modo que os alunos possam descobrir coisas, mas que devem ser guiados por explicações, demonstrações e interações com outros colegas. Ambos enfatizam, portanto, a relevância da construção social. Papert acrescenta que o modelo de construcionismo proposto é o que oportuniza minimizar o ensino e ampliar a aprendizagem recorrendo a práticas pedagógicas diferenciadas. Sugere que para uma efetiva aprendizagem deve-se considerar a troca de experiências e a contextualização dos aspectos culturais e os históricos do meio social. Enfatiza a necessidade de inserção de práticas pedagógicas que promovam a construção do conhecimento de modo colaborativo e com características multidisciplinares.

Desta feita, assim como a Inovação Pedagógica, o construcionismo não possui um fim em si mesmo e prima pela criatividade, considerando a arte de aprender essencialmente mais valorosa que a arte de ensinar.

Em síntese, a proposta de estrear um novo paradigma está também atrelada ao princípio de que o professor deve inaugurar atitudes transformadoras, tornando-se gerador de mudanças e comprometido com a arte de aprender e não somente com a arte de ensinar, partindo necessariamente do pressuposto de que é preciso mudar a forma de pensar e de agir, visto que as práticas desenvolvidas, em grande maioria ao longo da história da educação, não têm sido eficazes. Na conjuntura compreende-se que a almejada inovação exige uma reflexão dos envolvidos, principalmente do professor já que é uma opção individual que requer um pensar crítico e autocrítico em conjunto com uma mudança de postura nas práticas. Fino (2001, p. 69) bem pondera que: *“Como diria Kuhn, os impasses paradigmáticos apenas resolvem mudando de paradigma, através da negação do paradigma anterior. Negação e descontinuidade, é claro”*. Atingir um modelo pedagógico inovador que se configure uma quebra de paradigma não vem a ser uma tarefa fácil, todavia precisa-se sair da zona de conforto, optando por uma mudança de atitudes pensadas, focada nos contextos e realidades dos escolares.

Fino (2001):

Portanto, a instituição escolar encontra-se perante o dilema de ter de escolher entre a obsolescência e a mudança. Se, por incapacidade de compreender, ou por inconsciência geral, optar pelo caminho que não conduz a nada, não necessitará de fazer coisa nenhuma, a não ser continuar fiel a se própria, que a sociedade se irá livrando dela sem grande desgosto (...). Se optar por mudar, terá de aceitar que a

mudança talvez não possa ser feita apenas nos detalhes, ou pela via meramente incrementadora (mais gadgets, mais disciplinas ou mais tempo dedicado a um núcleo duro disciplinar mais concentrado, mais do mesmo). (FINO, 2001, p. 69).

Contudo, propõe-se que a educação deva optar pela descontinuidade dos processos, se alicerçando numa prática construcionista vislumbrando alcançar resultados inovadores, e que de fato venha favorecer a construção de um saber compatível com as exigências da sociedade atual, propondo a elaboração de uma nova cultura que oriente o desapego aos modelos didáticos e estratégicos priorizando o modo como se aprende, privilegiando os desafios e a criatividade na construção do conhecimento.

Deste modo, compreende-se que, por esse viés, possa haver evidências de que as práticas poderão se configurar como inovação pedagógica, considerando que neste processo o aprendiz é compreendido como foco, podendo tornar-se construtor do conhecimento já que prima-se pelo respeito às suas experiências e a interação com os outros e com o mundo gerando novos conhecimentos. Dessa forma, o rompimento da escola fabril tornar-se-á uma realidade, estreando-se um novo paradigma fundamentado não mais na didática e sim na matética.

CAPÍTULO 2: MORIN E A PROPOSTA DA COMPLEXIDADE

Para melhor compreender a proposta da Complexidade de Edgar Morin, convém discutir o conceito da palavra paralelamente à idealização teórica que ela carrega. Conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, complexidade significa *“característica do que é complexo, de difícil compreensão ou entendimento... Qualidade daquilo que possui múltiplos aspectos ou elementos cujas relações de interdependência são compreensíveis”*. Morin aponta a indispensabilidade de acrescentar o conceito de que a complexidade está na natureza da relação entre o simples e o complexo.

(...) a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. Os desenvolvimentos próprios a nossa era planetária nos confrontam cada vez mais inelutável com desafios da complexidade. Em consequência, a educação deve promover a “inteligência geral” apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo multidimensional e dentro da concepção global. (MORIN, 2000, p. 38).

A denúncia de uma crise de fundamentos no conhecimento científico direciona Morin para a elaboração da concepção da complexidade a qual explicaria a crise por meio da exigência de objetividade. Preconizaria uma relação entre objetividade e subjetividade, questionando as teorias, desafiando convicções e abrindo trilhas para o imprevisível, visto que os fatos são impuros, porém merecedores de serem considerados pelo cientista que desejar conhecê-lo mais profundamente. Desta feita, se entenderia o problema empenhando-se em fugir do consenso. Isto é, a partir do conflito é que se abre espaço para a empiria e para a racionalidade, para a suposição e para a averiguação.

Edgar Morin apresenta a complexidade como uma possibilidade para superar o pensamento reducionista e simplificador que fora desenvolvido com a chegada da indústria e muito assimilada pela educação em seus diversos níveis. Na obra intitulada “Introdução ao Pensamento Complexo”, discute a “complexidade”, discorrendo quanto ao que ela exprime e como ela se constituiu em sua vida. Para ele, pensamento simples é parte de um pensamento. Neste sentido, a proposta desafiadora é poder conceber uma articulação entre os mais diversos campos de pesquisas e disciplinas.

Há que se discutir a complexidade à luz de Morin, percebendo a inquietação que o faz pensar a complexidade, isso porque diante da composição dos processos advindos do paradigma fabril no qual as escolas modificaram-se em favor da indústria, trabalhando com disciplinas isoladas, resultou na simplificação do conhecimento e na fragmentação dos saberes.

Contribuindo com o exposto Behrens (2011) acrescenta que:

A forte influência do pensamento newtoniano-cartesiano fragmentou o saber, repartiu o todo, dividiu os cursos em disciplinas entanques, em períodos e em séries. Levou as universidades a se organizarem dividindo a ciência em centros, departamentos, divisões e seções e com esse processo burocrático e robótico restringiu cada profissional a uma especialidade, impulsionando a especificidade, perdendo a consciência global, e provocando o afastamento da realidade em toda sua plenitude. (BEHRENS, 2011, p. 22).

Dessa feita, diante do cenário do século XX, no qual a tecnologia da informação se desenvolveu de modo frenético, da globalização econômica e diante do fim da polarização ideológica entre capitalismo e comunismo no encadeamento internacional, Morin julgou relevante propor uma concepção do próprio conhecimento, na qual deve-se suplantar a especialização, a simplificação, a fragmentação de saberes pela complexidade que, no sentido etimológico latino, é *“aquilo que é tecido em conjunto”*.

Aponta a reforma do pensamento como caminho para assertivas mudanças educacionais, visto que o modo de pensar costumeiramente tem se mostrado ineficiente no cenário atual. Morin (2007):

A reforma necessária do pensamento é aquela que gera um pensamento do contexto e do complexo. O pensamento contextual busca sempre a relação de inseparabilidade e as inter-relações entre qualquer fenômeno e seu contexto, e deste com o contexto planetário. O complexo requer um pensamento que capte relações, inter-relações, implicações mútuas, fenômenos multidimensionais, realidades que são simultaneamente solidárias e conflitivas (como a própria democracia que é o sistema que se nutre de antagonismos e que, simultaneamente, os regula), que respeite a diversidade, ao mesmo tempo que a unidade, um pensamento organizador que conceba a relação recíproca entre todas as partes. (MORIN, 2007, p. 21-22).

Para Morin, a reforma deve começar pelo pensamento, porque, a partir de então, este deverá tornar-se capaz de captar contextos de modo holístico, ou seja, o global, o todo. Desse modo, considera que *“o todo é maior do que as partes”* e então quando se toma o todo se vê a riqueza das qualidades das partes, por ficarem inibidas, impedidas de expressarem-se em sua inteireza. Portanto, *“o todo é menor do que a soma das partes”*, todavia é uma dinâmica na qual *“o todo é, ao mesmo tempo, menor e maior que a soma das partes”*. Propõe que a complexidade poderia ser dilucidada a partir de três princípios: o do diálogo (considerando a dualidade entre ordem e desordem), da recursão (despontando os ideais de causa e efeito) e do holograma (compreendendo o todo por meio das partes e vice-versa), sem contudo desconsiderar o acaso.

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente interativo e inter retroativo

entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2002, p. 38).

Remete, portanto, a ideia de considerar a totalidade, ao modo complexo de pensar, sobretudo, idealiza a superação do processo reducionista dos métodos tradicionais de ensino, recomendando um pensamento sobre o próprio pensar e seus métodos. Morin (2007) acrescenta que:

Não é mais suficiente, nos dias atuais, problematizar unicamente o homem, a natureza o mundo e Deus, mas é preciso problematizar o que traria soluções para os problemas da ciência, da técnica, do progresso, para o que acreditávamos que era a razão e que, comumente, não era nada mais que uma racionalização abstrata (MORIN, 2007, p 23).

Desse modo, recomenda-se a adoção de práticas pedagógicas que sejam compatíveis com o atual cenário no qual os acontecimentos têm efeitos globais e, portanto, faz-se necessário considerar o ser humano em sua totalidade, sua espiritualidade, sua cultura, assim como o mundo em que vive, considerando aspectos ambientais e outros

2.1 A fragmentação do saber frente ao mundo globalizado

Ao cenário atual do sistema capitalista e sua consolidação no mundo, é empregado o termo globalização. Diversos autores conceituaram globalização de formas distintas. Em síntese, ela é compreendida como a integração intensa das relações socioespaciais em escala mundial operacionalizada pela interligação entre as diferentes partes do globo terrestre.

Para Sacristán (2002), apud Soares (2007), a globalização significa o estabelecimento de interconexões entre países ou partes do mundo, se intercambiando as formas de viver de seus indivíduos, o que eles pensam e fazem, criando-se interdependências na economia, na defesa, na política, na cultura, na ciência, na tecnologia, na comunicação, nos hábitos de vida, nas formas de expressão etc.

Vale ressaltar que a característica primordial da globalização é essencialmente estar em constante evolução fazendo com que a interligação por ela engrenada seja cada vez maior ao longo do tempo. Conforme Giddens (2007) *“a globalização não é um acidente em nossas vidas hoje. É uma mudança de nossas próprias circunstâncias de vida. É o modo de vivermos agora”*. Ela, portanto, é um processo em curso, dinâmico e mutável. No contexto das mudanças globais Giddens (2007) acrescenta:

A globalização não somente puxa para cima, mas também empurra para baixo, criando novas pressões por autonomia local. O sociólogo americano Daniel Bell descreve isso muito bem quando diz que a nação se torna não só pequena demais para resolver os grandes problemas, como também grande demais para resolver os pequenos. (GIDDENS, 2002, p. 23).

Estamos, portanto, diante de um processo complexo e abrangente de domínio econômico que inevitavelmente tem mudado todas as estruturas. Seus impactos são visíveis não apenas na economia, política, ciência, comunicação e tecnologia, mas, sobretudo no modo de vida dos atores sociais em todo o mundo. Entretanto, a sociedade globalizada e informatizada com amplo acesso às tecnologias não se configura garantia de uma escola embasada em um paradigma educacional ajustados a este contexto.

Vale destacar a fragmentação do saber como um processo que teve início no século XVII, consolidando-se no século seguinte se perdura em dias atuais configurando-se uma extrema divergência aos processos de globalização. Dado que, o mundo globalizado exige demandas de contextos globais não simplificados. Na conjuntura Toffler (1973):

Mesmo nos dias de hoje, retém em si mesmo elementos retardatários e retrógrados, vindos da sociedade pré-industrial. Todavia a idéia integral de reunir massas de estudantes (matéria-prima) para serem trabalhadas por professores (operários) numa escola centralmente localizada (fábrica) foi um golpe genialmente industrial. A hierarquia administrativa inteira da educação, à medida que crescia, seguiu o modelo da burocracia industrial. (TOFFLER, 1973, p. 334).

Desse modo, Santos (2008) pondera:

Não há dúvida de que o princípio de fragmentação acumulou conhecimentos, ocasionando um verdadeiro boom tecnológico hoje altamente visível e vivenciado. No entanto, no cerne desse progresso vem se praticando um outro tipo de relação com o conhecimento, na forma de rede de relações, o que sugere mudança conceitual e princípios mais adequados ao estágio atual de desenvolvimento da ciência. (SANTOS, vol. 13, n 37, pp. 73, 2008).

Portanto, devido ao avanço tecnológico, hoje vivemos um grande dilema numa era digital e, sobretudo, em um mundo globalizado. A escola precisa repensar o processo disciplinar e a construção do saber nos processos educacionais, a fim de construir novas possibilidades para dar melhor qualidade na formação dos escolares. Discutir novas propostas deve ser uma tarefa a ser perseguida, compreendendo o significado e a função que a mesma tem no desenvolvimento cognitivo, na capacidade de interação, socialização, comunicação, autonomia e transformação no meio social em que vive o educando, constitui um forte pressuposto para a mudança. Compreender o educando em suas especificidades é uma proposta inovadora que deve surgir a partir de uma reflexão crítica do docente.

O saber fragmentado está na mão inversa à realidade mundial, tendo em vista que, como a própria nomenclatura por si só explica, não cabe a simplificação considerando que tudo passou a ser global e, portanto, faz-se necessário ver o mundo e o ser em sua totalidade.

Moraes (1997) contribui dizendo que:

A ciência está exigindo uma nova visão de mundo. Diferente e não fragmentada. A atual abordagem que analisa o mundo em partes independentes já não funciona. Por outro lado, acreditamos na necessidade de construção e reconstrução do homem e do mundo, tendo como um dos eixos fundamentais a educação, reconhecendo a importância de diálogos que precisam ser restabelecidos, com base em um enfoque mais holístico e em um modo menos fragmentado de ver o mundo e nos posicionarmos diante dele. (MORAES, 1997, p. 20).

Entretanto, percebe-se que a escola não está sabendo como lidar com a nova estrutura, com o novo contexto educacional e social, sobretudo por continuar reproduzindo um modelo de educação do século passado.

Uma das causas das dificuldades na aprendizagem e na prática pedagógica é a fragmentação do conhecimento, que cada vez mais se especializou em disciplinas, dividindo os saberes em partes, criando metodologias e linguagens próprias e independentes direcionadas à sua explicação, criando assim, compartimentações isoladas e específicas das aprendizagens, que por si são dissociadas de toda a realidade daqueles que as experimentam (JAPIASSU, 1976; FAZENDA, 1979; BATISTA, SALVI, 2006. apud ALVES, 2011, p.80).

Para Alves, a divisão dos conhecimentos têm dificultado a construção do conhecimento, pois, os conhecimentos disciplinares estão distantes do ideal de aprendizagem integral e globalizada. No mundo globalizado tudo se move freneticamente, e devido as imprecisões do mundo atual, Morin (2007) propõe que: “Como o futuro é absolutamente incerto, é preciso pensar com e na incerteza, mas não a incerteza absoluta, porque sempre navegamos num oceano de incertezas por meio de arquipélagos de certezas locais”. Moraes (1997) afirma que:

O futuro não é algo predeterminado ou imposto, muito pelo contrário, ele depende de nossas ações e atuações no presente. Depende de nossa consciência coletiva e individual, da forma como o planejamos, da maneira como focalizamos as nossas necessidades futuras, dos caminhos que escolhemos e compartilhamos no presente. Assim, as sociedades que não souberem compreender as mudanças e que não proporcionarem a todos os seus membros a oportunidade de uma educação relevante ficarão à margem dos acontecimentos históricos. (MORAES, 1997, p. 133).

Portanto, Toffler (1973) considera positivo projetar neste mundo de incertezas para melhor adaptar-se e tomar decisões:

O indivíduo capaz de adaptar-se parece estar capacitado a projetar-se no futuro a uma distância “exata” no tempo, examinar e avaliar os cursos alternativos de ação aberta a ele, antes da necessidade de uma decisão final, e tomar decisões exploratórias de antemão. (TOFFLER, 1973, p. 351).

Ter uma visão futurista, na visão de Toffler, é essencial para adaptar-se às mudanças constantes sobretudo porque adaptar-se em sua visão não é sinônimo de inércia, pelo contrário, ao projetar um pensamento futurista, há de se transformar também a forma de pensar se projetando no tempo e no espaço, sobretudo se capacitando.

De fato, se a fragmentação do saber fora fortemente reafirmada e, portanto, se o paradigma fabril persiste neste século, desencadeando um grande desafio para educação atual a proposta desafiadora em dias atuais é ultrapassar a segmentação, a divisão do conhecimento e isso demanda muito estudo e planejamento eficaz. Para Morin (2007), não se pode conceber concepções isoladas, diz “(...) *nessa época de mundialização, os grandes problemas são transversais, multidimensionais e planetários*”. E, portanto, esclarece que a nova ciência da complexidade permite multiplicidades de teorias e não teorias objetivas em si mesmas.

Apesar das mutações, as instituições educacionais, nos vários níveis, não têm se capacitado para se adequar ao novo contexto, prova disso é o fato de martelar acerca do ensino fracionado. Mas fazendo breve análise do saber e sua fragmentação ao longo da história, nota-se que ela não tem raízes apenas no século XVIII, os célebres filósofos Platão e Aristóteles já dividiam os saberes por área, todavia, constataram a necessidade de diálogo contínuo entre elas, para tanto utilizavam a filosofia como conexão.

Nesse sentido, convém reforçar que a cristalização da fragmentação do conhecimento se concretiza juntamente com o processo de industrialização advinda do positivismo de Comte e do modelo cartesiano de Descartes. Santos (2008) profere:

Os princípios que fundamentam as organizações sociais, culturais, educacionais se apoiam, basicamente, na recomendação de Descartes (1973, p. 46), segundo a qual, quando um fenômeno é complexo, se deve “dividir cada uma das dificuldades [...] em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-la”. (SANTOS, 2008, p. 1).

Ocorre que, a partir das novas concepções, a educação sofre drástica influência passando por um processo de pulverização do conhecimento que culmina com dicotomização entre os saberes. Mas a globalização tem forçado um novo pensar e uma nova prática educacional. Morin (2002) acrescenta:

O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro. (MORIN, 2007, p. 104).

A indicação de uma educação adequada à nova realidade bem frisada por Edgar Morin contrapõe-se ao modo como os processos mundiais de educação têm se posicionado frente à nova realidade, visto que, tendo a sociedade se transformado numa sociedade de conhecimento global e de contextos estritamente capitalistas, as regras do que a escola precisa ensinar são demandadas do próprio capitalismo repetindo, de certo modo, o princípio dos processos de industrialização quando adaptou a educação aos interesses industriais daquele momento. A imposição do capitalismo é perceptível, por exemplo, nas políticas do Banco Mundial sobre os sistemas educativos mundiais.

O PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudante – tem por objetivo comparar o desempenho de alunos na faixa de 15 anos de idade em todo o mundo. Embora positivamente possa contribuir para discutir a qualidade de ensino nos países participantes e possivelmente subsidiar políticas de melhoria do ensino básico, é impreterível considerar as intenções financeiras dos países sobre os países pobres que conduzem os sistemas educacionais destes a elaborarem o currículo que se ajuste à economia globalizada. Na composição, em artigo publicado na Revista Tempos e Espaços em Educação, Fino (2016) transcreve do IAVE (Instituto de Avaliação Educativa), o seguinte:

O PISA faz um retrato de cada país e compara-o com os restantes, proporcionando uma medida da eficácia da educação de cada país face aos padrões de desempenho estabelecidos pela OCDE. Apesar de não permitirem identificar os efeitos da política educativa de cada país, os resultados do PISA possibilitam que os decisores revejam as suas políticas e estabeleçam metas baseadas em padrões de desenho definidos internacionalmente. (FINO, 2016, Revista Tempos e Espaços em Educação, v. 9, n. 18, p. 13-22).

Dessa feita, esse processo configura-se na forma mais sólida de pressionar as nações pobres a efetivarem os acordos financeiros internacionais, firmados com os países ricos. Isso tem impulsionado a elaboração e execução de modelos de avaliação educacional interno nestes países – a exemplo do Brasil e, assim, pode subsidiar também mudanças educacionais baseadas nesses resultados internos. Embora todos estes processos colaboram bem verdade com o distanciamento com a transformação paradigmática desejada pelos maiores estudiosos em educação. No composição, Fino (2016) corrobora ao enfatizar:

Essas políticas não estão interessadas em apoiar nenhum tipo de especificidade nacional, muito menos de encorajar entre os países quaisquer projeto de transgressão ou de heterodoxia. Pelo contrário, visam garantir a comparabilidade, sabendo de antemão que só é comparável o que é semelhante. (FINO, 2016, p. 16).

E acrescenta:

Como estou consciente destes condicionantes, e porque me interesse por inovação pedagógica, que entendo, essa sim, como heterodoxia, rutura paradigmática,

disrupção, cuja ocorrência é praticamente impossível no território curricularizado da escola, é com bonomia que constato e reafirmo que a palavra transgressão não faz qualquer sentido quando associada a currículo. (FINO, 2016, p. 16).

Nesse contexto, o saber fragmentado continua sólido, haja vista que o modelo de avaliação nada mais é que um exame no qual o estudante é estimulado a dominar os conhecimentos disciplinares determinados pelo currículo. A questão global a partir da complexidade sugerida por Morin representa um grande desafio.

Segundo Morin (2007):

(...) o desafio da complexidade reside no duplo desafio da religação e da incerteza. É preciso religar o que era considerado como separado. Ao mesmo tempo, é preciso aprender a fazer com que as outras certezas interagem com a incerteza. (MORIN, 2007, p. 63).

No contexto, é imprescindível uma nova organização educacional de modo a pensar os problemas e as culturas globais. Portanto, abandonar as velhas práticas educacionais de métodos tradicionais e abraçar práticas inovadoras que superem a fragmentação do conhecimento é imperioso, haja vista que este modelo vigente não está em sintonia com a conjuntura mundial atual. Todavia, procurando se posicionar criticamente e considerando o contexto global, de modo a não ser engolida pelo controle do capital, da informatização e das tecnologias produzidas pelo mundo globalizado.

2.2 A construção do conhecimento esportivo escolar na trilha da Complexidade

A construção do conhecimento no contexto escolar deve-se originar a partir da interação entre alunos, professor e temas pertinentes a aprendizagem e seus processos. A mediação do professor deve seguir o caminho de promover a harmonia entre alunos e aprendizagem. As práticas pedagógicas devem direcionar os alunos para a produção do conhecimento e não para a reprodução, considerando o produtor deste conhecimento em sua inteireza. Moraes (1997) ressalta que:

(...) o oferecimento de uma educação voltada para a formação integral do indivíduo, para o desenvolvimento da sua inteligência, do seu pensamento, da sua consciência e do seu espírito, capacitando-o para viver numa sociedade pluralista em permanente processo de transformação. (MORAES, 1997. p. 211).

Partindo da possibilidade do desenvolvimento do trabalho pedagógico na esfera esportiva, almejando caminhos relevantes capazes de oferecer uma educação que não despreze a compreensão da complexidade dos fenômenos, considera-se um caminho viável que deve ser

discutido nas escolas. A Educação Física é percebida como uma disciplina que concede, ao educando, a possibilidade de construir conhecimentos conforme os desafios motores a ele oferecidos. Alves (2011. p. 21) esclarece que:

A Educação Física é uma disciplina educacional que trabalha além do físico, o intelecto e as relações sociais e não deve somente restringir-se aos conteúdos ligados à esportivização (iniciação e treinamento esportivo). Seus conteúdos devem atender às necessidades da formação integral do cidadão e não mais trabalhar de forma isolada, em que seu fim é sua simples prática, mas sim integrada à proposta de formação. (ALVES, 2011. p. 21).

Infelizmente, a realidade mostra que a escola ainda não está sendo capaz de gerar novos ambientes de aprendizagens, nos quais o indivíduo possa ser compreendido em sua multidimensionalidade. O embasamento na Teoria da Complexidade é expressivo no contexto das inúmeras frequentes mudanças, advindas do cenário de impactos sociais, resultante da chegada das tecnologias de comunicação, principalmente. Toffler (1973) profere:

Se fosse apenas a tecnologia que tivesse sido liberada, nossos problemas já seriam demasiadamente sérios. O fato espantoso é que, não obstante, muitos outros processos sociais também começaram a se impor de uma maneira livre, oscilando freneticamente, e resistindo aos nossos melhores esforços para controlá-los. (TOFFLER, 1972, p. 372).

Neste sentido, recomenda-se uma Educação Física escolar que ultrapasse as barreiras da simples atividade física, divertimento, ocupação de tempo ocioso por aplicações e intenções amplas humanizadas, considerando o desenvolvimento de escolares sem desprezar os fenômenos complexos. As relações tornaram-se cada vez mais complexas, o mundo é complexo e, portanto, não é suficiente educar desprezando os contextos dos autores. A proposição da Teoria da complexidade deve ser o desafio a ser abraçado pela escola como todo, então, colocá-la em debate pode ser o início da busca de caminhos expressivos e capazes para dar melhor compreensão.

Ao apropriar-se dos conhecimentos teóricos, sugere-se que a escola construa um modelo inédito de educação, no qual envolva democraticamente a sociedade onde está inserida e conceba o mundo como um todo propondo a superação da fragmentação do conhecimento e a valorização das múltiplas inteligências, favorecendo o trabalho coletivo, o espírito crítico, a curiosidade e a incerteza, tornando o aluno produtor do conhecimento e, principalmente, interpretando-o como um ser complexo. Marinho et al. (2007) reitera:

Logo, a educação deve caminhar para a vida afetiva, intelectual, corporal, social e espiritual do aluno, sem divisões tão usadas nas escolas. Sabemos hoje que educar não é apenas estar preparado para o mercado de trabalho e acumular informações e conhecimento. Pelo contrário, o mundo exige pessoas com uma visão ampla, o que engloba autoconhecimento, desejo de aprender, capacidade de tratar com o

imprevisível e a mudança, capacidade de resolver problemas criativamente, aprender a vencer na vida sem derrotar os demais, aprender a gostar de progredir como pessoal total e crescer até o limite de nossas possibilidades, que são infinitas. (MARINHO et al. 2007, p. 38).

A escola precisa mudar o modelo de organização burocrático de estruturas hierarquizadas, no qual a maioria das decisões, ainda tomadas de cima para baixo, distanciam os autores e definitivamente descontextualizam-na do mundo vigente, esta precisa se desprender das amarras burocráticas e com autonomia nos processos compreender o indivíduo em sua totalidade possibilitando torná-lo capaz de ser participante dos processos. Moraes (1997) diz que o aprendiz deve ser visto como foco, como diferente e único porque ele é um ser de relações. Deste modo acrescenta que:

É um ser dotado de inteligências múltiplas em sua individualidade biológica, com diferentes perfis cognitivos e estilos de aprendizagem e, conseqüentemente, com diferentes habilidades para resolver problemas. Um indivíduo que aprende, representa e utiliza o conhecimento de modo diferente que conhece o mundo de uma maneira específica dependendo do perfil de inteligência que possui, do contexto e da cultura em que foi gerado. Um aprendiz que é produto e síntese de experiências pessoais interiores e exteriores com a comunidade externa, um sujeito que é histórico e, ao mesmo tempo, sujeito da história, construtor da sua história. Um ser espiritual em busca de sua transcendência, numa viagem individual e coletiva em busca do significado da vida. (MORAES, 1997, p. 139).

Considera-se impreterível que a escola atue democraticamente, agindo de modo transformador, modificando as relações entre educador e educando, escola e contexto social, e sobretudo dialogando com as culturas e os contextos globais.

CAPÍTULO 3: A PRÁTICA DESPORTIVA NUMA PERSPECTIVA DE RESSIGNIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A escola, para sustentar-se como instituição, deve desempenhar um papel imprescindível na formação dos indivíduos, estes devem ser capazes de adaptar-se no mundo em constantes mudanças e imensuráveis dificuldades. Nesse contexto, espera-se que o processo educativo possibilite não somente uma adequação à sociedade, mas sobretudo uma inserção autônoma e construtiva. Para Marinho et al (2007):

A educação, em sua essência, é a formação do homem pela sociedade, na qual todos educam permanentemente, no entanto, o que está para ser desvendado na educação é o da transformação da forma de ver, conceber e entender as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas, que nos afetam direta e indiretamente. O desafio é encontrar o caminho da reconciliação e da superação das divergências impostas por tais mudanças. (MARINHO et al, 2007, p.11).

Bento (2012) enfatiza:

Qualquer atividade proposta deve visar a aquisição de competências (motoras, a activas e sociais, etc), que devem ser encaradas como estruturantes do desenvolvimento da criança, logo não devem ser vistas como um fim em si mesmas mas apenas como um meio para a aprendizagem e realização das mais diversas “habilidades”. Como nos referem os programas, é fundamental desencadear um processo que vise o domínio das competências básicas que preparem e garantam as aprendizagens futuras. (BENTO, 2012, p. 164).

Nesse sentido, o esporte me parece um caminho no qual se possa encontrar uma atuação diferenciada por parte de docentes acessíveis às demandas dos estudantes. Tubino (1987, p. 25) corrobora dizendo: *“(...) de um modo geral, além de ser exercício físico, ter caráter competitivo, e cumprir funções relevantes como higiênica, a educativa, a hedonística, a biológica, a de promoção social, constitui-se numa conduta lúdica de alcance psicossomático”*.

Mesmo sem expressarem a necessidade de serem sujeitos do conhecimento, os alunos atuam, a nosso ver, muito bem quando envolvidos em uma construção autônoma do saber. Ademais, a educação se faz na amplitude do ser. Afinal: *“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino, e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e manifestações culturais.”* (BRASIL, 1998, p. 07). Medina (1985) acrescenta que:

(...) educação seria um processo pelo qual os seres humanos buscam sistemática ou assistematicamente o desenvolvimento de todas as suas potencialidades, sempre no sentido de uma auto-realização, em conformidade com a própria realização da sociedade. Nas palavras de Saviani, ela seria “o processo de promoção do ser humano que, no caso, significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos

de sua situação para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da comunicação e colaboração entre os homens”. (MEDINA, 1985, p. 47).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) homologa a importância da formação do indivíduo enfaticamente no artigo 1º, entretanto sabe-se que propiciar tal formação não vem a ser uma tarefa fácil, todavia considerar seu grau de importância no contexto social é imprescindível. A aprendizagem esportiva na escola deve considerar a valorização do respeito, a inclusão social, o direito, o dever e a formação integral do cidadão. Nesse contexto Kunz afirma:

(...) os alunos devem ser instrumentalizados além de capacidades e conhecimentos que lhes possibilitam apenas praticar o esporte. Nesse sentido, é da mais alta importância, sem dúvida, competência comunicativa que lhes possibilita a comunicação, não apenas sobre o mundo dos esportes, mas para todo o seu relacionamento com o mundo social, político, econômico e cultural. (KUNZ, 2004, p. 29-30).

Contudo, para atingir esse fim, há a demanda de ações conjuntas entre os atores sociais como também a integração de saberes no âmbito escolar, haja vista que, de acordo com Morin, os saberes compartimentados, a divisão disciplinar, tem sido um grande entrave para a construção dos conhecimentos.

3.1 A importância da prática desportiva na Educação

A Educação Física é obrigatória no currículo escolar por sua relevância. Por meio de sua prática os escolares desempenham atividades físicas que favorecem a descoberta do próprio corpo e realizam movimentos que possibilitam o desenvolvimento de inúmeras habilidades e competências. Alves (2011, p. 21) contribui dizendo que: “*A Educação Física é uma disciplina educacional que trabalha além do físico, o intelecto e as relações sociais (...)*”. Deste modo, estende-se que a viabilidade de construir conhecimentos a partir de desafios motores faz da disciplina uma forte aliada para todas as áreas do conhecimento. A Educação Física configura-se como um instrumento que favorece o desenvolvimento físico, psíquico e social do aluno, melhor dizendo, seu desenvolvimento integral. Por meio de exercícios físicos, ginástica, jogos, competições, danças etc., desenvolve-se qualidades físicas, psíquicas e sociais, como resistência, força, flexibilidade, velocidade, atenção, concentração, respeito, segurança, espírito de solidariedade e conciliação social. Tubino (1987) declara:

Quanto aos valores com que o esporte pode contribuir para a sociedade, Cazola Prieto reconhece que o fenômeno esportivo conduz os homens a inúmeras virtudes sociais,

levando-os à convivência, à coesão e identificação social, além de valorizar o tempo do ócio como tempo eminentemente pessoal. (TUBINO, 1987, p. 59).

Nessa perspectiva, pontua-se que a atividade desportiva, como aparato pedagógico, deve se integrar à função geral da educação, de desenvolvimento das individualidades, de formação para a cidadania e de orientação para a prática social. Desse modo, a prática esportiva serve como instrumento educacional objetivando o desenvolvimento íntegro das crianças, adolescentes e jovens, no sentido de preparar o sujeito para lidar com suas expectativas e até mesmo com o desejos dos outros, possibilitando o desenvolvimento de competências básicas que viabilizam o desenvolvimento individual e social.

Sabe-se que o contexto atual exige pessoas com capacidade de lidar com o imprevisível e a mudança, dotadas de capacidade de usar a criatividade, com facilidade de trabalhar em equipe e munido de desejo de aprender, portanto, compreende-se que o atividade da Educação Física possibilita a promoção destas qualidades, haja vista, que o movimento corporal favorece a construção de conhecimentos essenciais à vida, principalmente a compreensão da convivência, o trabalho em grupo e o respeito.

Marinho et al (2007) cita Freire:

Freire defende uma “educação de corpo inteiro”, que segundo ele, possui três dimensões: a educação da sensibilidade, que se daria pela entrada de estímulos; a educação da motricidade, que se daria e se expressaria pelo movimento; a educação do símbolo, em que seria utilizado o universo da fantasia, o qual faz parte do mundo da criança e está mais próxima dela. (MARINHO et al, 2007, p. 92).

De fato, a Educação Física tem sua relevância no processo de aprendizagem dos escolares desde cedo, a simplicidade do ensinamento de noções como “em cima”, “embaixo”, entre outros, com a utilização do recurso corporal é um exemplo. O simples brincar proporciona à criança momentos de alegria e aprendizagem. Ao ser verificada a ação da Educação Física no aluno, chega-se à concepção de Vygotsky, em que o brinquedo (comumente uma bola, nas atividades esportivas) coloca a criança em ação, ou seja, ela interage para o desenvolvimento da atividade, até mesmo no espaço físico, já que as atividades, em sua grande maioria, acontecem em outros espaços diferentemente da sala de aula, como pátio, quadra, ginásio e outros. As práticas realizadas em grupos, por meio de jogos ou brincadeiras contribuem para a socialização e o desenvolvimento da aprendizagem.

Deste modo, percebe-se que entre os diversos ganhos da atividade física destaca-se a constituição da zona de Desenvolvimento Proximal, dado que a brincadeira possibilita uma situação de transição entre a ação da criança com objetos palpáveis e suas atuações com

significados. Por intermédio dos valorosos estudos de Vygotsky, compreendemos que quanto mais aprendizagem, maior o desenvolvimento e, portando, a relevante função da disciplina em explorar a estimulação da Zona de Desenvolvimento Proximal, a Zona de Desenvolvimento Potencial (sendo ela o nível de desenvolvimento pelo qual a criança necessita de ajuda para executar algo que ainda não consegue fazer sozinha) e a Zona de Desenvolvimento Real (que é o nível de desenvolvimento onde a criança já consegue executar uma tarefa sozinha). Neste processo, pondera-se a apreciação da individualidade de cada indivíduo no grupo, já que por meio da atividade, jogo ou brincadeira acontece a troca de ideias, o saber conviver com as diferenças, a construção de regras, a elaboração do caráter e a forma de olhar o mundo. Neste contexto, considera-se que a Educação Física torna-se contribuidora para o desenvolvimento da aprendizagem no âmbito formal e também para a vida. Por seu caráter transdisciplinar, configura-se uma via pedagógica para a construção de saberes com superação da fragmentação vigente.

O potencial da Educação Física no contexto escolar tem sido fortemente explorado por profissionais que atuam de forma diferenciada, estes compreendem o aluno como um ser integral e, portanto, oferecem um trabalho transformador desempenhando o papel de mediador entre o aluno e o mundo, instigando e viabilizando mudanças no desenvolvimento dos escolares. Medina (1985) afirma que:

Os profissionais de Educação Física, quaisquer que sejam as suas áreas de atuação, só se realizam na medida em que assumem plenamente o seu papel como agentes de renovação e transformação. (...) são capazes de auxiliar e abrir novas perspectivas para que cada um e todos sejam donos de seus destinos. Eles devem agir como sujeitos de sua própria história e não como peças de uma engrenagem (...). O fato de se assumir uma Educação Física preocupada com o ser total pode significar a passagem da alienação para a libertação. (MEDINA. 1985, p. 86).

Deste modo, o aluno deixa de ser somente um sujeito que aprende, contudo, aquele que aprende na interação com os demais e com a sociedade. Contudo, muitos têm a ideia de ganho físico, apenas, mas os benefícios da atividade física vão muito além no contexto escolar. Medina (1985, p. 33) afirma: “*As atividades físicas, como expressão de lazer, como expressão de trabalho ou expressão de valorização genuinamente humana, têm sido motivo de maior atenção nos últimos tempos por parte de psicólogos, psiquiatras, sociólogos, educadores, filósofos e, obviamente políticos*”. A busca pelo bem-estar individual e coletivo tem se ampliado para todos os níveis, para tanto, o ser humano têm recorrido às práticas esportivas que se configuram como fundamentais no cotidiano da população, por contribuírem para a preservação de uma vida saudável.

Assim, a contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem se dá em vários aspectos, além de todas as benesses já pontuadas, vale ressaltar que no contexto escolar ela pode inclusive contribuir para minimizar e até precaver dificuldades de aprendizagem, possibilitando a evolução da autonomia e da autoestima dos escolares. E por configurar-se como um meio eficaz na construção do conhecimento, na socialização, na formação integral de crianças, adolescentes e jovens, a atividade desportiva tem ganhado espaço e, por tudo isto inúmeros projetos, ONGs e programas sociais adotaram o esporte como instrumento predominante das atividades formativas desenvolvidas em seus ambientes.

3.2 Os desafios da prática pedagógica na Educação Física escolar

No século passado, o esporte ganhou importância que vai além do campo do lazer e/ou entretenimento, fato que incitou a escola repensar a prática do esporte, ou seja, a prática pedagógica na disciplina de Educação Física. E, embora a ginástica tenha sido conteúdo favorecido até metade do século XX, o esporte em geral ganhou espaço no currículo escolar a partir de então. Alves (2011) destaca a influência de aspectos internacionais na Educação Física no Brasil:

Os métodos europeus fundamentavam a Educação Física neste período, implantando-se uma sistematização sustentada nos modelos ginásticos sueco, alemão e, posteriormente, francês (BRASIL, 1997). Desse modo, movimentos amplos, de natureza cultural, política e científica, caracterizavam as atividades. No início do século XX. A Educação Física passa a apresentar duas concepções dominantes: a higienista, caracterizada pelos hábitos de higiene e saúde, trabalhando o desenvolvimento moral e físico, além de capacitar e preparar os indivíduos para o trabalho na indústria, a partir de exercício; e a militarista, que visava à formação e à preparação do indivíduo para a guerra e, para isto, era necessário selecionar os homens melhores preparados fisicamente, excluindo os incapacitados (DARIDO, 2008a). (ALVES, 2011, p.17).

Contudo, a Educação Física passou a ser percebida como atividade educativa e, portanto, como uma prática pedagógica. Deste modo, acrescenta-se que atualmente é conhecimento ecumênico que a Educação Física escolar vai muito além da recreação e também do Esporte. Bento (2012, p. 163) pondera que: *“A Educação deve procurar uma melhoria da qualidade de ensino e de aprendizagem, pelo menos assim deveria ser, e deve ser entendida numa perspectiva de desenvolvimento integral dos alunos”*.

Na atual conjuntura, a Educação Física escolar encontra alguns obstáculos. O primeiro deles é a tomada de consciência da função educacional dessa área do saber por parte de

profissionais de Educação Física, gestores, pais e alunos. Para tanto, é imperioso que seja um Profissional de Educação Física o professor da disciplina, visto que, teoricamente, é ele o perito dos conhecimentos e conceitos pedagógicos específicos. Por conseguinte, é também expressivo que todos os agentes educacionais careçam ter clareza sobre a Educação Física e seus objetivos escolares. Marinho et al (2007) acrescenta:

(...) o educador deve ter um olhar diferenciado para essas questões, (...) a qual ultrapassa a ideia apenas de movimento e é ampliada para os domínios relativos à percepção sobre o corpo em movimento, que supõe suas relações com a dimensão da vida e o desenvolvimento do ser humano. (MARINHO et al, 2007, p. 30).

A Educação Física, dentre outras finalidades, deve favorecer o desenvolvimento das habilidades motoras e movimentos corporais que auxiliem no processo cognitivo, psicológico e afetivo de qualificação para o desempenho da cidadania. Sobre aprendizagem no âmbito da Educação Física, afirma Kunz:

(...) a aprendizagem motora não esquece que, na realização de movimentos, os sujeitos envolvem-se na sua totalidade, ou seja, na suas dimensões perceptivo-cognitivas, emocionais-afetivas, sociais e motoras. O motivo do reconhecimento dessas dimensões encontra-se no fato de as mesmas influenciarem a perspectiva externa da realização dos movimentos, ou seja, a forma do correr, do saltar, do jogar, do andar, etc. (KUNZ, 2014 p. 87).

Na perspectiva, compreende-se que a Educação Física possibilita benefícios individuais e consequentemente sociais, devendo, portanto, tratar dos conhecimentos construídos por outras áreas, como o funcionamento do organismo (área de Ciências) e o contexto cultural, social histórico e geográfico de modalidades esportivas e danças (área de Ciências Sociais), como orienta os PCNs do Ensino Fundamental. No contexto Santos (2008) acrescenta:

Recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 2001), os temas transversais recorrerem a essa lógica quando articulam os conhecimentos das diversas disciplinas. Os temas transversais, tendo em vista um tema social, transgridem as fronteiras epistemológicas de cada disciplina, possibilitando uma visão mais significativa do conhecimento e da vida. (Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008).

Sabe-se que, em alguns casos, a grande realidade da Educação Física é de um ensino solitário, que aparenta nem mesmo fazer parte do currículo. Neste caso, considera-se imperioso que o profissional de Educação Física assuma uma postura de modo a integrar-se com as demais áreas, se posicionando como atuante no contexto escolar e se fazendo percebido para adquirir o respeito enquanto profissional e principalmente como área relevante na construção do conhecimento. Ora se o ensino tornou-se fragmentado desde que o mundo industrializou-se, devemos considerar que, no caso da Educação Física Escolar, é um tanto mais grave. Sobre a fragmentação nos processos de aprendizagem, Santos (2008) profere:

Vigorando o princípio da fragmentação, da divisão, da simplificação, da redução, tem-se como consequência a descontextualização do agir pedagógico, passando a didática a ser uma disciplina apenas técnica, por meio da qual se aprende o uso de técnicas didáticas. (Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008).

A descontextualização da Educação Física é notória e grave, ela parece estar descontextualizada da própria escola em alguns casos. Baseando-se em observações e relatos proferidos em reuniões e planejamentos no contexto local percebe-se que o professor da disciplina sente-se solitário, assim como acontece com a disciplina. Um exemplo claro ocorre durante a realização de projetos e atividades esportivas, porque o professor da disciplina não têm muito apoio da equipe escolar, e então, percebe-se que o discurso pedagógico de desenvolver projetos interdisciplinares estão apenas na teoria, ou seja, na prática não tem funcionado no sentido de contribuir para desviar a disciplina do isolamento. Haja vista que com o argumento de que só o professor da área sabe conduzir os trabalhos, então, cada professor se preocupa com o currículo da sua disciplina específica, ou seja não acontece o diálogo entre os saberes. Todavia, não podemos apenas condenar a postura dos docentes, é preciso refletir sobre isso e considerar que esses profissionais são frutos da educação fragmentada e, nesse caso, perfaz-se a reprodução. Mas, isto tem contribuído para sobrecarregar professor da disciplina que fica assoberbado com tantas atribuições, enquanto os demais, alegando não ter conhecimento ou habilidades específicas, eximem-se em contribuir com os processos.

Entretanto, o cenário atual exige sair desta zona de conforto em busca de mudança e a Educação Física, enquanto componente curricular, apresenta características pedagógicas que evidenciam oportunidades privilegiadas para a promoção da construção do saber dialogando com as demais áreas. E para que isso aconteça faz-se necessários que toda a escola esteja sensível e aberta para buscar os conhecimentos necessários para superação da fragmentação, do trabalho isolado por disciplina. Marinho (2007) colabora ao dizer que:

Há também uma fragmentação do ensino cada vez maior perdendo-se de vista o que se pretende formar – o cidadão, o ser humano completo, humanizado, impregnado de valores e conhecimento. O conhecimento que se encontra hoje nas escolas está estagnado, contudo, o conhecimento é um processo de representação do real, construído socialmente ao longo da história e pela cultura dos diferentes povos. (MARINHO et al, 2007, p. 21).

Na conjuntura, Santos (2008) profere:

Aplicados ao processo ensino-aprendizagem, os princípios holográfico e transdisciplinar tornam o aprender uma atividade prazerosa na medida em que resgatam o sentido do conhecimento (perdido em razão de sua fragmentação e descontextualização). Esse é o desafio que se coloca na reconstrução da prática pedagógica. (SANTOS, 2008, p. 75-76).

Nesse segmento, pondera-se que o professor deva buscar conhecimentos para que, com embasamento, aponte possibilidade no sentido de transformar este contexto. Comumente nas escolas, a disciplina serve como “*preenchimento de lacuna*” na organização dos horários de aulas semanais, nos planejamentos e reuniões de conselhos de classe, geralmente, não tem o mesmo espaço que as demais disciplinas. Embora em alguns casos deve-se considerar que o profissional de Educação Física precisa se posicionar como responsável pelos processos pedagógicos em sua totalidade ganhando espaço por seu papel relevante e atuante no contexto escolar.

Na Educação Física especialmente, o problema acontece quando temos professores despreparados para atender sua importância pedagógica dentro da escola. Quando a formação inicial ou continuada que lhes foi oportunizada não tenha sido crítica o suficiente para revelar essa flexibilidade necessária aos professores que atuam na escola. O ideal é um ambiente escolar onde todas as ações se embasem em conteúdos pedagógicos adequados para os alunos. (EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, Nº 178, Marzo de 2013).

As dificuldades na prática pedagógica do professor de Educação Física, muitas vezes, acaba desmotivando o profissional, fato que influencia diretamente no bom desempenho das atividades pedagógicas. Outra grande dificuldade enfrentada é a escassez de material didático, ele ampara a prática pedagógica, porque favorece o conhecimento e a vivência prática do aluno no desenvolvimento das aulas. As reclamações dos professores da disciplina são comuns em relação à falta de material adequado e em quantidade suficiente para o bom desenvolvimento das aulas, o que desestimula também o aluno.

Outra queixa constante se refere ao espaço para o desenvolvimento das aulas. No Brasil, especialmente nas pequenas cidades interioranas, a grande maioria das escolas não dispõem de espaços adequados para o desenvolvimento das atividades. Por conseguinte, os professores improvisam espaços para melhor aproveitamento. Embora em alguns casos seja uma boa alternativa, há casos em que o problema não se dissipa, pois com isso acaba gerando outros, a exemplo da diminuição do tempo de desenvolvimento da aula, tendo em vista que nestes casos leva-se determinado tempo até a chegada ao espaço escolhido como mais apropriado.

A questão financeira é também uma queixa constante, o baixo salário motiva a busca por trabalho em várias instituições, por vezes em espaços não escolares, o que acaba gerando uma sobrecarga de trabalho afetando diretamente o desempenho do professor, já que este conseqüentemente passa a ter o tempo reduzido para planejar suas aulas e organizar sua vida profissional e pessoal.

Na abordagem das dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física, segundo relato de profissionais locais, pontua-se também, o pouco interesse de parte dos alunos pelas atividades quando estas não são ministradas com bola. Poderia se atribuir ao fenômeno da forte cultura do futebol em especial no Brasil? Não se tem uma exatidão, todavia ao longo dos processos educacionais, mesmo que não tenha ocorrido de modo intencional, sabe-se que as práticas podem ter contribuído com a cultura da supervalorização das aulas com bola, o que gerou certa marginalização da Educação Física e até do profissional que ficou sendo percebido pelos demais professores como “professor moleza”, que apenas entregava uma bola para os alunos, de onde nascera uma cultura denominada “rola bola”.

(...) comumente chamada de “rola bola” que fomenta a marginalização da Educação Física perante outras disciplinas. E essa prática tem sido bastante observada nas aulas de Educação Física, afinal quem nunca teve um professor de Educação Física que simplesmente largava a bola para os alunos? Segundo Dárido (2010, p. 14) a prática do “rola bola” é bastante condenável, pois se desconsidera a importância dos procedimentos pedagógicos dos professores. Ainda sobre o “rola bola”, Darido (2010 p. 14) diz que: É preciso deixar claro que esse modelo não foi defendido por professores, estudiosos ou acadêmicos. Infelizmente ele é bastante representativo no contexto escolar, mas provavelmente tenha nascido de interpretação inadequada e das condições de formação e trabalho do professor. (EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 17, N° 178, Marzo de 2013).

No contexto, de acordo com relatos discentes, acrescenta-se ainda que o interesse dos alunos pelo futebol, mais especificamente dos meninos, acaba por dificultar o acontecimento de aulas mais diversificadas, atraentes e produtivas. O fato faz lembrar uma crítica do autor Kunz quando diz que a Educação Física, fundamenta-se em modelos marxista, no qual se enxergava o esporte como um encadeamento mais inflexível do processo de alienação do Homem, talvez o professor da disciplina esteja em uma luta diária para mudar esta realidade...

Papert (2008, p. 13) profere que: “(...) *A habilidade mais determinante do padrão de vida de uma pessoa é a capacidade de aprender novas habilidades, assimilar situações, lidar com o inesperado. Isso será cada vez mais verdadeiro no futuro: a habilidade para competir tornou-se a habilidade de aprender.*” Embora haja severas críticas quanto aos jogos de competição, Papert se referindo a contextos globais do homem moderno diz que a competição impulsiona o homem ao desenvolvimento e a capacidade de instruí-se.

Embora a aprendizagem por competição, seja reprovada por aspectos contextuais de manipulação econômica, ela deva ser considerada, haja vista que a habilidade de competir desafia a descoberta e a construção de aprendizagens. Espera-se que a visão do ensino tecnicista e com finalidade de êxito apenas econômico seja superada. Como bem profere Papert “*competir tornou-se a habilidade de aprender*”, para tanto, compreende-se que o desenvolvimento das

aprendizagens por competição deve ter como foco o desenvolvimento da criatividade e ao mesmo tempo de valores mais solidários e coletivos, objetivando desenvolvimentos saudáveis nas relações sociais.

Por conseguinte, faz-se necessário recomendar a construção do conhecimento de modo autônomo, considerando que a Educação Física por si só sugere uma aprendizagem autônoma dando ao professor a possibilidade de inovar sua prática a partir desse viés. Papert (2008, pp. 20 e 21) bem recorda que “(...) *John Dewey iniciou uma campanha por um estilo de aprendizagem escolar mais dirigido pelo próprio aprendiz: depois dele muitos reformadores mais ou menos radicais lutaram para mudar a escola*”.

Inovar a prática pedagógica na Educação Física escolar, portanto, compreende um olhar diferenciado por parte do professor, de modo que desenvolva atividades que favorecem a produção de novos conhecimentos valorizando o aprendiz como um indivíduo capaz de gerar novas aprendizagens.

3.3 Educação Física Escolar: necessidade de um olhar diferenciado

Repensar a prática pedagógica da Educação Física é imprescindível, a fim de construir novas possibilidades, começando pela análise e reflexão, para viabilizar a busca de uma melhor interação e inserção do componente curricular no contexto escolar de maneira construtiva. Alves (2011) entende que:

A Educação Física apresenta-se preparada e repleta de fundamentos para exercer o seu papel (...) que dispõe de características peculiares e objetivos específicos, atuando na construção do conhecimento de maneira ativa e intensa, propiciando ao aluno a condição de se expressar integralmente. (ALVES 2011, p.28).

Entretanto, é necessário romper com discursos pedagógicos pré-estabelecidos historicamente o que pressupõe-se um grande desafio. Muitos profissionais têm a crença no mecanismo da reprodução de gestos esportivos, no qual o esporte é um fim a ser atingido, deste modo, favorece o preparo do atleta. Em contrapartida, existem os profissionais que alinhados à visão crítica desenvolvem uma prática pedagógica fundamentada na construção do conhecimento. Sousa e Vago (1997, p.140) apud Peres (2001, p. 237) favorecem a composição ao afirmar: “...o ensino da Educação Física se configura como um lugar de produzir cultura, sendo os professores e os alunos sujeitos dessa produção”. Oliveira Jr. (2015) destaca que:

Ainda hoje, verifica-se uma prática pedagógica tradicional e conservadora com ênfase na prática na aptidão física e seletividade de talentos motores, com vistas à formação de equipes e atletas para a competição. Contrariando, portanto, os princípios norteadores dos Planos Curriculares Nacionais que incentiva uma prática pedagógica que privilegie a cooperação, a participação, a inclusão e a construção coletiva do conhecimento produzida na escola, a partir de cultura social, de onde está inserido o esporte enquanto cultura corporal de movimento. (Tese doutoramento OLIVEIRA JR, 2015, p. 88).

Na percepção de kunz (2014):

Pode-se perceber que a Educação Física brasileira, especialmente dos últimos dez anos, encaminha-se para um desenvolvimento cada vez mais diferenciado em relação à sua prática. De um lado, persiste o modelo tradicional que pretende preservar os objetivos básicos da disciplina conforme previstos nas próprias legislações oficiais, os quais se configuram, basicamente, no desenvolvimento das modalidades esportivas e por intermédio deste a consecução de metas socioeducativas como o fomento à saúde e a formação da personalidade. Por outro lado, ocorre cada vez mais intensamente o desenvolvimento de projetos para a Educação Física Escolar comprometida com finalidades mais amplas; ou seja, além da sua especificidade, deve ainda se inserir nas propostas político-educacionais de tendência crítica da educação brasileira. (KUNZ, 2014, p. 21).

Embora o primeiro modelo citado, ainda encontrado em muitas escolas, seja ineficiente e divergente das novas tendências e orientações da ciência da educação, ele é uma herança que a Educação Física logrou em sua jornada escolar e, que por conseguinte, vem sendo reproduzida nas universidades com seus programas e valores arraigados nas práticas pedagógicas ultrapassadas e, por vezes inflexíveis, sem possibilitar a transformação evolutiva que o cenário atual reclama. Marinho (2007) et al afirma:

A competência esperada do professor só é gerada através de uma reflexão profunda e significativa sobre sua prática, pois ser competente é uma questão de reflexão e refletir é uma questão de competência. Para que essa competência se efetive, são necessários espaços de reflexão e discussão coletiva acerca da prática e do reflexo desta sobre a escola, a comunidade e o aluno que está formando. Esse espaço deve ser discutido e conquistado dentro do projeto político-pedagógico das escolas. (MARINHO et al, 2007, p. 22).

Ponderar e debater inovação para a prática pedagógica para romper com estes antigos paradigmas é imperioso e, em vista disso, a formação dos profissionais da área deve ganhar o mesmo enfoque. Bento (2012) justifica que:

Apesar da Educação Física ter passado por uma renovação no seu campo científico, a sua prática escolar não tem avançado pois os professores em geral não tiveram contacto com novas tendências científicas da Educação Física escolar (Fernandes, 2009), o que reflecte não ter ainda havido uma rotura de mentalidades na linha da frente da educação. (BENTO, 2012, p. 98).

Deve-se considerar a urgência de garantia de uma formação adequada ao professor, tencionando o seu aprimoramento profissional, oferecendo-lhes melhores condições de abraçar

com autonomia e qualificação a sua função. De modo, que a essência desta, seja a superação dos modelos formativos mecanicistas, esportivista e tradicional.

A necessidade de reconhecer que a Educação Física tem uma relevante função no desenvolvimento das funções cognitivas, no potencial de interagir, socializar e transformar o homem na sociedade em que vive com autonomia deve ser assimilada pela escola. O entendimento de que TER um corpo saudável, forte viril é valoroso, entretanto, é primordial SER um corpo que possui as qualidades necessárias para coordenar, modificar e construir sua própria história. Que possivelmente possa contribuir consciente e criticamente para a construção da sociedade, percebendo-se como parte integrante no mundo.

Alves (2011):

A evolução do ser humano, e até mesmo sua preservação como espécie, dependeu de sua aptidão física e das relações que ela criava com o meio e com a sociedade, desta forma, a atividade física sempre esteve presente na cultura do homem, atuando de maneira intensa e servindo de instrumento para a construção do conhecimento. (OLIVEIRA, 1983). (ALVES, 2011, p. 13).

A compreensão do professor acerca do seu papel na atividade pedagógica, ou seja, na construção dos saberes pressupõe uma característica elementar para transformar os contextos tradicionais existentes. Modificar estes modelos é, sem dúvida, um grande desafio. O modelo materializado denominado paradigma tradicional, denota uma prática sem compromisso com o novo incapaz de alcançar mudanças significativas. Concebe-se que todo processo de mudança tem sua complexidade, sobretudo porque mudar exige atitude e, geralmente não está como prioridade de todos, todavia, avista-se que o olhar diferenciado no sentido da mudança tem recebido firmamento entre professores da área, haja vista que estes têm buscado melhorar as práticas, fato que se deu através da realização de auto análise e reflexão do desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem que os conduziram à compreensão da necessidade de promover mudanças que no sentido de contribuir para inaugurar um novo paradigma fundamentado na formação integral dos sujeitos.

3.4 A influência da prática desportiva na autoestima do aluno

O dicionário Aurélio de Língua Portuguesa conceitua autoestima como a qualidade de quem se valoriza, está satisfeito com seu modo de ser, com sua forma de pensar ou com sua aparência física, expressando confiança em suas ações e opiniões. Para a psicologia, o termo autoestima é usado para descrever sensação geral de autoestima ou valor pessoal de uma pessoa. Acrescenta ainda que ela pode envolver uma variedade de crenças sobre si mesmo. Tais como a avaliação de sua própria aparência, crenças, emoções e comportamentos.

Autoestima é o sentimento de importância que cada um tem em relação a si mesmo; é o valor que nós atribuímos relativamente à nossa capacidade de viver produtivamente os diversos aspectos de nossas vidas, individual e socialmente; e é, ainda, o conjunto de parâmetros pessoais de que dispomos para julgar o desempenho que temos ou julgamos ter quanto a esses mesmos aspectos. (RIBEIRO, 2002, p. 201).

A autoestima pode ser uma parte importante do sucesso. Todavia, segundo a psicologia, muito ou pouca autoestima pode deixar as pessoas sentindo-se derrotadas ou deprimidas. Ela também pode levar as pessoas a fazerem escolhas ruins, cair em relacionamentos destrutivos, ou deixar de viver e de se realizar positivamente. Ela também é importante na formação do aluno podendo direcioná-lo ao sucesso ou ao insucesso.

O esporte pode ser um forte aliado no desenvolvimento da autoestima e na formação da cidadania. Há evidências de que a comunidade na qual está localizada o lócus desta pesquisa, o povoado de Flamengo, tenha sido favorecida pela prática de esporte, visto que em seus contextos sociais observam-se consideráveis mudanças nos processos de cidadania e relações entre pares. Por atuar diretamente com o corpo físico considera-se que a prática de esporte pode oferecer oportunidade de desenvolver competências de conhecimentos, habilidades e percepções sobre si mesmo. Isto invariavelmente tende a melhorar sua percepção sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o meio em que vive podendo contribuir para uma melhor convivência com os outros e consigo mesmo.

Segundo Grilo (2010), hoje a sociedade dá especial importância a um conjunto de competências que se assumem como determinantes no futuro cidadão (inovação; liderança; responsabilidade; disciplina; método; iniciativa; trabalho em grupo; adaptação à mudança; gosto pelo risco; sentido crítico; espírito de sacrifício). (BENTO, 2012, p. 95).

Deste modo, aponta-se a prática desportiva como oportunidade para o desenvolvimento de cidadãos com habilidades que supostamente sejam adequadas ao modelo de sociedade vigente, fazendo com que o indivíduo não se considere incapaz, posicionando-se melhor nas situações adversas ao longo da vida. Pressupõe-se que dentro ou fora dos muros da escola, o

esporte tem grande relevância na formação e desenvolvimento do indivíduo. Para tanto, é necessário oferecer ambientes atrativos que possam envolver os jovens e estimular a participação ativa de forma que venha contribuir para o seu crescimento e sua auto realização.

Na conjuntura (BENTO, 2012, p. 99) pontua:

Mais do que dar resposta aos problemas levantados pela atividade desportiva importa formar o homem da sociedade do futuro e trabalhar para que a promoção da autonomia, criatividade, capacidade de iniciativa, responsabilidade e sociabilidade (PNEF, 2001; Lei de Bases de Sistema Educativo), sejam induzidos nos alunos, pois ao fim e ao cabo são os alicerces que forma o Homem de amanhã. (BENTO, 2012, P. 99).

Não raramente ouve-se depoimentos de pais e professores sobre mudanças de comportamento e melhor desempenho escolar de crianças e jovens após ingressarem-se em atividades como jogos, lutas ou danças. Notadamente, o esporte contribui de forma positiva para o desenvolvimento da autoestima do indivíduo surtindo efeito no desempenho escolar. Projetos sociais de cunho esportivo têm mudado a realidade de muitas crianças, principalmente em países carentes, geralmente é promovido objetivando a promoção da autoestima visando extraí-los da situação de conformismo e propiciando uma nova concepção para que consigam resolver seus conflitos internos e externos.

No Brasil, são inúmeros os projetos sociais com este fim e os resultados parecem ser avaliados muito positivamente. O esporte promove a motivação e a motivação é que impulsiona a realização, por conseguinte a realização promove a autoestima. Para tanto, promover a realização de atividades que estimulem a participação, a autonomia e as relações sociais gerando benefícios para os praticantes e para a sociedade são objetivos traçados pelos projetos sociais em fomento.

Estudos apontam que a prática desportiva influencia positivamente no desenvolvimento da autoestima havendo uma expressiva contribuição para a mudança pessoal do indivíduo nas dimensões físicas e sociais, propiciando uma melhoria comportamental individual e nas relações entre os pares. Bem sabemos que no período da adolescência, por exemplo, a integração num grupo é fundamental, todavia nem sempre é uma tarefa fácil para o jovem que tipicamente passa por momentos individualmente conflituosos, próprio da adolescência. Ballone (2004) citado por Campos (2011) et al diz que a adolescência é uma etapa de conflitos e contradições para a maioria das pessoas. Entretanto, nestes contextos pessoais conflituosos dos jovens, os jogos parecem favorecer o desenvolvimento da juventude oportunizando maior interação entre pares, afirmação individual e vínculos de amizade de grupo.

A prática de esporte pode contribuir com a melhoria da imagem corporal e com a saúde da mente? Sallis & Owen (1999) apud Bento (2012, p. 124) consideram que os melhores indicadores para identificar os níveis de saúde e bem-estar, bem como, a capacidade funcional de um sujeito são os níveis de aptidão física.

Neste contexto, acredito que o presente estudo contribui com a conjectura, haja vista que oferece histórias de vida dos estudantes e praticantes de esporte nas quais deve-se considerar a prática esportiva como uma forte aliada aos resultados obtidos na qualidade de vida dos escolares da comunidade de Flamengo – Jaguarari-Bahia, os quais serão relatados na redação empírica desta pesquisa.

3.5 A prática desportiva e as relações sociais

(...) até os processos de aprendizagem esportiva passaram também por uma revisão, pois terão que ser compreendidos na estrutura social em que estão inseridos. Desse modo, as estruturas sociais nas quais as pessoas estão situadas são decisivas para os seus comportamentos esportivos, e a cultura será determinante nesta participação. (TUBINO, 1987. p. 33).

Produzindo uma sucinta linha do tempo nas origens da prática desportiva, inicialmente convém destacar que, na pré-história, o homem primitivo já praticava atividades que podemos considerar como jogos e modalidades esportivas. Atividades corriqueiras como nadar, correr, trepar, arremessar, saltar, empurrar, puxar, foram desempenhadas e, desse modo facilitadas pelo aprimoramento dos sentidos, das habilidades motoras e da força que naturalmente eram ações da arte da sobrevivência. Na busca por alimentos, nas atividades de nomadismo, o homem realizava longas caminhadas e durante estas corriam, saltavam, lutavam e nadavam. A força, a resistência e a velocidade eram de fato, garantia de sobrevivência humana.

Os jogos e brincadeiras praticados tinham o mesmo objetivo de sobrevivência, e mais tarde eram utilizados como instrumento de cessão de herança cultural das suas tribos. De modo semelhante, outras brincadeiras têm origem na religião, a dança principalmente, foi um recurso muito utilizado para favorecer a comunicação com as forças naturais, atividades muito comuns em tribos indígenas, por exemplo. A recreação favorecia a comunicação e o desembaraço físico.

Tubino (1987) cita: *“Para Diem (1966), a história do esporte é íntima da cultura humana, pois com ela compreende-se épocas e povos, onde cada época tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete”*. Portanto, no desenrolar da história da humanidade,

conforme as antigas civilizações tinham ascensão ou declínio, deixaram vestígios que evidenciam serem precursores do esporte e jogos conforme cada cultura.

Objeto de estudo comumente, as sociedades constituídas de jovens que convivem com violência, drogas, marginalidade, evasão escolar, baixa estima entre outros, ao inserirem, em seus contextos, a prática de esportes, por meio de projetos, trabalhos de ONGs ou por escolas, mudaram, positivamente, o cenário doentio que apresentavam. Na conjuntura a fala de Kunz (2008, p. 75) está de acordo, quando pronuncia: *“Educação é assim entendida como um processo social que indica uma consolidação cultural e histórica própria e pode existir tanto em instituições formais e públicas quanto em instituições informais e ambientes privados”*.

O esporte oferece chances reais de integração social, impulsiona o desenvolvimento intelectual e físico. Neste sentido, Freire (1991) pondera:

O corpo, inevitavelmente mortal. Não está morto. E sem ele nada podemos fazer aqui onde habitamos. Somos locomotores. Diferente dos vegetais que onde nascem, permanecem. Não conhecemos a fotossíntese. Somos seres motores, corpos locomotores. As mentes não habitam cadáveres. O homem não é um zumbi intelectual. Nosso planeta é a terra, onde não existe forma possível de expressão que não seja a motora. Pelas corporeidade existimos, pela motricidade nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer, é expressão humana. (FREIRE, 1991, p. 26. apud MARINHO et al 2007, p. 32).

Corroborando com a temática da transformação que o esporte pode promover nos contextos sociais e na vida das pessoas, o Esporte Espetacular (2016), um programa da TV brasileira, conta a História da EAF- Escolinha de Atletismo de Flamengo, objeto desta pesquisa e, em um dos trechos diz: (...) *como o atletismo pode transformar a vida das pessoas e trazer esperança para as crianças de um povoado no Sertão Nordestino. Graças a persistência de um Professor...com isso ele mudou a rotina de uma cidade inteira*. (Esporte Espetacular, 2016).

Návinny Bonfim estudante e atleta da EAF, ao ser interrogada sobre o projeto, diz: *“(...) um dos momentos mais felizes da minha Vida... aqui tira as pessoas da rua (...) A gente não pensava que iria mudar a comunidade inteira”*.

A partir das observações em lócus, com base no contexto na Escolinha de Atletismo de Flamengo compreende-se o esporte como meio de desenvolvimento social e cultural. É possível perceber o envolvimento da sociedade local, até mesmo aqueles que não possuem filhos matriculados na Escolinha participam e doam-se de alguma forma para contribuir com o êxito do projeto. Na ausência dos objetos necessários para praticar o esporte, a comunidade se junta aos alunos e juntos constroem, utilizando sucatas. Não se limitando a isso, ainda colaboram doando a força de trabalho voluntariamente para quaisquer outras necessidades.

Os alunos, a partir dos ensinamentos e orientações absorvidos no projeto modificam suas posturas nas relações familiares, na escola e na comunidade. Segundo relato de pais, estes jovens passaram a se relacionar de forma muito positiva no âmbito familiar, sendo mais atenciosos, amáveis e sensíveis. Na escola, a diretora relata que estes alunos, que participam ou participaram da EAF, demonstram maior interesse pelos estudos, são respeitadores e apresentam bons resultados acadêmicos em sua maioria. Prova disso são os dados que a escola passou a apresentar nos quais o índice de repetência e evasão caíram consideravelmente.

No contexto social pesquisado, é comum ouvir relatos de moradores do tipo: “os jovens de Flamengo eram muito envolvido com drogas, havia muita prostituição e roubo, mas percebe-se que foi a partir do envolvimento destes com o atletismo que isto mudou”. Observa-se que a margem da BR 407 antes povoada por jovens e crianças, hoje não apresenta este cenário, portanto estes estão engajados na escola e no esporte. A postura dos jovens vem impactando a comunidade local muito positivamente, fato que tem chamado a atenção de outras cidades, escolas e universidades. Prova disso é que constantemente recebem convites para palestrar nestes ambientes. Com frequência, também, recebem visitas de grupos escolares na própria sede, para conhecer o ambiente ouvir os relatos e palestras dos alunos atletas. Nestes eventos, os alunos contam suas histórias de vida, destacando todas as mudanças transcorridas a partir dos ensinamentos adquiridos conjuntamente no âmbito da EAF. Os jovens utilizam os conhecimentos adquiridos para auxiliar outros jovens não somente através destes relatos e palestras, mas pelo fato de tornarem-se autodidatas na prática do esporte. Sim, porque, a partir das orientações do professor, estes autores passam a ser orientadores formando subgrupos e construindo novos conhecimentos.

Neste sentido, menciono a atuação do jovem de nome Alessandro, o qual mais adiante descrevo sua história de vida. O menino carente abandonado pelos pais quando bebê, seguiu os ensinamentos do professor e ampliou seus conhecimentos e habilidades esportivas de modo extraordinário. Atingindo muitos resultados positivos em eventos de atletismo, ao receber um valor mais expressivo em certa competição, mesmo dispondo de inúmeras necessidades, procurou um espaço adequado a fim de comprá-lo para treinamentos com seus pares, visando beneficiar o desenvolvimento individual e coletivo. Pois bem, encontrou um local simples, afastado, ideal para o fim desejado, a propriedade fica localizada na chamada Serra dos Morgados, já possuía uma casinha simples que serviria como alojamento, porém levaria o pouco dinheiro que possuía naquele momento, além do mais a casinha precisaria de uma melhora na estrutura. Contudo, sem pensar duas vezes, o menino convenceu seus pais e assim

fechou o negócio, mesmo ficando sem nenhum recurso para realizar as melhorias físicas que seriam necessárias.

Hoje, o ambiente agradável da Serra localizada em Jaguarari serve como espaço para que não somente Alessandro, mas, todos os demais alunos desenvolvam atividades nas quais divididos em subgrupos se preparam para competições aprendendo uns com os outros sobre a liderança de um aluno do projeto.



Figura 1 - Um grupo após treino na Serra

Fonte: celular do coordenador.

Pois bem, de acordo com estudos, as atividades desportivas de fato favorecem a interação entre pares e oportunizam o desenvolvimento físico e psíquico dos jovens e crianças, oportunizando uma melhor qualidade nas relações e maior chance de sucesso individual e coletivo. O incentivo, nas atividades desportivas, deve partir tanto da família quanto da escola, que considerando os benefícios que a Educação Física proporciona no desenvolvimento do ser humano em sua totalidade. Embora considerando os contextos gerais do esporte contemporâneo, nos quais a sociedade enaltece os desafios, as conquistas, as vitórias e o esforço individual, a priori deva-se promover uma reflexão das relações sociais que possibilitem crescimento moral individual e coletivo.

Em síntese, entende-se que a influência da prática desportiva nas relações sociais têm impacto positivo gerando melhoria nas relações entre pares e interpessoais e, conseqüentemente nos diversos aspectos da vida humana.

PARTE II

CAPÍTULO 4: ESCOLINHA DE ATLETISMO: UMA POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



Figura 2 - Mães e alunos da EAF: luta pela sobrevivência e alegria

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A fotografia acima, divulgada no blog do projeto Escolinha de Atletismo de Flamengo em 2014, é o retrato da realidade local. Uma comunidade pobre, carente de oportunidades para as famílias e os jovens, principalmente, povoada por pessoas batalhadoras e sonhadoras que buscam o sustento vendendo as frutas típicas da caatinga brasileira à beira da rodovia. Entretanto, as famílias passaram a vislumbrar novas oportunidades para seus filhos a partir da prática de um esporte milenar, mas pouco praticado e ou valorizado na região.

No cenário, a pobreza e a falta de incentivo público na comunidade são evidentes, as crianças e jovens se arriscavam na beira da rodovia vendendo frutas e outros produtos consumíveis. A busca pela sobrevivência oferece outras práticas, nada interessantes, como o

convite à prostituição, o consumo de drogas, roubo e outros. A triste realidade enxergada por muitos educadores e até visitantes que por lá passavam inquietou um professor em especial, o Professor Ferreirinha.

Vindo do interior da cidade de Campo Formoso para trabalhar na Escola local, Ferreirinha, logo identificou os problemas. O dia a dia na sala de aula o fez conhecedor da realidade de modo sensibilizador, pois seus alunos eram um retrato dos contextos daquela sociedade. Os relatos, as fugas da escola, o desinteresse pelos estudos, a gravidez na adolescência, o envolvimento com drogas, entre outros foram mais do que suficientes para tirá-lo da zona de conforto e fazer algo pela comunidade.

Assim, este capítulo apresenta o projeto EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo que funciona na localidade de Flamengo município de Jaguarari Bahia, sua localização geográfica, origem, estrutura e as atividades desenvolvidas para as crianças e jovens, os sujeitos envolvidos nos processos e o problema que justifica a concretização desta pesquisa como busca de práticas que configurem inovação pedagógica, embasada na perspectiva de Fino que a caracteriza como um meio transformador dos contextos sociais.

Em razão disso, a realidade social do lugarejo tem mudado consideravelmente. A chegada da modalidade esportiva através do projeto EAF tem trazido inúmeros benefícios, a vida ociosa e sem perspectiva de inúmeros jovens e crianças da comunidade ficou no passado. A escola informal tem conseguido enxergar mudanças positivas nos resultados acadêmicos como quedas nos índices de repetência e evasão escolar.

O município, talvez não perceba a dimensão do ganho, mas o fato de o projeto se destacar no cenário esportivo com positivas consequências sociais têm realçado o turismo no município, dado o interesse em conhecer o projeto tem despertado também a conhecer a cidade e a cultura local. Vejamos a seguir, o registro fotográfico da passagem de alguns ilustres visitantes pelo projeto:



Figura 3 - Treinador, árbitro de atletismo Janjão, Janderson Tietz passou temporada em Flamengo, em 2014, para colaborar com a construção da caixa de saltos, trazendo muitas doações de roupas e tênis para alunos e pais.
Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 4 - Wanderlei Cordeiro de Lima corredor profissional, bronze em Atenas.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 5 - Cantora baiana, Ivete Sangalo, visita Escolinha de atletismo em Flamengo, 2014.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 6 - Popó, famoso lutador de boxe visita a EAF Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 7 - Equipe de ciclismo da região visita a EAF, 2018 Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Em dezembro de 2013, o Comitê Olímpico Brasileiro se sensibilizara com a história do projeto e, enviando presentes, pesos, dardos, material de iniciação cronômetros, cones obstáculos, bastões, blocos de saída, colchões de salto em altura, camiseta, bebedouros, bolas medicinais entre outros foram mais que simples presentes, foram instrumentos facilitadores que contribuíram para incentivar e colaborar com a realização de um sonho coletivo, o de praticar um esporte milenar, mas que seduziu a garotada daquela comunidade.



Figura 8 - Presentes enviados pelo Comitê Olímpico Brasileiro, 2013 Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 9 - Turma da EAF expondo material esportivo. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Em 2014, um programa de TV que escolhia histórias de empreendedores sociais que trabalham de alguma forma pela comunidade identificou o projeto e veio para a cidade de

Jaguarari para contar a história do mesmo. Este fato também favoreceu o projeto, pois, com isso vieram muitas parcerias e, principalmente, a construção da pista de atletismo e da nova sede da EAF, como também todo suporte para regulamentação do projeto enquanto instituição.



Figura 10 - Apresentador de TV, Luciano Huck entrevista professor e aluna da EAF. Fonte: Google

A passagem da Tocha Olímpica pela cidade de Jaguarari em 2016 teria sido consequência do merecido reconhecimento do bom desempenho da EAF no cenário esportivo brasileiro.



Figura 11 - Passagem da tocha olímpica por Jaguarari, 2016.

Fonte: Google



Figura 12 – Crianças da Comunidade de Flamengo recebem presente do Comitê Olímpico.

Fonte: eafjagarari.blogspot.com

4.1 Apresentação do problema da pesquisa

Situado às margens da BR 407, que liga diversas cidades baianas, o povoado de Flamengo, como muitos outros do sertão nordestino, apresenta um elevado índice de pobreza, e adicionado a este fator, a região, por longo período, possuía uma realidade em que crianças e jovens ocupavam as margens da BR para pedir um “trocado”. Neste contexto, muitas adolescentes acabavam se prostituindo, outros adolescentes se dedicavam ao garimpo de saquear cargas vulneráveis _ provenientes de acidentes envolvendo caminhões de cargas e, embora sendo um modesto povoado, assaltos praticados por adolescentes entre 12 e 14 anos eram constantes.

Há evidências que a realidade social concomitantemente chegava até a escola formal que, por longo período, apresentou alto índice de evasão, repetência, indisciplina escolar, desinteresse e ausência de perspectivas dos jovens e crianças. Diante deste contexto, ao chegar ao povoado, enxergando esta gritante realidade, o professor Antônio Ferreira se inquietou procurando trabalhar para reverter este cenário através da prática de esporte, em princípio apenas como professor de Ensino Fundamental I. Logo percebeu que naquele contexto estava longe de alcançar a mudança desejada, então devido ao desejo de realização da filha através da prática de esporte que evidenciou ser uma maior oportunidade, nasceu o projeto EAF- Escolinha de Atletismo de Flamengo, por meio do qual o professor vislumbrou uma possibilidade de mudança nos contextos apresentados.

Dessa maneira, a presente dissertação tem o seguinte problema a ser pesquisado: A atuação do Professor Antônio Ferreira na EAF pode ser considerada uma Inovação Pedagógica?

CAPÍTULO 5: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 METODOLOGIA QUALITATIVA DE CUNHO ETNOGRÁFICO

A presente pesquisa qualitativa investiga a prática pedagógica de uma Escolinha de Atletismo da localidade denominada Flamengo, no Estado da Bahia. Dessa maneira, optou-se pela realização de um estudo etnográfico, por meio do qual se busca o entendimento do processo educacional e da atuação dos seus sujeitos. Nessa prática pedagógica, os sujeitos são o Professor Antônio Ferreira e a turma de 60 alunos devidamente matriculados no projeto EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo. Assim, o objetivo é compreender o contexto, o modo como enxergam suas experiências e como estas se relacionam com o mundo social em que vivem. No contexto, Spradley (1979) apud Fino (2003) acrescenta que *etnografia é o trabalho de descrever uma cultura, sendo o objectivo do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos seus nativos*. E, apesar deste tipo de aproximação ser usual dos antropólogos que procuram estudar sociedades primitivas e culturas exóticas, Spradley sugere que ele é uma ferramenta útil para a compreensão do modo como outras pessoas veem a sua experiência, devendo ser encarada mais como uma ferramenta que permite aprender com as pessoas, do que um utensílio para estudar essas pessoas. André (2012) aborda que:

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. ANDRÉ (2012, p. 27).

Em uma investigação qualitativa, uma das estratégias utilizadas baseia-se no pressuposto de que pouco se sabe acerca das pessoas e ambientes que irão constituir o objeto de estudo. Os investigadores esforçam-se, intelectualmente, por eliminar os seus preconceitos. Seria ambicioso, da sua parte, preestabelecer, rigorosamente, o método para executar o trabalho. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 83).

Deste modo o presente estudo está respaldado no desenvolvimento de um projeto que se inicia a partir da chegada de Antônio Ferreira em uma comunidade literalmente carente. O então nomeado Professor Ferreirinha resolve agregar a prática do atletismo nos processos pedagógicos criando a Escolinha. Fino(2008):

Que outra maneira que não a de sondar diretamente a complexa realidade social que constitui uma turma, por exemplo, será mais adequada para compreender esses pontos de vista dos seus nativos – alunos e professores – e poder descrever e interpretar as suas práticas, localizá-las, ou não, na corrente da doxa, entender em que se afastam ou em que medida se integram na ortodoxia vigente? (FINO, 2008c, p. 4)

Desta feita, considerando os processos de construção de vínculos sociais e educativos intrínsecos, a pesquisa etnográfica caracteriza-se como a mais apropriada para esta investigação. Na conjuntura, Fino afirma:

De facto, a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos inter-subjectivos que são as práticas pedagógicas. Um diálogo inter-subjectivo, o que decorre entre os actores que povoam um contexto escolar, e narrado “de dentro”, como se fosse por alguém que se torna também actor para falar como um deles. (FINO, 2008c, p. 4).

5.2.1 Observação Participante

A técnica permite ao pesquisador vivenciar o ambiente natural da pesquisa, requisitando um olhar abrangente da realidade. Segundo Lapassade (2005, p. 69) a observação participante é *“a técnica fundamental da investigação etnográfica”*.

Corroborando com este entendimento André (2012, p. 28) completa: *“A observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado”*. Sendo assim, é a principal técnica para atingir os objetivos. De acordo com Fino (2003):

Numa observação participante, parece não haver meio de torcer a apreciação subjectiva, decorrendo o seu grau do grau de implicação do investigador. Esta questão da subjectividade repercute, com particular acuidade, na formulação das perguntas para as quais se procura resposta, uma vez que a sua pertinência não pode ser validada do exterior do *field*. Essa pertinência é função da competência cultural que o investigador vai desenvolvendo ao longo da sua permanência no local do estudo. (FINO, 2003, p. 11).

Entende-se que a pesquisa se firma a partir do estudo pela observação direta por uma temporada e, portanto, demanda planejamento elaborado acerca das questões propostas pelo investigador. Ademais, a técnica permite ao pesquisador observar e participar das atividades sempre que possível, possibilitando uma interação direta com o objeto de estudo. No contexto, André (2012) aponta que: *“Faz-se necessário um trabalho hábil, honesto e franco de persuasão e de relação de confiança onde, em geral, problemas éticos estão envolvidos e deverão, com cuidado ser abordados por pesquisadores e pesquisados.”* No decorrer da constância no local todas as informações colhidas são oriundas da vivência com os sujeitos pesquisados, observando suas rotinas e seus relatos compartilhados em conversas.

5.2.2 Diário de Campo

Depois de voltar de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação é típico que o investigador escreva, de preferência num processador de texto ou computador, o que aconteceu. Ele ou ela dão uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registrará ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem. Isto são as notas de campo: o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 150).

Método utilizado para registrar o conteúdo das observações e vivências do pesquisador, o diário de campo colherá o registro de tudo que será vivenciado, ele propiciará a noção de tudo o que está acontecendo, será o elemento norteador de toda a pesquisa e, com seus registros e observações, ele é fundamental para o pesquisador. Para Macedo (2010, p. 133): *“(...) a prática do diário de campo permite que nos situemos melhor nos meandros e nas nuances, em geral, descartados, nem por isso pouco importantes, da instituição pesquisa, naquilo que são suas características explícitas e tácitas”*.

O diário de campo opera como um adicional da coleta de dados da pesquisa sobre o ambiente onde a pesquisa se realiza, ou seja onde estão os atores, nele pode conter registros que não foram captados em outras práticas investigativas, como por exemplo na entrevista formal e outros. O pesquisador etnográfico compreende a que o diário de campo é uma ferramenta essencial para registrar sua atividade no ambiente da pesquisa. Para André (2012) compete ao pesquisador decidir quanto à temporada para coletar as informações necessárias.

Deste modo, os registros catalogados, após análise criteriosa, darão origem a um documento maior pautado em leituras de referência com perspectiva nos processos pedagógicos voltados à inovação.

5.2.3 Entrevista Etnográfica

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 134).

A entrevista etnográfica constitui-se como parte relevante do pesquisador observador participante que vivenciando as atividades do grupo terá oportunidade de captar informações mais precisas, pois, na oportunidade o pesquisador está face a face com o sujeito pesquisado e isso oportuniza a elaboração de questões mais relevantes para a pesquisa. Fino (2008) afirma que:

(...) através das entrevistas etnográficas, que são as conversações ocasionais no terreno, portanto não estruturadas, e mediante o estudo, quer de documentos “oficiais”, quer, sobretudo, de documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a sua vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias. (FINO, 2008c, p. 4-5).

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestada. O que existe para o homem tem nome enfim (Duarte Júnior, 1984) e o conhecimento humano terá de ser, em consequência, uma prática incessantemente tematizável. (MACEDO, 2000, p. 165).

Portanto, entrevista é uma relação social na qual através de uma conversa informal, o pesquisador tem por finalidade a coleta de informações e o pesquisado torna-se a base de dados.

Nos estudos de observação participante, o investigador geralmente já conhece os sujeitos, de modo que a entrevista se assemelha muitas vezes a uma conversa entre amigos. Neste caso, não se pode separar facilmente a entrevista das outras atividades de investigação. Quando o sujeito tem um momento disponível, o investigador pode, por exemplo pedir-lhe: “Tem uns minutos livres? Ainda não falei sozinho consigo,” Por vezes, a entrevista não tem uma introdução; o investigador transforma simplesmente aquela situação numa entrevista. Contudo especialmente no final do estudo, quando se procura informação específica, o observador participante determina momentos para se encontrar com os sujeitos, com vista a conduzir uma entrevistas mais formal. O mesmo se aplica aos estudos qualitativos que envolvem investigação documental. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 134).

Nesta pesquisa procurei realizar entrevistas abertas, não estruturadas, tanto com os participantes ativos do grupo de jovens e com o professor da Escolinha de Atletismo, como com os pais dos alunos, em conversas soltas individuais ou em grupos voltadas à investigação de forma intensa no contexto, no grupo como um todo, e no indivíduo em particular. Em outros momentos foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em que os autores estavam cientes que iriam colaborar ativamente com a pesquisa com seus relatos, através de questões abertas com margens a inferências e complementações para que houvesse uma ampliação das possibilidades que a própria entrevista oferece.

Segundo Lapassade (2005):

A entrevista etnográfica é um dispositivo no interior do qual há uma troca que não é, como na conversação denominada de campo, espontânea e ditada pelas circunstâncias. A entrevista propõe face a face duas pessoas cujos papéis são definidos

e distintos: o que conduz a entrevista e o que é entrevistado para responder, a falar de si. (LAPASSADE, 2005, p. 79).

A entrevista é um dos métodos mais utilizados nas pesquisas voltadas as áreas sociais, visto que orienta o pesquisador de modo mais eficaz para ter melhor clareza da realidade em estudo. A análise dos dados se deu através da releitura dos dados coletados, pois este processo demanda um exame minucioso e uma interpretação coerente de todo o material apanhado percebidos através da análise da realidade ali construída e captada através do olhar de seus agentes e participantes (professor, alunos e pais). A partir dessa interpretação que o trabalho foi se estruturando e ganhando forma, conforme apresento na estrutura deste trabalho.

5.2.4 Coleta de Dados

A busca de dados é essencial para uma pesquisa científica, portanto ela se fará de modo a contemplar os mais diversificados meios. A presente pesquisa, de cunho etnográfico, está aliada a diversas técnicas de recolha de dados, como a coleta de documentos, o registro fotográfico, histórias de vida, gravações em vídeos e voz, entrevistas jornalísticas, tendo elas grande relevância à pesquisa e que somadas aos métodos especificados compõem esta pesquisa, como especificarei adiante.

Tornar-se um bom investigador qualitativo é, em parte, aprender esta perspectiva; os detalhes específicos são pistas úteis para a compreensão do mundo dos sujeitos. A investigação qualitativa envolve pegar nos objetos e acontecimentos e levá-los ao instrumento sensível da sua mente de modo a discernir o seu valor como dados. Significa aperceber-se da razão por que os objetos foram produzidos e como isso afecta a sua forma bem como a informação potencial daquilo que está a estudar. Também envolve saber quando descartar certos conjuntos de dados como sendo de valor duvidoso e quando os manter. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 200).

5.2.5 Recolhimento documental

O recolhimento documental configura-se como fonte constante de pesquisa, por intermédio das quais pretende-se compreender os processos desenvolvidos na Escolinha de Atletismo. Para Macedo o documento é:

(...) fonte quase indispensável para a compreensão/explicação da instituição educativa. Justifica-se ademais essa nossa assertiva, partindo-se da premissa de que foi na escola moderna que a cultura gráfico veio, de vez, sedimentar-se, e é por meio

dela, predominantemente, que a escola obtém e avalia seus produtos. (MACEDO, 2010, p.172).

Certamente esse instrumento possibilita maior facilidade ao pesquisador para escrever a história.

5.2.6 Imagens

As imagens são recursos importantes para interpretação, uma das vantagens é captar o grupo social no seu momento atual, o que favorece uma melhor análise da realidade. Na opinião de Macedo:

O recurso da máquina fotográfica, por exemplo, estabelece um estranhamento entre o espaço ambiental e seu uso habitual, permitindo, então, explicar, não somente a imagem da escola, mais a seleção de seus ângulos claramente relacionados com o cotidiano. (MACEDO, 2010, P. 183).

Desse modo, a imagem pode revelar situações de diversas formas e que, muitas vezes, não seriam possíveis de serem visualizadas de outra forma. Portanto, todos os recursos, aqui, expostos visam a identificar da melhor forma o contexto em que ocorrerá a pesquisa. Por meio da variedade desses recursos e da triangulação entre eles, buscar-se-á a real interpretação dos fatos e dos dados com o objetivo de se identificar se existe uma ruptura com práticas metodológicas tradicionais e, sendo assim, possa ser entendida como uma inovação pedagógica.

As fotografias foram captadas no blog da EAF e sites de TV, no entanto foi durante o trabalho de pesquisador in lócus com a finalidade de registrar os acontecimentos relevantes para a investigação, buscando observar o comportamento de todos os sujeitos envolvidos, os alunos, o professor coordenador e os pais envolvidos.

A pesquisa visa analisar a prática pedagógica desenvolvida propondo detectar se o processo evidencia-se como inovação pedagógica, sendo esta compreendida por esta pesquisadora como uma quebra de ultrapassadas práticas que promovam uma nova interação entre educador e educando, principalmente com o modo como se constrói as aprendizagens no âmbito individual e coletivo. Para tanto, faz-se necessário assumir uma postura etnográfica para interpretar os fenômenos e, por meio de mistas opiniões a respeito da inovação pedagógica auxiliada pelos métodos escolhidos chegarei a uma conclusão.

O cenário fotográfico favorece a interpretação. E sendo a fotografia um instrumento de informação valioso formulado de aspectos sociais, culturais, de pensamentos e signos é sem dúvida, um caminho para compreender a sociedade.

Temos de compreender como a sociedade afecta e é afectada pela iniciativa fotográfica. Só quando fizermos isto de forma mais completa do que aqui poderemos explorar de forma aprofundada o valor analítico das fotografias. A fotografia pode ser uma ferramenta do investigador educacional, mas deve ser entendida como um produto cultural e como uma produtora de cultura. (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 191).

A imagem pode ser considerada como um instrumento para compreender e interpretar a sociedade, relevante e aprovada pela sua capacidade de captar os sentimentos e a representatividades dos episódios. Todavia, Macedo (2000) pontua que:

Em termos de uma etnopesquisa, é bom frisar que o vídeo ou mesmo a entrevista gravada não devem substituir a observação participante. Estes meios não obtêm o equivalente ao que a presença do pesquisador no campo é capaz de obter em termos de observação. (MACEDO, 2000, p.186).

Considerando o que sabiamente Macedo coloca, acrescenta-se que a imagem recria, focaliza e realça diversas visões de mundo a cada instante, portanto, a presença do pesquisador na captação destas imagens é necessária. Bogdan e Biklen (1994) orientam: “*As fotografias que podem ser utilizadas em investigação educacional qualitativa podem ser separadas em duas categorias: as que foram feitas por outras pessoas e aquelas em que o investigador produziu*”. Compreende-se que a ação da fotografia é uma ação reflexiva que deve favorecer a compreensão e o raciocínio individual estimulando o desenvolvimento dos olhares e percepções a respeito da sociedade.

CAPITULO 6: DESCRIÇÃO DO LOCUS DA INVESTIGAÇÃO

6.1 O Estado da Bahia



Figura 13 - Capital Salvador.

Fonte: Google

A Bahia é hoje, o estado brasileiro mais populoso da região nordeste, ocupa uma área de 564.732.450 km². Sua capital, Salvador, é o terceiro município mais populoso do Brasil. O estado faz limites com outros oito estados: Minas Gerais ao sul, sudoeste e sudeste; Espírito Santo ao sul; Goiás a oeste e sudoeste; Tocantins a oeste e noroeste; Piauí ao norte e noroeste; Pernambuco ao norte e Alagoas e Sergipe a noroeste. É banhada pelo Oceano Atlântico e tem a mais extensa costa de todos os estados brasileiros. Hoje é o sexto mais rico do Brasil, sua economia cresceu bastante, da extração de pau-brasil e do engenho de cana-de-açúcar expandiu e diversificou consideravelmente. A rica cultura baiana expressa na música, nos ritmos, culinária etc., carrega muito de sua história. É considerada o coração histórico e o berço cultural do Brasil.

6.2 A Cidade de Jaguarari



Figura 14 - Entrada da cidade de Jaguarari.

Fonte: Google



Figura 15 - Localização de Jaguarari na Bahia – Brasil.

Fonte: Google

Jaguarari, cidade serrana situada no norte da Bahia na região da caatinga, fundada em 1926, distante 409 km da capital baiana Salvador. Seu nome “Jaguarari” é de origem indígena e significa “onça pequena” o nome é proveniente de um índio que se destacou e que por sua vez se chamava Jaguarari. De acordo com o IBGE (2016) possui uma população de 34.304 habitantes distribuídos em seis distritos, 16 povoados e 132 comunidades.

É um município brasileiro que se limita ao norte com Juazeiro e Curaçá, ao sul Senhor do Bonfim, a oeste com campo Formoso e a leste com Monte Santo e Uauá. Sua área compreende 2.456.609 km². A cidade tem como principal acesso à rodovia BR-407.

Sabe-se que os índios Patachós, dentre outros índios habitaram a região. Os Patachós habitavam as proximidades do Rio Cachoeira, afluente do Jequitinhonha no território baiano, e viviam em guerra com outra tribo denominada Camaçãs. Diz-se que hostilizados pelos colonizadores e cansados da exploração levantaram em êxodo e vários bandos de Pataxós conseguiram chegar à Missão do Saí, nas proximidades de Senhor do Bonfim onde teriam constituído aldeamento e por lá se fixado.

O nome da cidade tem origem indígena, mas ao longo do tempo recebeu outros nomes provenientes do contexto histórico da época. Devido aos contextos políticos violentos, como por exemplo, os tiroteios dirigidos à residência dos políticos no governo de Rafael Cruz, prefeito da época, recebeu o nome de Jaguarabala e Jaguaratiro. Entretanto, o nome Jaguarari permaneceu oficialmente. A cidade viveu o período do coronelismo de modo acentuado apresentando forte resquícios em dias atuais, dado que ostenta uma história política de muita opressão e turbulência.

O município de Jaguarari fora influenciado pela chegada dos portugueses e outros povos que dominaram o país a partir do século XV. Naquele período os colonizadores na ânsia de encontrar metais preciosos, principalmente o ouro e a prata, foram adentrando o interior da Bahia. Mas, a maior riqueza do município em mineração é a quantidade expressiva de metal bronze que vem sendo explorado há aproximadamente um século, no interior do município.

No aspecto cultural e esportivo possui riquezas diversas. Entretanto, limito-me a evidenciar o esporte, para não me distanciar do foco. Assim, como em todo território nacional, o esporte mais praticado é o futebol. Os campeonatos promovidos lotam o Estádio Municipal local, as torcidas se caracterizam com os uniformes e cores dos times, alguns apostam altas cifras e também é comum muitos desentendimentos e conflitos, proveniente da paixão exacerbada.

Outros esportes foram inseridos nos contextos de Jaguarari como caratê, vôlei, handebol, basquete, o jiu-jitsu, UFC, ciclismo, maratonas, motocross e outros, nada comparada à paixão futebolística. A capoeira, ainda que timidamente, também tem seu espaço na cidade. A história registra outras atividades esportivas e culturais de remotas datas, que sempre foram praticadas como diversão ou recreação, a corrida de argolinha, a vaquejada, a cavalgada, a corrida de jegue são exemplos, elas são realizadas utilizando animais, cavalo e jegue.

Entretanto, a relevância específica desta pesquisa gira em torno do atletismo e, neste sentido discorro a seguir sobre a inserção do atletismo no contexto de Jaguarari. Como mencionado anteriormente, as maratonas já faziam parte do cenário de Jaguarari, mas o atletismo como conjunto de esportes, fora inserido apenas na primeira década deste século através da criação do projeto de atletismo que atende aos jovens, adultos e crianças de Jaguarari e região.



Figura 16 - Aluna da EAF.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 17 – Turma EAF

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

O projeto denominado EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo que tem o Professor Antônio Ferreira, conhecido como “Ferreirinha” como coordenador teve início quando este identificou nos jovens e crianças da comunidade, um grande potencial para a prática de esporte na modalidade de atletismo. Daí no ano de 2006 iniciou o projeto com a modalidade, até então pouco conhecida na região. O projeto ganhou corpo e foi devidamente regularizado e documentado, vem conquistando grandes vitórias a nível regional, estadual e nacional. Entretanto, a maior conquista é de aspecto social, visto que têm transformado a sociedade local e a vida dos jovens que fazem o projeto.

Driblando as limitações e dificuldades, neste pedacinho do sertão da Bahia, os alunos da Escolinha de Atletismo orientados pelo professor Ferreirinha construíram o circuito com pó de cal, colchões velhos, pneus, corda, madeira, pedras galhos de árvores e outros materiais recicláveis para treinamento. Em meio aos pedregulhos e, muitas vezes dividindo a pista com animais como jegues e cabritos, os meninos e meninas treinam para “vencer”, sim vencer a miséria e todas as dificuldades que enfrentam as crianças mais carentes do sertão nordestino.



Figura 18 - Ticiane Bonfim, melhor atleta de salto em 2016, iniciou carreira treinando em colchões. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 19 - Os treinos nas trilhas da caatinga. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 20 - Alunos se divertem nas aulas. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 21 - Aula com leitura ao ar livre. Fonte: celular do coordenador

O professor inicia a aula dizendo: *"As medalhas conquistadas com conhecimento dão sustentação para a continuidade da vida"*. (coleta diário de campo, 14 de junho de 2018).

A Escolinha é enxergada por um apresentador de programa de tv, Luciano Huck, que grava no povoado de Flamengo contando a história da EAF



Figura 22 - Professor recebe apresentador de TV. Fonte: www.portaljaguarari.com

Após participação em programa de tv gravado no povoado de Flamengo, a EAF ganha nova sede e materiais esportivos. A nova sede foi construída considerando a proposta do professor, o trabalho coletivo, e também seguindo o lema do programa “Um por todos. Todos por um”. A comunidade uniu-se em mutirão e construiu a nova sede com o auxílio da produção do programa e de colaboradores, auxiliados ainda por diversas comunidades circunvizinhas.



Figura 23 - Mutirão para construir a sede EAF. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 24 - Entrega da sede EAF.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 25 - Aula prática após a construção da moderna sede da Escolinha. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

O projeto que beneficia as crianças e os jovens da comunidade tem dado muito certo, é amparado por colaboradores. Mas a colaboração expressiva da comunidade faz mesmo a diferença. Os pais e demais moradores da comunidade fazem parte do dia a dia do projeto disponibilizando trabalho e até mesmo um pouco do que possuem para que o projeto prossiga. Os alunos constroem coletivamente tudo que é necessário para o desenvolvimento das práticas utilizando sucatas.

6.3 A Comunidade de Flamengo

A Comunidade de Flamengo é um dos vários povoados que compõem o município de Jaguarari. Está situado às margens da BR 407, há 400 km da capital do estado da Bahia, Salvador. Possui uma população de pouco mais de 2.000 habitantes, apresenta a criação de cabras e ovelhas como atividade econômica principal. O povoado, a princípio, foi batizado de João Pedro, nome advindo da primeira família que povoou o lugarejo, mais tarde foi renomeado Flamengo, a pedido de um forasteiro que viera para o lugar, no período da construção da ferrovia da cidade de Jaguarari, no final da década de 1940, período em que muitos moradores da vizinhança se fixaram no povoado. Hoje tem nome de time de futebol brasileiro, muito prestigiado. Segundo relatos de antigos moradores, um dos “forasteiros” que se fixara no lugar,

apaixonado pelo Clube Regatas do Flamengo, time do Rio de Janeiro, fizera o pedido para que o nome do lugar de João Pedro fosse alterado para Flamengo e, por ser um morador querido por todos, houve a concordância e, assim, sacramentaram a mudança.

Mas apesar de o futebol ser “*a paixão nacional*”, em Flamengo o atletismo tem ganhado seu espaço consideravelmente.

6.4 O Locus da pesquisa: Escolinha de Atletismo de Flamengo - EAF

No meio do Sertão Nordestino, o município de Jaguarari, interior da Bahia, esconde uma história de ensinamentos de vida para as crianças da Comunidade do Flamengo. Atendendo a um pedido da filha, que queria virar atleta, ele criou duas escolinhas de atletismo que se chamam Flamengo, e hoje já possuem, juntas, 70 alunos (SPORTV, 2013).

Comecei com a minha filha que cobrava muito da minha parte, que queria ser uma atleta. Eu comecei colocando ela para treinar, para correr. As coleguinhas dela foram chegando, porque a minha filha participou de algumas competições, conseguiu resultados e as outras meninas queriam correr. Minha filha me cobrou para que eu treinasse as coleguinhas também, quer dizer, treinar não porque eu não sou um treinador, mas que eu acolhesse as colegas dela – comentou Ferreirinha. (SPORTV, 2013).



Figura 26 - Escolinha de Atletismo.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Esta pesquisa foi realizada no projeto Escolinha de Atletismo de Flamengo – EAF na qual observei as práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente. A EAF está localizada na Rua do Tanque nº 147 no povoado de Flamengo – Jaguarari – Bahia. O espaço físico conta uma pista adequada para treinos de atletismo, uma casa sede contendo cantina escritório, pátio

coberto, dormitórios e sanitários. A escolha por este projeto se deu por se tratar de uma evidente conexão do esporte com a educação, como artifício de construção de novos saberes e trilha para estimular a socialização, a autoestima e a cidadania dos alunos.

(...) mais importante que todos têm aprendido no povoado é a lição da competência que eles não acreditavam possuir, da força, da habilidade, da improvisação, sobretudo da possibilidade, eles podem ser grandes. (PROFESSOR FERREIRINHA, 2013).

A fundamentação descritiva do projeto EAF consiste em informações fornecidas pelo coordenador do projeto, páginas da internet e programas de TV que contam a história do projeto e também através das diversas informações colhidas no próprio local através dos alunos, familiares e do professor do projeto.

O projeto nasce sem grandes projeções, através de um pedido da filha Náviny, o professor Ferreirinha começou treiná-la, a menina queria praticar o esporte atletismo, seu pai então resolveu atender seu pedido e ajudá-la. Diante do pedido da filha, o pai começou estudar para treiná-la. Sua formação era para trabalhar com crianças das séries iniciais, mas a necessidade de atender a filha fez com que pesquisasse tudo sobre atletismo. Relata que no início, as pessoas achavam estranho aquela menina correndo pelas trilhas da caatinga com o pai, mas ela começou convidar suas amigas e logo se formou um grupo de corredoras. Os resultados obtidos, também atraíram mais crianças e adolescentes, que a medida que chegavam iam sendo acolhidos. Em pouco tempo ganhara forma de Escolinha, ainda precária, e já contava com 70 alunos. A EAF foi fundada em 2006, mas a regularização acontece bem mais tarde, foi um longo processo que ocorrera de 2014 a 2015.

É um projeto sem fins lucrativos que teve início há 12 anos atrás, recebe crianças e jovens da comunidade e circunvizinhança, como também de outras cidades, sendo que o foco é Jaguarari mais especificamente o povoado de Flamengo. Os alunos recebem aulas teóricas e práticas de atletismo, e sob a coordenação do fundador do projeto, o professor Ferreirinha, que coordena e ministra as aulas, os escolares frequentam o projeto em turno oposto ao que frequentam a escola formal, condição pré-estabelecida para fazer parte do projeto. Assim, suprime-se o tempo ocioso apurado como fator negativo para o desenvolvimento social dos participantes.

Os pais ou responsáveis acompanham as atividades e fazem-se presente para auxiliar nos trabalhos dos projeto. As aulas e treinos acontecem diariamente das 14 às 18 horas e hoje conta com 60 alunos devidamente matriculados, de ambos os sexos com faixa etária a partir de 5 anos.

Embora não tendo a formação específica, o experimento com a pequena Náviny dera embasamento e estímulo para o professor buscar mais e mais conhecimentos, ao mesmo tempo em que a menina começava alcançar resultados satisfatórios no esporte e no relacionamento sócio familiar. Sem recursos financeiros e sem um espaço adequado para iniciar os treinamentos, limpou um terreno baldio e o transformou em uma pista improvisada. Inicialmente objetivava apenas utilizar o esporte para despertar para a possibilidade de conhecer outro esporte além do futebol.

Com a adesão das crianças e jovens e até mesmo dos pais destes, formou-se um mutirão para a improvisação de equipamentos necessários aos treinos e, foi com colchões velhos sobre pneus descartados que a garotada pode amortecer o salto em altura, os canos da rede hidráulica tornaram-se obstáculos para exercícios de condicionamento e a cada dia novos avanços e novos alunos surgiram, com isso novas modalidades foram sendo inseridas. Uma moto velha que o professor possuía serviu de troca para adquirir um terreno com uma casinha feita de barro, ambos anexos à pista improvisada. A precária casinha possibilitou a sede primeira da Escolinha.

E utilizando a impressora da única lan house do povoado, o professor começou imprimir treinos orientações para os alunos e fixar nas paredes de adobe. O projeto ganha significado para os alunos e para a comunidade, da permanência duradoura dos alunos surge a necessidade de oferecer água e lanche para a garotada até porque a maioria não dispunham de alimentação adequada e alguns passam fome mesmo. Era o momento de travar uma batalha com o governo local, por um período a Prefeitura Municipal de Jaguarari assumiu a despesa de lanche, atualmente não mais.

A chegada do apresentador de TV Luciano Huck, da emissora Rede Globo com o quadro “Um Por Todos E Todos Por Um” trouxe boas parcerias para o projeto, inclusive o programa agraciou o projeto com uma nova sede entregue em rede nacional no dia 07 de junho de 2014, o apresentador entregou a sede com uma estrutura adequada para atender a demanda de 100 alunos que tornou-se referência no sertão baiano.

A partir daí surge a necessidade urgente de regularizar o projeto nos parâmetros legais, porque para receber recursos público ou privados tinha que estar legalmente registrado como instituição, não foi uma luta fácil. Em meio a tantas dificuldades que enfrentava, sem recurso e sem muito conhecimento específico, deveria redigir o estatuto para a instituição em tempo recorde, e foi com a ajuda de entidades parceiras que conseguiu ter êxito. Mas, o mais complicado estava por vir, conseguir captar recursos e aprovar o projeto dentro dos parâmetros

da Lei e, após muitas idas e vindas, muitas correções e muita burocracia finalmente em 2015 o projeto estava regularizado.

Em doze anos, a EAF alcançou muitos títulos e diversas conquistas, a exemplo da construção da pista de atletismo, pelo Governo da Bahia, em parceria com a Prefeitura de Jaguarari. A pista é utilizada na prática de atividades diversas e não somente pelos alunos do projeto, mas por toda comunidade, incluindo idosos. O atletismo, para muitas crianças e jovens daquele lugarejo, é o sonho de uma mudança de vida, é vislumbrado como oportunidade de crescimento pessoal e profissional, caminho para promover uma vida melhor para a família

A EAF tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento SÓCIOESPORTIVO pelo viés da prática do ATLESTIMO, promovendo a paz no esporte, a saúde e a educação para as crianças e jovens do município de Jaguarari e região circunvizinha, na Bahia. O trabalho desenvolvido no projeto preza pela construção do conhecimento através da relação de troca entre os pares considerando o meio escolar e social. Enfatiza os valores humanos e familiares como norteadores do projeto, assim como enfatiza o ensino escolar formal como parceria no desenvolvimento dos alunos do projeto. Os pais dos alunos acompanham e participam do projeto, é comum a presença de pais durante as aulas e treinos.

Jovens do projeto ocupam hoje posições de destaque nos rankings municipal, estadual e nacional, vale destacar o crescente gosto pelo crescimento intelectual de alguns jovens – alguns já inseridos em universidades. Neste sentido, o resultado de maior relevância que ganha enfoque nesta pesquisa se refere à mudanças de contextos sociais que possivelmente tenha sido fruto de uma prática pedagógica diferenciada e, portanto compete a esta pesquisadora averiguar os processos e chegar a um resultado.

Nas aulas e práticas do atletismo do projeto, nota-se o contentamento das crianças e jovens que sentem-se muito à vontade, com abertura para iniciativa e criatividade, por exemplo, em escolher os objetos para desempenhar suas atividades, iniciativa na formação de subgrupos, para escolha do espaço entre outras. O professor, quando julga necessário interrompe as atividade para dá alguma orientação e se precisar suspende a aula para conversar com toda a turma.

O projeto ampliou seus objetivos e hoje visa não somente levar a aprendizagem de regras e práticas do atletismo, mas que os alunos tornem-se cidadãos, profissionais e acadêmicos universitários, neste sentido busca estimular a vontade de realização com foco na formação

moral e social das crianças e jovens. Portanto, rodas de conversas, palestras, debates entre outros são atividades constantes, realizadas com a presença de convidados, nas quais são trabalhados valores éticos e temas do cotidiano.

Observe a declaração feita pelo professor Ferreirinha em janeiro de 2017 na despedida das três jovens da EAF que partiram para estudar na Universidade NASSAU de Recife, a escrita do blog diz que “as meninas partiram em busca de realização dos sonhos que seus pais não ousaram sonhar, mas que seus irmãos, primos, colegas da Escola do povoado de Flamengo ou de todo o município poderão sonhar com mais confiança”. E acrescenta a escrita dizendo que “*agora eles sabem que é possível, pois, só precisam fazer como elas, correr, literalmente em busca de uma vida melhor*”. Declaração do professor:

É mais um feito que o ATLETISMO, esse esporte GENEROSO, SENSACIONAL e EMOCIONANTE acaba de realizar num povoado que jamais alcançaria isso por meio de ações públicas. Fechamos mais uma página de uma parte da história desta vila que nenhum escritor colocaria no seu conto de fadas, assim como fizemos em 2014 com a vinda do humanista Luciano Huck. Agora vamos contar dias e anos para assistir emocionados a formatura e ou a ascensão profissional destas meninas em competições internacionais nos deliciando com a ida de muitos outros dos nossos filhos, porque o caminho está aberto por estas desbravadoras. (eafjaguarari.blogspot.com, 2017).

Ainda se referindo à oportunidade das garotas direciona suas palavras à Railane (aluna e atleta):

(...) sabe que tem que continuar melhorando. Melhorando seus treinos, melhorando seus estudos, melhorando seu comportamento social para influenciar um povoado que somente agora pode inserir um capítulo de orgulho na sua trajetória de miséria e abandono. Pois é, pela primeira vez meninas de origem humilde estão tendo a chance de sonhar com universidade e com dias melhores na sua vida. Ela agora é bolsista numa escola particular de Pernambuco e vai dar início ao Ensino Médio, cursando a primeira série. (eafjaguarari.blogspot.com, 2017).

O professor é um apaixonado pelo esporte e, principalmente, por tudo de positivo que este tem trazido para as crianças e jovens da comunidade de Flamengo e região. As viagens para disputar torneios proporciona passeios sócio culturais aos jovens, por meio delas eles desfrutam de momentos de construção de novos saberes, de inclusão social e cultural. Ao longos dos últimos anos já tiveram oportunidade de conhecer inúmeras cidades, dentro e fora do estado da Bahia. Rio grande do Norte, Recife, Curitiba, Brasília e outros são exemplo. Em 2017 uma das jovens representou o Brasil nos jogos Sulamericanos no Chile.



Figura 27 - Aluna Ticiane embarcando para o Chile. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 28 - Alunos visitam Palácio do Planalto em Brasília, 2017. Fonte: Facebook EAF



Figura 29 - Alunos visitam Museu Nacional em Brasília, 2017. Fonte: Facebook EAF

O projeto também objetiva abrir portas para o atletismo profissional e tem conseguido resultados surpreendentes:

Em 2015 a Escolinha de Atletismo Flamengo (EAF) conquistou quase todas as provas disputadas nas categorias “mirim” e “menor juvenil”. Na categoria “adulto”, também fez alguns campeões, que ainda são menores de 18 anos. São mais de 500 medalhas conquistadas só em 2015! (eafjaguarari.blogspot.com, 2015).



Figura 30 - "Eu sou de Flamengo, eu moro em Flamengo... ..Saltar, lançar, correr, Eu sou de Flamengo e corro pra vencer..." Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

O IMPROVISO, AULAS UTILIZANDO SUCATAS

No sertão nordestino, mais precisamente em Jaguarari, na Bahia, um professor dá aulas para cerca de 70 crianças, que brincam e treinam em aparelhos criados no improviso. O aparelho do salto em altura, por exemplo, é formado por pneus e colchões. Garrafas de plástico, tubos de pvc, madeira e elástico também têm suas funções específicas para os alunos de Ferreirinha, que se emociona ao falar dos jovens. (SporTV, Rio de Janeiro, 2013).



Figura 31 - Crianças sobre colchões e pneus velhos. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 32 - Alunos fazem aula utilizando sucatas. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 33 - Jovens realizam atividades utilizando pneus velhos. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 34 - Aula utilizando recursos naturais da caatinga. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 35 - Aula no pátio da Escolinha. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 36 - Corrida para mudar o futuro. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 37 - Aluno realiza atividade no pátio da escolinha com novos recursos. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 38 - O projeto serve como exemplo para outros jovens e estudantes... Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 39 - A comunidade participa do projeto e ajuda como pode!

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 40 - O respeito pela infância das crianças. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

6.4 a) Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são o Coordenador e Professor Treinador da Escolinha de Atletismo de Flamengo, Antônio Ferreira Bonfim Filho e a turma da Escolinha de Atletismo de Flamengo.

O Professor Antônio Ferreira Bonfim Filho

Autodidata, homem muito inteligente e com uma visão clara sobre o papel de um verdadeiro Educador, nascido em 24 de março de 1968, trabalha desde muito jovem nos povoados de Flamengo município de Jaguarari e Araras no município de Campo Formoso respectivamente, com as disciplinas de História e Educação Física. Conta, que mesmo não tendo a formação específica, foi convidado a assumir a disciplina de Educação Física, já que não havia professor qualificado para a função. E, na condição de professor de Educação Física, não se conformara com o fato constatado de que o “futebol” ocupava a posição de esporte prioritário e dominante no currículo teórico e prático da Educação Física nas escolas onde trabalhava. Na sua visão, era violento, machucava, incentivava uma competitividade que, muitas vezes, motivava para o surgimento discussões, palavrões e brigas. Estudioso que sempre foi, começou a se interessar pelos valores trabalhados no Atletismo e convenceu a diretora da escola local a implantar um pequeno projeto com a garotada, pois já vinha experimentado com a sua pequena filha Náviny e obtendo resultados satisfatórios até mesmo no relacionamento com a família. Sem recursos e sem um lugar adequado para iniciar os treinamentos, Ferreirinha limpou um terreno baldio e o transformou em uma pista improvisada. O objetivo inicial era utilizar o esporte para despertar o gosto pela prática de um esporte mais pacífico e que agregasse melhor valor disciplinar aos alunos.



Figura 41 - Professor Ferreirinha.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A turma



Figura 42 - Turma da Escolinha.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A Escolinha de Atletismo possui atualmente, 60 alunos devidamente matriculados e frequentes, com faixa etária a partir de 5 anos. A seguir resumo biográfico de alguns alunos do projeto, atores sociais desta pesquisa:

Náviny de Souza Bonfim

“No início mesmo, as pessoas diziam que a gente era louco por tá correndo, mas aquilo ali era maravilhoso...” (Náviny, ESPORTE ESPETACULAR, tv globo, 2016).

Nasceu no povoado de Boa Vista dos Pauzinhos em Campo Formoso-Bahia aos 08 de março de 1999, é especialista nos 800 metros rasos, sexta colocada no brasileiro em São Paulo, vice campeã do 1º Campeonato Norte Nordeste em Natal e terceira colocada no Revezamento 4X400 misto; Vice Campeã do 1º Campeonato Brasileiro de Atletismo realizado em Recife; Campeã Baiana menor juvenil e adultos dos 800 metros rasos e Campeã Baiana adulto dos 1.500 metros rasos. Quando menina pediu a seu pai que a treinasse num lugar oval, que simulasse uma pista. Recentemente mudou-se para Recife para estudar e treinar, lá treina em uma pista sintética no Bairro de Boa Viagem.

Railane Batista da Silva

Nascida aos 20 de junho de 2000 no povoado de Flamengo, a jaguariense está residindo em Recife e passando por uma mudança drástica em sua vida - felizmente para melhor, sempre morou no povoado onde nasceu e lá falta quase tudo, agora mora em um bairro nobre de Recife estudando em uma escola privada para concluir o ensino médio como bolsista e já tem bolsa garantida para cursar Educação Física na Universidade NASSAU. Possui diversas conquistas, campeã dos 3.000 metros rasos nos jogos Escolares em João Pessoa; venceu os 1.000 metros com obstáculos no Troféu Norte Nordeste sub 16 em Maceió em 2016; conquistou medalha de bronze na prova dos 5.000 metros rasos, fazendo a sua PB - Personal Best (18:39.99), conquistou bronze também na prova dos 3.000 metros rasos em Maringá nos Jogos Escolares da Juventude 15 a 17 anos. A menina Railane Batista dos Santos, filha do artesão Edvaldo Filho, mais conhecido como Ném Grande e de Naudete Vieira, moradores da Rua do Tanque Grande, no povoado de Flamengo, ficou em terceiro lugar na 2ª Corrida Tiradentes, realizada na cidade de Macapanema, que fica a aproximadamente 150 km da grande Recife - Pernambuco. Em 2018 foi campeã no lançamento de dardo feminino.

Erivânia da Silva Cruz

Erivânia da Silva Cruz nascida em 22 de maio de 2000 completará seus 19 anos este ano, ela também vive a mesma situação de Railane, acima citada, a sua companheira de treinos desde que começaram a correr junto com Náviny aos seis anos. Ela já está na terceira série do ensino médio e quer se formar, na NASSAU, que já garantiu sua bolsa integral em 2018 e Railane em 2019. É especialista em marcha, salto em distância, 1500 e 3000 metros; vice campeã baiana mirim na prova de 1.000 metros rasos; sexta colocada nos jogos escolares, na prova dos 3.000 metros rasos e campeã brasileira de marcha atlética 5km em Blumenau - SC.

Ticiane Souza Bonfim

Nascida aos 31 dias do mês de agosto de 2001, a jovem Taciana tornou-se especialista nos 1000 metros com obstáculos e no salto em altura. Conquistou diversos títulos, destaque para o troféu Norte Nordeste em São Luiz do Maranhão no qual ficou na posição de vice-campeã nas duas modalidades de sua especialidade. Foi campeã baiana mirim dos 1000 metros com obstáculos e campeã baiana mirim menor juvenil do salto em altura. Em 2018 foi Campeã do revezamento 4 X 75 metros rasos feminino com equipe composta por Taciana, Emanuela, Heloisa e Saionara.

Priscila Lima Almeida

Nasceu em 1999 aos 16 dias do mês de março. Tornou-se especialista nas provas de heptatlo e lançamento de dardo, vem conquistando diversos títulos, destaca-se o Campeonato Brasileiro Escolar em Recife – Pernambuco no qual tornou-se campeã dos 200 metros rasos, também tornou-se vice campeã baiana menor juvenil nas provas de 100 e 200 metros rasos. Você campeã do Troféu Norte Nordeste em Natal – Rio Grande do Norte na prova do heptatlo.

Lucas Natan Santos da Silva

O jovem Lucas nasceu em 18 de novembro de 1998, tornou-se especialista no decatlo. Entre os diversos títulos já conquistados vale destacar o Campeonato Brasileiro Escolar em Recife, onde conquistou o título de vice campeão do salto com vara e terceiro colocado no salto

em altura. Campeão baiano menor juvenil nas provas de salto em altura e no lançamento do dardo, campeão baiano adulto no salto em altura.

Samuel da Silva Araújo

Nascido em 18 de dezembro de 1998, especialista nos 3.000 metros rasos e nos 3.000 metros com obstáculos. Destaque para o Campeonato Brasileiro Escolar em Recife - Pernambuco, onde ele foi o vice campeão dos 3.000 metros rasos, também tornou-se campeão baiano menor e juvenil nos 3.000 metros rasos, vice campeão baiano adulto nos 3.000 metros com obstáculos e vice campeão do Troféu Norte Nordeste nos 3.000 metros rasos e terceiro nos 2.000 metros com obstáculos.

Alessandro da Silva Souza

Nasceu no dia 08 de setembro de 2001 e tornou-se especialista nos 1000 metros rasos, salto em altura e lançamento de dardo. Alessandro é um rapaz vencedor na vida e no esporte, tem conquistando diversos títulos com destaque para o Campeonato Baiano, onde foi vice campeão do salto em altura, campeão do lançamento do dardo e dos 1.000 metros rasos; Campeão do Troféu Norte Nordeste nos 1.000 metros rasos em São Luiz – MA. Conquistou o terceiro lugar nos jogos escolares da juventude, na prova dos 1.000 metros rasos em Fortaleza-Ceará. Por equipe conquistou revezamento 4 X 75 metros rasos masculino com equipe integrada por Jony, Eduardo, Jefferson e Alessandro. Eleito destaque da categoria SUB 16 em 2016. Eleito atleta destaque da Bahia na categoria SUB 18 em 2017. Aos 17 anos (em 2018), Vice Campeão do Troféu Norte Nordeste e Brasileiro SUB 18 nos 2.000 metros com obstáculos.



Figura 43 - Alessandro, primeiro lugar nos 3.000 metros rasos Festival SUB 18.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 44 - Alessandro em uma competição.

Fonte: Facebook EAF

Professor Ferreirinha (30/06/2017) declara: *“Vice campeão brasileiro Alessandro Bonfim, meu filho amado!!! Ainda estou lembrando incrédulo a prova que você fez em*

Bragança Paulista. Os profissionais que cuidaram de sua preparação fomos eu e sua mãe GILVANIA BONFIM. Ela é uma nutricionista e psicóloga fora de série. Família faz a diferença!!!”

Paulo Jean Alves da Cruz

Nasceu no dia 13 de março de 1998, é especialista nos 400 e 800 metros rasos, destaque para o campeonato brasileiro escolar em Recife-Pernambuco onde foi a vice campeão dos 400 metros rasos; campeão baiano menor e juvenil nas provas de 200 e 400 metros rasos; campeão baiano adulto no revezamento 4 x 400 metros rasos.

Lucas da Silva Ferreira

Especialista nos 800 e 1000 metros rasos, nasceu aos 18 de fevereiro de 2000 tem conquistado diversos títulos com destaque para o campeonato brasileiro escolar em Recife - Pe, onde foi vice campeão dos 800 metros rasos; vice campeão baiano menor e juvenil na prova dos 800 metros rasos e terceiro colocado no Troféu Norte Nordeste na prova dos 1.000 metros rasos.

6.4 b) O pesquisador e o objeto de estudo: as primeiras evidências

A atividade de garimpar informações na EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo teve início a partir da aprovação do projeto de pesquisa apresentado na UMA em 2017, todavia foi a partir do dia 15 de março de 2018 que iniciei as observações, data em que realizei minha primeira visita, estava bastante ansiosa e fui bem recepcionada pelo professor coordenador do projeto.

Na chegada, observei toda a estrutura e espaço físico, a construção da EAF com a pista de atletismo devidamente adequada e a estrutura da sede do projeto no cenário da caatinga nordestina. Cenário de seca típico da região, então fiquei imaginando grupos de crianças e jovens correndo nas trilha daquela vegetação, driblando as dificuldade e com vontade de vencer, me emocionei.

Depois deste momento, iniciei a conversa com o professor, oportunidade em que falei do meu projeto e da conceituada Universidade da Madeira; relatei o meu real motivo em estar ali, que estava cursando um mestrado em educação com foco nas práticas pedagógicas e que desejava desenvolver minha pesquisa acadêmica naquele locus. Esclareci que tinha certo conhecimento a respeito do projeto adquirido através da mídia, das redes sociais, internet e de relatos de professores colegas de trabalho, e que as informações me haviam chamado a atenção, principalmente pelas práticas desenvolvidas.

Após conversa, ao sairmos da sala (escritório), acabava de chegar uma senhora de sorriso largo em uma moto trazendo uma adolescente que parecia ser filha. Neste momento, o professor fez questão de enfatizar que aquela senhora morava há mais de 12 km da Escolinha e que apesar do pouco recurso faz questão de levar assiduamente a sua filha para o projeto e continuando falou da adolescente, disse ser uma vencedora em todos os sentidos, que é uma menina doce, disciplinada e muito aplicada nos treinos e nos estudos na escola formal. Em seguida, apresentou-me todos os espaços e me convidou para observar a aula treino orientada por uma aluna que previamente teria sido orientada pelo professor. O professor finalizou com uma roda de conversa sobre assunto bem cotidiano e particular dos alunos e despediu-se de todos com um abraço carinhoso.

Observei o trato humano do professor com a turma e a valorização da autonomia no desenvolvimento dos processos, identifiquei crianças e jovens alegres e motivadas nas atividades.

Para o garimpo das informações ao longo da pesquisa, elegeram-se alguns recursos metodológicos que se configuraram eficazes na atividade de registrar as informações, interpretar, descrever e analisar a autenticidade do espaço escolhido, portanto, o método etnográfico configura-se como o mais adequado à realização da pesquisa científica. Através da observação participante, pela crença nas relações sociais como pertencente ao contexto etnográfico, no conhecimento dos sujeitos, do local para inteirar-se das experiências do ambiente investigativo. Então, a partir deste encontro avançamos a pesquisa.

CAPÍTULO 7

RESULTADOS: descrição e interpretação dos dados revelados durante a experiência investigativa

Constata-se que o trabalho desenvolvido, no projeto EAF - Escolinha de Atletismo de Flamengo, além da preparação para a prática esportiva, evidencia a prática da cidadania, a autoestima e a aquisição de projetos para a vida. O professor Ferreirinha é o principal incentivador de 60 alunos (crianças e adolescentes). Ele vem mantendo, orientando, coordenando e dirigindo o projeto, e de acordo com as observações desta pesquisadora e depoimentos colhidos, a iniciativa representa uma perspectiva de futuro para a comunidade, considerando que o meio em que estão inseridos pouco oportuniza crescimento intelectual e/ou econômico. Por se tratar de uma região seca e pouco desenvolvida, a comunidade traz em seu contexto histórico um alto índice de pobreza e, conseqüentemente, os jovens apresentam baixa autoestima, com histórico de elevado índice de baixa escolaridade, como também uso de drogas e envolvimento em atividades ilícitas, a exemplo de roubos.

Entretanto, tornar o projeto uma realidade, não foi fácil, a escassez de recursos necessários à prática pedagógica, despertou o professor a propor aos alunos da comunidade local a confecção dos instrumentos necessários à prática do esporte que imediatamente se mobilizaram em mutirão e, para sua surpresa, os alunos mobilizaram toda a comunidade que prontamente se juntou ao grupo de crianças. Ticiane Bonfim (aluna da EAF, 17 anos) diz: *“quando não tínhamos a estrutura que temos hoje, nós treinávamos nas trilhas da caatinga, nas estradas, e o material era improvisado com pneus velhos, cano pvc e outros materiais de sucata. E foi um ajudando o outro que a gente conseguiu alcançar o objetivo”*. (Diário de campo, 25 de março de 2018)



Figura 45 - Grupo de crianças, jovens e adultos unidos por um objetivo. Fonte: Facebook da EAF

Erivânia relata que o grupo saía nas casas pedindo pneus, garrafas pet e outros objetos, daí começaram confeccionar e depois treinar. Alessandro acrescenta: *“formamos uma equipe muita unida e foram momentos de muita diversão e aprendizagem, porque apesar das dificuldades todos se divertiam e, aprenderam trabalhar em equipe e ajudar um ao outro”*. (Diário de campo, 25 de março de 2018)

Erivânia chegou ao projeto com cinco anos de idade e diz: *“o projeto tirou os jovens da rua, antes as crianças também ficavam muito na rua e corriam riscos, inclusive de serem atropeladas, a Escolinha veio pra ajudar trazendo as crianças pra cá e aqui também é uma diversão para elas.”* (Entrevista coletada, 09 de outubro de 2018).

“O atletismo nos proporciona uma qualidade de vida que nós não temos, aqui eles têm saúde, amizade, o carinho, que é a essência da vida...” diz o professor Ferreirinha ao falar do trabalho no projeto (Blog da EAF). A aluna Emilly Victória declara que o que mais gosta no projeto é: *“o trabalho em equipe e as resenhas”* (Entrevista coletada, 26 de julho de 2018). Segundo Matthiesen (2007) apud Nascimento (2010):

O correr do atletismo não é um correr qualquer, assim como o saltar, o arremessar e o lançar não podem ser considerados de uma forma descontextualizada, fora do campo normativo e técnico que envolve o atletismo propriamente dito. E veja: isso é mais importante do que parece! Essa definição é de suma importância para que se garanta o espaço do atletismo no âmbito da cultura corporal. (MATTHIESEN, 2007, p.7 apud NASCIMENTO, 2010).

Para Tubino (1987):

O esporte, como entidade multifuncional que compreende tantas riquezas e aspectos da vida humana e da sociedade, também tem evoluído conceitualmente no sentido de uma maior abrangência, para o cumprimento do seu papel de bem cultural, pois, como

patrimônio herdado, a sociedade deve dele servir-se e depois transmiti-lo acrescido das experiências desenvolvidas. (TUBINO, 1987, p. 24).

O trabalho social desenvolvido na EAF vai além do esporte e com muitos parceiros...

A EAF realiza um trabalho social na comunidade e muitos jovens que estariam ociosos e/ou envolvidos com drogas ou delitos têm seu destino modificado, a partir da sua inclusão no projeto, o qual tem propiciado conquistas no âmbito pessoal e coletivo dos atores. Este fato configura-se em um dos motivos de sedução das crianças e dos jovens que vislumbram impactos positivos nas suas condutas pessoais, sociais e culturais. Na entrevista, pergunto à aluna Emily Victória, de 13 anos, o que mudou após sua inserção no projeto e a adolescente responde: *“Muita coisa, hoje a minha vida é voltada ao esporte”* e acrescenta *“o projeto tirou crianças que não tinham nenhum plano de vida e fez essas crianças enxergarem o futuro”*, Thais Souza, 17 anos diz: *“Eu era uma pessoa muito mal educada e agora sou educada, tenho disciplina... a EAF tira as crianças da rua, das drogas”*, Jonatas Natanael 17 anos confirma *“...crianças saíram da rua do mundo das drogas”*. (Entrevista coletada com os atores Thais e Jonatas, 24 de fevereiro de 2019)

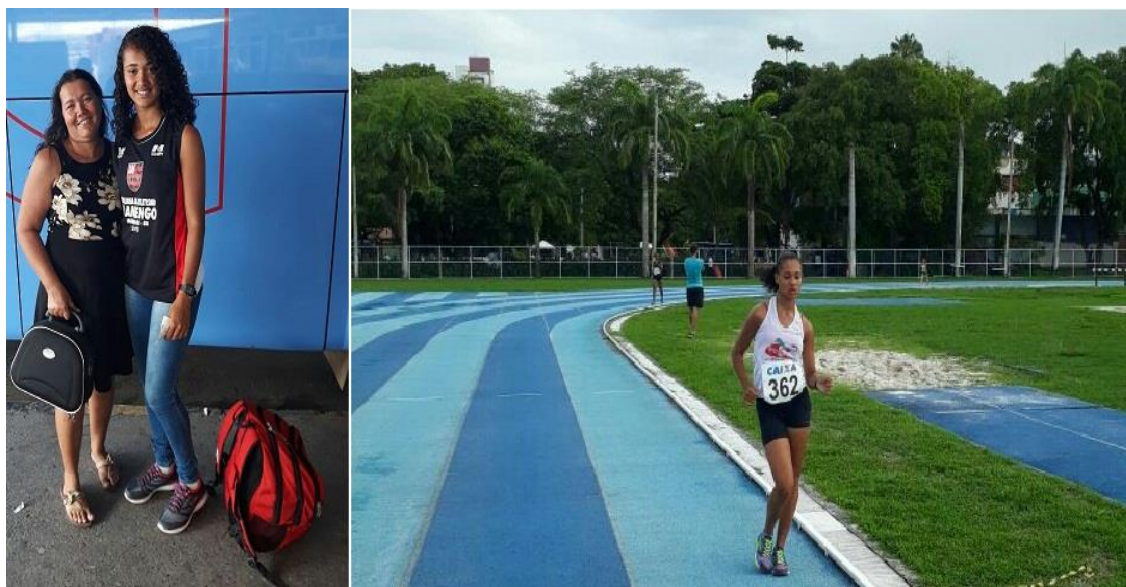


Figura 46 - Erivânia Cruz.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Erivânia é uma jovem atleta de 19 anos; desde o princípio, ela se destacou na corrida em marcha. Filha de catadora de umbu (fruta típica do nordeste), nunca imaginou chegar aonde chegou até então. Em seus relatos, com um brilho no olhar, diz que o projeto chegou para mudar a realidade local, e completa que se não fosse a chegada do projeto, a maioria dos jovens da comunidade local estariam na rua usando drogas, no entanto, a maioria dos jovens da

comunidade estão praticando atletismo e inseridos na escola regular. Declara também que, antes do projeto, não tinha perspectiva e do contrário, talvez hoje, fosse uma mãe adolescente e infeliz. Em depoimento televisivo sua mãe emocionada, diz: *“Eu me criei na roça sem oportunidade de conhecer os lugares e através do esporte ela já conheceu vários lugares...”* O Professor Ferreirinha acrescenta: *“Eu só queria vê-la praticando esporte e estudando...”* (REPORTAGEM ESPORTE ESPETACULAR TV Globo, 2016)

O trabalho social desenvolvido se propaga como uma corrente do bem servindo de exemplo para outras cidades e instituições. Amoldando-se como traslado para outros jovens e estudantes, recebe grupos escolares constantemente, como também a convite, visita escolas, universidades e ou outras instituições levando a história do projeto. Todavia o professor coordenador do projeto reclama da falta de apoio e incentivo do poder público local e desabafa: *“Jaguarari não realiza jogos escolares, não apoia nenhum atleta, não tem nenhum apoio formal a projetos esportivos e não apoia a prática de nenhuma modalidade esportiva diferente de futebol”*. (Conversa informal, 23 de janeiro de 2019)

Na foto abaixo o educador físico Ferreirinha acompanhado pela aluna Návinny, ministra palestra sobre sua iniciativa de montar uma escola de atletismo nos povoados de Flamengo e Araras, no interior da Bahia, também fala da experiência de fazer o revezamento da tocha olímpica nas Olimpíadas do Rio 2016 e da participação no programa de TV, nominado Caldeirão do Huck. A aluna trata das mudanças ocorridas em sua vida após a inserção no projeto, fazendo um paralelo do antes e depois. Seguem fotos de eventos e trechos de declarações do educador físico:



Figura 47 - Professor Ferreirinha e aluna Návinny realizando palestra. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A atleta e aluna da EAF acompanhou o pai e professor que palestrou na Faculdade Baiana de Salvador. O professor inicia dizendo:

“Primeiro, é uma responsabilidade muito grande estar aqui falando para os calouros um pouco do trabalho que desenvolvo com meus alunos e tento conscientizá-los através das principais ferramentas que utilizo que são o carinho, o amor, a vontade de vê-los com condições de sair da vida que eles levam com dificuldades. O mais importante que eu penso é que a Baiana está nos dando uma oportunidade muito grande de ser elo entre os menos favorecidos e os que têm grandes oportunidades. Estou muito feliz, já é a segunda vez que sou convidado e gostaria de agradecer à instituição por ter me dado essa tarefa de tornar esse dia emblemático e marcante para os calouros”.



Figura 48 - Comitê Olímpico Brasileiro promoveu Congresso Brasileiro de Esporte Escolar em 2013, com uma das palestras sendo ministrada pelo Professor Ferreirinha. Participação de profissionais de Cuba, Rússia, Alemanha, Brasil e Japão. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

PROGRAMAÇÃO DO WORKSHOP BRASIL VALE OURO

Dia 25/12		Dia 26/12	
8:30	Chegada e Café da manhã	8:30	Chegada
9:00	Abertura	9:00	Palestra "Transformando vidas através do esporte" - Convidado Professor Ferrazinha
9:30	Apresentação livre do BVO nas EDs	9:40	Perguntas para o convidado
9:30	Almoço	10:00	Modelo Operacional (Supervisão Técnica Esportiva)
10:00	Tour	11:00	Lei de Incentivo ao Esporte (Apoio à elaboração e prestação de contas)
10:30	Exumínio	11:00	Almoço
11:00	Sessão	11:30	Indicadores
11:30	Fuá de Janeiro	14:30	Calendário 2015 BVO
12:00	Almoço	16:00	Encerramento
13:30	O Brasil Vale Ouro / Modelo de Gestão		
13:30	Apresentação da Metodologia		
16:00	Dúvidas e sugestões dos participantes		
16:30	Sistema BVO		
18:00	Encerramento		

Brasil Vale Ouro FUNDACÃO VALE VALE



COM ERIK FONT, GESTOR DAS ESTAÇÕES CONHECIMENTO DO BRASIL VALE OURO



COM RONALDO, CONSULTOR ESPORTIVO E EX-ATLETA DA ANTIGA FUNILENSE



COM CLODOALDO, EX-ATLETA OLÍMPICO, TREINADOR DO PINHEIROS E CONSULTOR



COM CARLOS ALBERTO LANCETA, DIRETOR DA VALE NO RIO E PRESIDENTE DA FARJ





EM VISITA A ESTAÇÃO CONHECIMENTO NA CIDADE DE BRUMADINHO - MG



VISITA AO MUSEU DE MINAS GERAIS MANTIDO PELA FUNDAÇÃO VALE



VISITA AO MINEIRÃO E AO MINEIRINHO, PALCOS DE GRANDES ACONTECIMENTOS ESPORTIVOS E CULTURAIS

Figura 49 - Fundação Vale e Projeto Brasil Vale Ouro à workshop em Minas Gerais a palestra intitulada “Atletismo: um esporte democrático e redentor, para um nordeste sistemático e sofredor”.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com





VI CEFIVASF

Congresso de Educação Física do Vale do São Francisco

Figura 50 - Palestra com Professor Ferreirinha já aplaudida em diversas partes do Brasil, intitulada ATLETISMO: "Um esporte democrático e redentor, para um Nordeste sistemático e sofredor".

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 51 - Alunos são atendidos em SAC para obtenção de documento. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 52 - Polícia Rodoviária Federal promove palestra na EAF sobre trânsito.

Fonte:

eafjaguarari.blogspot.com



Figura 53 - Poeta e escritor, Matheus Muniz encanta os alunos da EAF... Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 54 - Poeta e escritor, Matheus Muniz incentiva os alunos da EAF na produção.

Fonte:

eafjaguarari.blogspot.com

A Escolinha de Atletismo Flamengo, assim como a Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt) apoia a campanha "Outubro Rosa". Este mês foi escolhido, ainda na década de 1990, para conscientizar a população sobre os perigos do câncer de mama. O movimento visa estimular a participação das mulheres no controle da doença. (Campanha exibida no blog da EAF)



Figura 55 - Campanha contra câncer de mama.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 56 - Dia das crianças 2018: funcionários e parceiros da Mineração Caraíba fazem a alegria das crianças na sede da EAF. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 57 - Interação e diversão no dia da criança.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

7.1 Diálogos de aprendizagens: a relação entre professor, sujeitos e construção de saberes socioculturais

Em meio as conversas no período de observação, os alunos falam sobre o que aprendem e como aprendem no projeto. Ticiane diz com alegria que lá se aprende brincando, tudo é muito divertido e o professor trabalha em grupo. Erivânia diz que tem aprendido muitas coisas dentro do projeto inclusive o respeito. Adriano declara: *“eu não gostava de estudar e também passei a dar valor à vida”*. Alessandro completa: *“(…) o que você aprende aqui você leva também pra escola, pra casa”*. (Entrevista coletada com os atores Adriano e Alessandro, 23 de agosto de 2018).

Os pequenos se tornaram grandes...

ESCOLINHA DE ATLETISMO FLAMENGO CONQUISTA 4ª MEDALHA EM CAMPEONATOS BRASILEIROS



Figura 5845 - Adriano dos Santos, medalha de bronze (2017).

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



EQUIPE CAMPEÃ DO REVEZAMENTO: MARIA HELOÍSA, LUCINEUMA FERREIRA, EMANUELA SANTOS e JANE ALVES

Figura 59 - CAMPEONATO BAIANO SUB 16: EAF conquista 17 medalhas e mantém hegemonia no feminino, 2017. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 60 - ESCOLINHA DE ATLETISMO FLAMENGO faz história colocando uma atleta (TICIANE BONFIM) na equipe brasileira de Atletismo, Jogos Sul-Americanos da Juventude no Chile, chefiada pelo vice-presidente da CBAAt, Warlindo Carneiro da Silva Filho. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 461 - Ticiane Bonfim conquista medalha de bronze em Santiago: bronze que vale ouro!

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Em Salvador: SUDESB convoca Seleção Baiana de Atletismo para Jogos Escolares em Natal com 10 atletas da EAF. É a maior competição escolar da América do Sul, organizada pelo COB – Comitê Olímpico Brasileiro, com orçamento aproximado de 3 milhões de reais. (manchete divulgada no blog do projeto)



Figura 62 - SUDESB convoca 10 atletas da EAF.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Em uma das visitas, o jovem Alessandro Souza fala sobre as competições: “(...) *porque é um momento que fica marcado em nossas vidas. Tudo que fizemos nos treinos, chegando na competição colocamos em prática e vemos que valeu a pena ter treinado tanto para alcançar esse objetivo. Uma coisa que me emociona muito é a forma que meu pai torce por nós, isso é uma forma de motivação para cada um, nos deixa bastante confiantes*” (Diário de campo. 23 de agosto de 2018). Náviny de Souza Bonfim, atleta de número 418 na fotografia abaixo divulgada no blog da EAF, falando também sobre o projeto pondera: “(...) *um dos momentos mais felizes da minha Vida... aqui tira as pessoas da rua (...)*”.



Figura 63 - Návinny Bonfim ganha dois ouros.

Fonte: Google.

A jovem Návinny, filha do Professor coordenador do projeto, em seu depoimento publicado em uma rede de TV, em 27 de dezembro de 2016, diz que chegou à comunidade aos seis anos de idade, hoje está com 19 anos de idade. Ela conta sua história fazendo um breve resumo e relatando também a história da comunidade de Flamengo. Diz que, apesar de ser um povoado bem modesto, tinha, na época, o maior número de assaltos da BR 407, comenta ainda que a polícia relatava que os assaltos eram praticados por adolescente entre 12 e 14 anos. A menina começou a se encantar pela corrida logo que chegou à localidade em 2006. Conta que, no início, as pessoas achavam estranho aquela menina correndo pelas trilhas da caatinga com o pai, mas ela começou convidar suas coleguinhas e foi se formando um grupo de corredoras. Hoje está retornando do estado de São Paulo, onde fora estudar Fisioterapia e continuar praticando seu esporte favorito, o atletismo. Mas, por dificuldade financeira, optou por trancar o curso de Fisioterapia para trabalhar. Essa situação tem lhe retirado o tempo para o esporte, deixando-a muito descontente. Seu retorno à terra natal está previsto para o mês de julho de 2019, com transferência do curso para a cidade Petrolina-PE, onde voltará a treinar em uma escola parceira da EAF, a APA.

No contexto destaca-se que, além do desenvolvimento físico, o esporte inegavelmente propicia desenvolvimento nos aspectos sociais, psicológicos e culturais. Para Kunz (1999):

(...) é por meio dos movimentos que as crianças enfrentam barreiras, não se importando muito com os outros pensam ou dizem, fortalecendo o seu autoconhecimento. Elas ultrapassam seus limites para dizer a si próprio que seu gostar é maior do que os outros dizem do seu movimento. São nessas experiências que as crianças buscam encontrar novas possibilidades para superar seus limites que são

impostos pela nossa sociedade e das delimitações do seu campo social. (KUNZ, 1999, p. 60 apud Marilândia, 2010)

A menina Ticiane de Souza Bonfim conquistou medalha de prata no campeonato brasileiro sub-20, abril 2017, em outubro do mesmo ano representou a Bahia-Brasil no II JOGOS SUL-AMERICANOS DA JUVENTUDE em Santiago do Chile, na ocasião conquistou medalha de bronze na prova dos 2.000 metros com obstáculos, realizando um feito jamais alcançado pelo espetacular ATLETISMO de base do estado, como bem escreveu professor Ferreirinha no blog do projeto.



Figura 64 - "Quando se tem fé e coragem para vencer, as dificuldades são apenas um adiamento para alcançar aquilo que tanto é almejado por si mesmo." Fonte: eafjagarari.blogspot.com



Figura 65 - Aluna Ticiane e Professor da EAF são homenageados.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Ao retornar do Chile, Ticiane Bonfim é homenageada na câmara de vereadores em Campo Formoso-BA, sua terra natal. (manchete divulgada no blog da EAF)

A aluna Ticiane Bonfim também é filha do coordenador e professor do projeto Escolinha de Atletismo de Flamengo. Tem 17 anos e mora no povoado de Flamengo, juntamente com seus pais e irmãos. A garota começou treinar muito cedo e, em 2016 tornara-se a melhor da Bahia no salto em altura, treinando em colchões fixados em cima de pneus velhos. Considera-se uma grande vencedora, principalmente, por ter vencido a tendência de se enveredar pelo caminho comum a muitas jovens da sua idade no povoado. Muitas delas, nesta idade, já são mães, deixam de estudar e tornam-se donas de casa apenas, outras, infelizmente, tornam-se prostitutas ou permeiam caminhos ainda mais perigosos como o do alcoolismo e das drogas.

Em síntese, considera-se que o projeto têm viabilizado inúmeros benefícios, haja vista que o atletismo é um esporte base para o desenvolvimento de outras modalidades esportivas e que pode ser praticado brincando e reconstruindo ludicamente os conhecimentos e as técnicas. A fotografia abaixo acompanhada do trecho do hino da comunidade local expressa a grandiosidade das diversas benesses promovidas pelo projeto, reveladas no sorriso das crianças e jovens que compõem a EAF.

"Eu sou de Flamengo , eu moro em Flamengo... ..Saltar , lançar , correr , Eu sou de Flamengo e corro pra vencer..."



Figura 66 - Turma da Escolinha.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

7.2 Categorização e triangulação dos dados

Tendo em vista o caráter etnográfico desta pesquisa, pontua-se a análise dos dados a partir da realidade investigada por meio das observações realizadas no decorrer do processo de investigação, objetivando compreender e interpretar as práticas e as implicações formativas.

Dado o processo de recolha, realiza-se a sistematização de categorias de análise do trabalho etnográfico, partindo de um profundo estudo dos escritos no diário de campo, das entrevistas e conversas informais e recolha de documentos diversos. A triangulação acontece categoricamente a partir de análises surgidas através dos registros executados durante a observação no campo da pesquisa, nos diálogos entre professor e os escolares no ambiente de construção de aprendizagens, captando atributos elementares para uma prática pedagógica inovadora.

Desta feita, para elucidar a subjetividade contida nas observações, dado o minucioso processo da coleta de dados concretizou-se uma conexão entre as estratégias, fazendo relação entre os processos desvendados e as ocorrências diárias, viabilizando um panorama categórico do cenário investigado e também dos resultados, colaborando para a conclusão dos resultados. Em face das informações coletadas com a turma composta por 60 alunos apresenta-se o quantitativo de 27 alunas do sexo feminino e o número pouco maior de alunos do sexo

masculino composto por 33 alunos, quadro que expressa certo equilíbrio na composição da turma no tocante ao gênero.

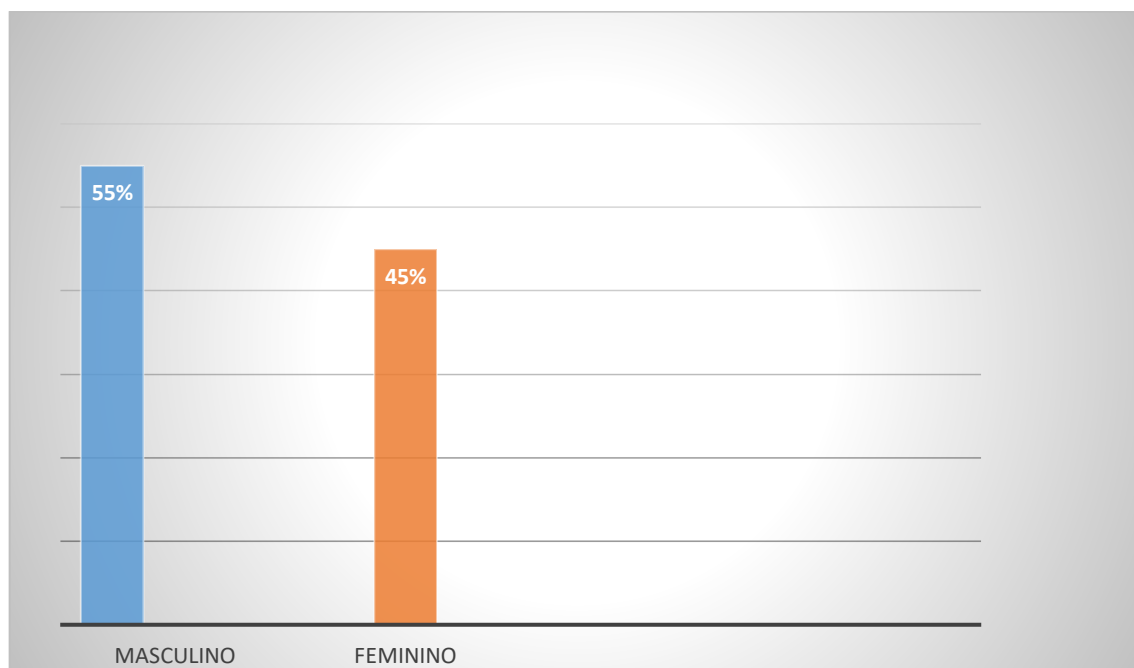


Gráfico 1 - Dados da turma EAF.

Fonte: Dados da pesquisa

Quantidade	Masculino	Feminino
Alunos	33	27

Tabela 1 –Tabela 1 - Quantitativo de alunos do sexo masculino e feminino. Fonte: dados da pesquisa

Abaixo segue gráfico comprobatório da faixa etária da turma EAF, gráfico 2. A partir do quadro, observa-se que 26,6% (equivalente a 16 alunos) se encontra na faixa etária de transição da adolescência para a fase adulta, em sua grande maioria, com 48,4% (equivalente a 29 alunos) grupo de alunos na fase da adolescência, com o percentual de 25% (equivalente a 15 alunos) se encontram os menores na fase de entrada da adolescência e em sua maioria ainda crianças. As distintas fases expõem a diversidade de culturas e saberes, bem como a heterogeneidade das relações sociais do grupo que por conseguinte revelam as amplas possibilidades de construções a partir das diferenças.

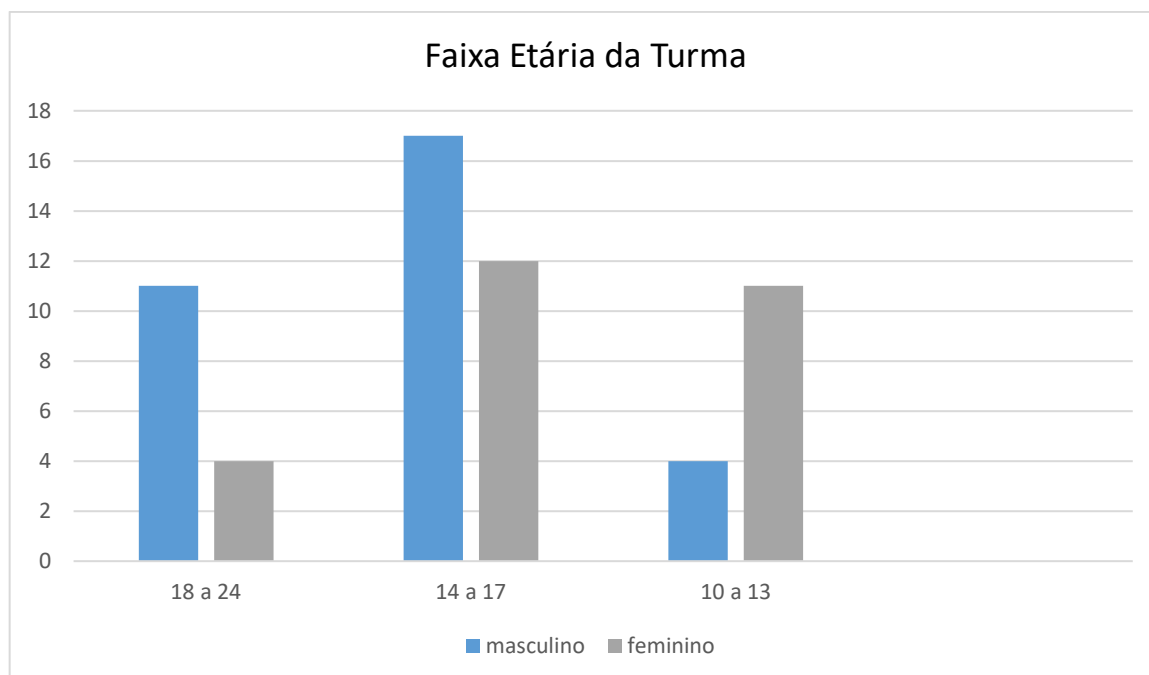


Gráfico 2 - Faixa etária da turma EAF

Fonte: dados da pesquisa

Faixa Etária/Ano de Nascimento	MASCULINO	FEMININO
1994	01	-
1996	01	-
1998	02	-
1999	03	01
2000	05	03
2001	07	03
2002	04	07
2003	05	01
2004	01	01
2005	-	07
2006	-	01
2007	02	01
2008	02	02
TOTAL	33	27

Tabela 2 –Tabela 2 - Faixa etária dos alunos.

Fonte: dados da pesquisa.

Para a categorização das densas informações recolhidas por meio de métodos etnográficos de observação, bem como da recolha de diversos documentos e depoimentos que apontaram solidez a cerca, foi viável a percepção de elementos significativos que justificam a triangulação e respondem à inquisição.

Por meio da observação participante ao longo das visitas, entrevistas e registros fotográficos foi possível o entendimento da investigação. Os depoimentos de familiares, professor e diretor da escola formal, alunos e do professor coordenador do projeto foram colhidos durante as visitas. Ressaltando que a participação dos sujeitos da aprendizagem procederam por caminhos distintos, priorizando as relações e comportamentos apresentados.

A investigação foi fracionada em três etapas ou fases que se relacionaram através de vínculos metodológicos. A primeira fase foi de convergência e contato com o grupo pesquisado. A segunda apoiou-se no processo de observação e descrição das rotinas em diário de campo durante todo o período de visitação que, aliado ao dispositivo da observação participante e escuta de depoimentos, somaram e deram consistência às demais informações que auxiliaram o processo de conclusão da investigação. A terceira fase consistiu na análise e interpretação dos dados levantados que, após devida sistematização, foram assentadas relações à literatura embasada viabilizando o enriquecimento das observações. Exponho a seguir, as técnicas de coleta de dados empregadas no período da investigação com as quais desenvolve-se a triangulação:

1. Observação participante: observação das práticas pedagógicas do professor e a aprendizagem do grupo

A observação da turma ocorreu durante o período de março de 2018 a março de 2019. Neste ciclo, foram realizados detalhadamente todos os registros de tudo que ocorria no tocante ao desenvolvimento das práticas e a construção do saber, as ações e interlocuções entre os atores no decorrer das aulas, buscando interpretar os diálogos de aprendizagem.

Nesta temporada, foram percebidas importantes interlocuções dos atores da aprendizagem tanto entre eles, como com o professor, com a construção do saber sociocultural e com as relações cotidianas. Esta técnica indispensável ao processo investigativo, como Lapassade (2005) pontuou. Ela configura-se com suporte para dar veracidade e apoiar fundamentalmente a elaboração de todo o trabalho investigativo.

(...) “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota “observa” ao vivo com as pessoas, partilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos pessoais. (LAPASSADE, 2005, p. 69).

A receptividade e acolhimento dispensados a esta pesquisadora pelo professor e coordenador da Escolinha de Atletismo de Flamengo contribuíram positivamente para uma afável aceitação e acesso no campo de pesquisa. O conhecimento prévio que tinha sobre os

contextos a serem estudados também favoreceram para a aceitação espontânea. Lapassade (2005, p. 104) corrobora destacando: “*A etnografia pressupõe também, de modo geral, uma negociação de acesso ao campo*”. Desta forma, tudo ocorreu sem impedimento, considerando-se, por conseguinte, que a pesquisadora não tinha interesse em constranger nem tampouco impor sua entrada e aceitação ao grupo, objeto de estudo.

Neste contexto, assegura-se que a observadora foi abraçada pelo grupo e, assim, pode realizar a pesquisa de modo satisfatório. As observações e interpretações ocorreram de maneira a evidenciar se há inovação pedagógica nas práticas pedagógicas desenvolvidas no projeto EAF.

Constata-se, a partir das observações, que a turma estimula o professor a transformar e buscar novos valores, novos conhecimentos e práticas, evidenciando vontade de construir e aprofundar seus conhecimentos, driblando a inatividade ou apatia. A prática da autonomia e a dinâmica de trabalho em grupo é valorosa, pois, favorece a boa convivência entre os sujeitos promovendo a construção e reconstrução de saberes. Observei que os alunos não são espectadores, mas sim verdadeiros protagonistas, participando das atividades e sugerindo novas ações, brincando, praticando a oralidade e desenvolvendo atividades cotidianas que servem para a vida, a exemplo da organização do ambiente, da elaboração de cronograma das atividades a serem desenvolvidas.

2. Entrevista etnográfica realizada com o professor e com os escolares

Às observações, foram somadas entrevistas etnográficas com o professor e os sujeitos de aprendizagem com a finalidade de esmiuçar possivelmente o que não foi captado nas observações no decorrer da investigação. Para Moraes (2000) “*a entrevista é um dos recursos quase indispensáveis para a apreensão do significado social de forma indexal (encarnada, enraizada) pelos etnopedagogos*”. De acordo com Bogdan e Biklen (1994):

As boas entrevistas produzem uma natureza de dado, recheados de palavras que revelam as perspectivas dos respondentes. As transcrições estão repletas de detalhes e de exemplos. Um bom entrevistador comunica ao sujeito o seu interesse pessoal, estando atento, acenando com a cabeça e utilizando expressões faciais apropriadas. O entrevistador poderá pedir uma clarificação no caso do respondente mencionar algo que lhe pareça mais estranho, (...). (BOGDAN e BIKLEN. 1994, p. 136).

Desse modo, as entrevistas se constituíram como recursos fundamentais à inteireza de que a investigação necessitava, fornecendo-nos as respostas para nossas inquietações sobre as práticas pedagógicas na Escolinha de Atletismo. Para expor o desfecho deste processo ordenamos por letras do alfabeto os aprendizes como aluno A, B, C, D, E e assim por diante.

Pergunta 1: *Como você aprendeu e aprende na Escolinha de Atletismo?*

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Com os colegas e com o professor
ALUNO B	Aqui se aprende na prática.
ALUNO C	A gente aprende todos os dias e eu ainda estou aprendendo.
ALUNO D	O trabalho em equipe faz toda diferença, o professor orienta e a gente realiza. Em muitos momentos nós somos os orientadores, o professor passa essa confiança pra gente.
ALUNO E	O professor torna tudo bem divertido e a gente aprende brincando.
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
A partir das respostas dos alunos evidencia o modo desigual como constroem o saber. O aluno C relata que aprende todos os dias, o aluno D pontua a troca de papeis na construção, o aluno E explana a diversão e a brincadeira na aprendizagem.	

Tabela 03 -Tabela 3 - Respostas à questão 1 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.

Pergunta 2: *O que você aprende na EAF além do esporte?*

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Ser uma pessoa disciplinada, mais estudiosa e a respeitar minha família.
ALUNO B	Respeito, disciplina, acolher pessoas.
ALUNO C	Eu aprendi ser mais educado.
ALUNO D	Tantas coisas, não lembro agora.
ALUNO E	Eu aprendo a cada dia uma coisa nova, a disciplina é algo que estou construindo em mim,
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
Os alunos entrevistados demonstram ter construído aprendizagens com o apoio do esporte.	

Tabela 04 - Tabela 4 - Respostas à questão 2 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.

Os alunos A, B e C respectivamente pontuam crescimentos que impactam nas relações sociais, evidenciando melhora nas relações. O aluno D não conseguiu organizar o pensamento e expressar uma resposta clara.

Pergunta 3: *Na sua opinião, o projeto promoveu alguma mudança no contexto social da comunidade?*

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Sim, porque através da EAF as crianças saíram da rua, das drogas.
ALUNO B	Sim. Tirou crianças que não tinham nenhum plano de vida e fez as crianças enxergarem um futuro
ALUNO C	Mudou muita coisa, muitas crianças saíram da rua, do mundo das drogas.
ALUNO D	Não sei dizer.
ALUNO E	Aqui as crianças são acolhidas e tudo muda, porque quando ela tá na rua ela tá exposta a muitas coisas negativas. Aqui tem amor, tem ensinamentos que ela vai levar para vida dela e o esporte ajuda muito nisso
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
Compreendemos que os alunos em sua maioria conseguem fazer uma leitura das evidentes mudanças nos contextos sociais.	

Tabela 05 -Tabela 5 - Respostas à questão 3 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.

Diante disso, constata-se que os dados revelam transformações relevantes no contexto social. Dado que os aprendizes enfatizam o abandono de envolvimento com drogas e a perspectiva de futuro que desabrochara com o trabalho desenvolvido na EAF. O Aluno E pontua que a entrada no projeto “muda tudo” e o Aluno B diz que as crianças passaram a enxergar um futuro. Neste contexto, Fino (2004), rememorando Papert (1994) discorre: “os aprendizes não aprendem melhor pelo fato do professor ter encontrado melhores maneiras de instruí-los, mas por lhes ter proporcionado melhores oportunidades de construir” (FINO, 2004. P. 3).

Pergunta 4: *O que mais gosta no projeto (nas aulas ou treinos)?*

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Gosto de treinar, gosto da forma como o professor direciona sem deixar ficar chato, aqui a gente brinca e aprende.

ALUNO B	O trabalho em equipe e as “resenhas”.
ALUNO C	O que eu mais gosto são os treinos, eu me sinto muito alegre.
ALUNO D	Eu gosto de treinar porque quando eu estou treinando eu me sinto muito bem se eu tiver com algum problema naquela hora some e é uma coisa que eu sei que vai fazer bem pra mim, para o meu corpo, minha saúde.
ALUNO E	O que eu mais gosto aqui são amizades, são amizades que eu acho que não faria em outro lugar, essa família aqui vale mais que qualquer coisa
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
Analisamos que o gosto pela prática esportiva é irrefutável, e portanto, o quanto percebem seus benefícios individuais e coletivos.	

Tabela 6 - Respostas à questão 4 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.

O gosto pela atividade física e prática do esporte é enfatizado. O aluno A destaca a prática do professor como fator positivo; o aluno B pontua o trabalho em equipe e a descontração, bem como o aluno C; o aluno D acrescenta o fator saúde como relevante e seguidamente o aluno E comenta as construções de laços afetivos.

Pergunta 5: Retratar um acontecimento que se recorda com alegria?

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Foi ser Vice Campeã Brasileira de Atletismo.
ALUNO B	Todas as viagens e treinos são sempre momentos de alegria.
ALUNO C	Minha primeira conquista no atletismo.
ALUNO D	<p>Uma coisa que me recordo muito é das competições. Porque é um momento que fica marcado em nossas vidas. Tudo que fizemos nos treinos, chegando na competição colocamos em prática e vemos que valeu a pena ter treinado tanto para alcançar esse objetivo.</p> <p>Uma coisa que me emociona muito é a forma que meu pai (professor) torce por nós, isso é uma forma de motivação para cada um, nos deixa bastante confiantes.</p>

	A entrega deste espaço através do programa de tv foi um dia inesquecível porque trouxe muitas coisas que nós não tínhamos, tudo era improvisado, feito por nós e nossos pais.
ALUNO E	Todo dia a gente vive uma coisa nova, uma coisa boa aqui, por isso fica difícil falar de um acontecimento.
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
Podemos analisar as diversas falas e perceber que os aprendizes A e C falam respectivamente de conquistas pessoais, das suas conquista demonstrando positivamente o impacto na autoestima. Os alunos B, D e E expressam as construções coletivas que ocorrem nos diversos espaços oportunizados.	

Tabela 7 - Respostas à questão 5 da entrevista seguidas de análise da pesquisadora.

Pergunta 6: *Quanto aos ensinamentos do professor, o que tem a dizer?*

ALUNOS	RESPOSTAS
ALUNO A	Eu só tenho a agradecer a ele porque me ajuda em minha vida e a ser uma boa pessoa,
ALUNO B	Só tenho a agradecer por todos os ensinamentos porque tudo isso eu levarei para a vida.
ALUNO C	Tudo que a gente aprende aqui é importante, o professor faz a diferença.
ALUNO D	A gente aprende uns com os outros, o professor trabalha muito em equipe, com brincadeiras e diversão. Acho divertido como compara atividades com as coisas da nossa realidade, principalmente com os pequenos - e assim a gente aprende, com as coisas simples.
ALUNO E	Seus ensinamentos são de um pai para um filho
ANÁLISE DA PESQUISADORA	
Diante da fala dos alunos compreende-se que a prática do professor possui aspectos que marcam a vida dos aprendizes, sobretudo por caracterizar-se como motivadora e desigual.	

Tabela 8 - Respostas à questão 6 da entrevista seguidas de análise da

As muitas conversas com alunos e professor foram de grande valia, somando-se a elas algumas entrevistas apresentada nas tabelas acima, prosseguindo o método exponho a opinião do professor que embasado nos seus conhecimentos e experiência de trabalho e de vida expõe sua narrativa a partir das seguintes perguntas:

1. *Expresse sua opinião explicando o que vem a ser inovação pedagógica?*

Resposta do professor:

Entendo que inovação pedagógica tem a ver com o desenvolvimento de novas metodologias adequadas à realidade dos alunos, tem a ver principalmente com as tecnologias.

Tabela 9 - Resposta do professor/coordenador da EAF à pergunta 1.

2. *Professor, você procura desenvolver práticas inovadoras no seu trabalho na EAF?*

Resposta do professor:

Acredito que o fato de buscar compreender e respeitar o meio e as condições dos alunos, suas práticas culturais, suas vivências nas roças onde residem ou nas pequenas comunidades pode se cogitar neste sentido, que estamos inovando e até mesmo por trazer o atletismo para uma região como esta talvez configure-se uma inovação, digo isto porque é um esporte que se adapta às tecnologias que existem na roça onde as modernas tecnologias demoram chegar e quando chegam não chegam para todos, portanto, estou chamando de tecnologia as coisas simples como o correr, o saltar cerca, o jogar pedra na árvore, para nós são tecnologias que não podemos descartá-las. Possivelmente, inovamos também na construção dos nossos próprios equipamentos, por exemplo, se não temos o colchão adequado construímos a partir de pneus velhos recolhidos na beira da pista, se não temos o peso nós pegamos uma pedra de formato redondo no leito dos rios, se não temos o dardo nós cortamos varas com a espessura adequada. Neste sentido suponho que estamos inovando ao transformar o contexto local através do esporte.

Tabela 10 - Resposta do professor/coordenador da EAF à pergunta 2.

3. **Fotos – registros dos encontros, rodas de conversa, treinos e eventos**

Os registros fotográficos das atividades, bem como das fotografias já existentes buscaram esboçar a memória fotográfica do grupo, como também acrescentar informações aos dados observados. A fotografia permite visualização, ampliação e clarividência dos dados observados, em vista disso, amplia a compreensão acerca do fenômeno pesquisado.

As fotografias que aparecem num meio que se está a estudar podem dar uma boa percepção dos indivíduos que já não estão presentes, ou de como certos acontecimentos particulares desse meio eram. Tal como sugerido, frequentemente as escolas têm coleções de fotografias, anuários e, algumas vezes, álbuns que oferecem a sua própria história visual. As fotografias que o pessoal possa ter tirado de antigos alunos ou de membros do pessoal fornecem uma percepção de como eram essas pessoas embora nunca as tenha encontrado. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 184).

Macedo (2000):

(...) o texto não-verbal opera com resíduos desconexos de múltiplas linguagens, mas sua leitura aprende, com a leitura do verbal, a necessidade de operar logicamente, daí a necessidade de geometrizar os “resíduos” sógnicos, compará-los e flagrar convergências e divergências (Ferreira, 1988). (MACEDO, 2000, p. 184).



Figura 67- Roda de conversa da pesquisadora com alguns dos atores.

Fonte: celular do coordenador



Figura 68 - Roda de conversa da pesquisadora com alguns dos atores. Fonte: celular do coordenador

Na perspectiva, exponho a categoria e a triangulação dos dados com base nas informações coletadas por meio de: a) observação das práticas pedagógicas do professor e a aprendizagem do grupo; b) entrevista realizada como o professor e com alguns escolares; c) registro fotográfico. A observação transcorreu com foco nas práticas do Professor e coordenador do projeto, mediador de uma turma composta por 60 escolares com idade a partir de 5 anos, então sujeitos da aprendizagem.

No decorrer da investigação, é perceptível uma relação de respeito, afetividade, alegria e diálogo de aprendizagem entre professor e sujeitos, e entre pares. Tomando por base os conhecimentos de Papert (1996), Moraes (1997, p. 179) afirma que: *“O poder do ambiente ou do contexto estaria no fato de ser rico em descobertas e colocar a criança num ambiente natural e espontâneo, em “micromundo” onde ela pode ser livre para brincar e “construir micromundos pessoais”*. O olhar especial está concentrado nos sujeitos da aprendizagem, visto que se conceberam em principal objeto da observação, constituindo-se, em eixo substancial desta investigação. Moraes (1997, p. 141) cita: *“Para Papert (1996), a *matética* estaria para a aprendizagem assim como a *heurística* está para a arte de resolver problemas”*. Para tanto, diante das densas interlocuções evidenciam-se algumas narrativas que confabulam com a categoria de análise de que se trata.

Evidencia-se a prática pedagógica como componente fulcral desta observação participante. Pontua-se, portanto, que o ambiente de aprendizagem configura-se como um

espaço adequado para os processos de construção de saberes com finalidades esportivas aliadas à composições socioculturais. Fino (2008) declara que:

As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas, das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa e, outras o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto. (FINO, 2008b, p. 03).

CAPITULO 8: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise de conteúdo é um meio categórico fundamental que tem por finalidade revelar a definição das mensagens, sem imposição de regimento fixo, neste processo o pesquisador é o dirigente das análises. Para Bogdan e Biklen:

Para realizar a análise concomitantemente, mostra-se necessário ter a capacidade de se aperceber de aspectos conceptuais e substantivos que vão surgindo – algo que não é provável estar tão desenvolvido num investigador inexperiente como numa “velha raposa” da investigação. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 206).

Macedo (2000) afirma que:

(...) a interpretação em etnopesquisa é sem dúvida, uma atividade extremamente exigente em termos intelectuais. Convoca-se em geral, uma grande capacidade de mobilização para refletir, fora de formalidades paradigmáticas, desaguando num espírito crítico e de aguçada curiosidade face a realidade à primeira vista avaliadas como por banais e óbvias. Há, portanto, que imbuir-se de uma imaginação metodológica que ultrapasse a mera descrição e interpretação sumária, produto de simples constatação. (MACEDO, 2000, p. 203-204).

Através de observação e análise de documentos arquivados na escola como registro de legalização da instituição, registros de matrícula dos escolares, mural de fotografias, produções de textos pelos alunos, reportagens e entrevistas realizadas anteriormente pela imprensa, textos divulgados em blogs, páginas na internet, facebook, material didático pedagógico utilizado pelo professor.

No período que se estendeu por aproximadamente 15 meses, vivenciei o cotidiano da EAF – Escolinha de Atletismo de Flamengo, e então pude observar, investigar, experimentar e aprender. Muito aprendi ao observar o modo encantador, diferenciado e autônomo como os escolares constroem seus saberes, configurando-se em mudança, ou seja uma aprendizagem construcionista enfatizada por Papert (2008):

O construcionismo é construído sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam; (...) O tipo de conhecimento que as crianças precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento. É por isso que precisamos desenvolver a matética. (PAPERT, 2008, p. 135).

Observei a cultura do grupo, seus afazeres cotidianos. Lá identifiquei uma realidade na qual se configura a prática de romper com o tradicional, procurando compreender o meio social vivenciado pelos escolares, ou seja, buscando modelos compatíveis com a realidade dos atores. Atribui-se positivamente, em parte, ao fato de não possuir um currículo formal e também por possibilitar a participação da família, concebendo um ambiente democrático e criativo

permitindo o envolvimento de todos os atores. A percepção da realidade observada dialoga com Fino e Sousa (2011):

A principal barreira para a mudança é o conservadorismo das organizações, que deve ser ultrapassado pela interiorização de uma cultura de inovação.

(...)

A mudança exige, para além de políticas educativas, a formação de lideranças capazes, a passagem de uma administração educativa centralizada e distante para uma administração escolar baseada na autonomia participativa, que permita o envolvimento de todos os actores do sistema, no sentido de criar uma escola de qualidade, criativa, crítica, pró-activa, eficaz e eficiente. (FINO e SOUSA, 2011, p. 146).

A natureza etnográfica da pesquisa, com suporte da coleta em triangulação possibilitou-me a utilização da observação participante ativa, conversas estruturadas, registro fotográfico e de vídeos, bem como a coleta de documentos. Nos múltiplos encontros pude ouvir os pontos de vista e as conversas cotidianas interagindo com os atores e compilando os meus comentários e compreensões no diário de campo.

Nesta fase observatória, senti-me muito feliz no grupo, como se fizesse parte dele e, claro com a árdua missão de dispensar um olhar investigativo e natural sem todavia deixar de me colocar no lugar do outro. As conclusões a que cheguei, após todos os processos de investigação, relatarei a seguir:

O ensino das técnicas do atletismo não são os diferenciais da EAF, porém, a aprendizagem desenvolvida considerando o ser humano em sua totalidade, considerando o aprendiz e suas experiências, bem como seu contexto social. Morin (2000, p. 39) concorda que: *“(...) a educação deve promover a “inteligência geral” apta e referir-se ao complexo, ao contexto do modo multidimensional e dentro da concepção global”*. Os escolares, seguindo orientação do professor, praticam o esporte com o objetivo substancial de contribuir para o desenvolvimento socioesportivo. Prezam pela construção do conhecimento através da relação de troca entre os pares, considerando o meio escolar e social. Enfatizam os valores humanos, familiares e procuram equilibrar aspectos intelectuais e espirituais na dimensão educacional.

Minha percepção, como relatarei no decorrer deste capítulo, pauta na identificação do aluno como foco no processo de construção dos conhecimentos. Percebi o aluno com autonomia para desenvolver a criatividade tendo prazer ao fazer. O professor se posiciona como coadjuvante, identifiquei atividades propostas diversificadas e participativas nas quais o trabalho em equipe é valorizado. Os escolares são estimulados e encorajados a todo momento, de modo a sentirem-se atores principais no processo, buscam ampliar e reconstruir os conhecimentos com a autonomia.

“(...) oportunidade aos atletas conhecerem outras cidades e até outros países, além de proporcionar saúde e educação através de um esporte que não dá chance para a violência se fazer presente.” (FALA DO PROFESSOR EDUADO DIAS – PROFESSOR DA ESCOLA FORMAL, 2018)

Na foto abaixo, os alunos, em uma das diversas viagens pela EAF, procuram ampliar os conhecimentos conhecendo o centro histórico e cultural de Brasília, capital brasileira



Figura 69 - Alunos visitam Biblioteca Nacional em Brasília.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A prática evidenciada comunga com o pensamento de Papert (2008) que enfatiza a *matética* como caminho positivo e inovador para possíveis mudanças no cenário educativo. Ressalta que: *“(...) o princípio da matética pode ser o incitamento à revolta contra a sabedoria estabelecida, pois sabemos que podemos aprender sem sermos ensinados e, com frequência, aprender melhor quando se é menos ensinado”*. (PAPERT, 2008, p. 136)

O professor do projeto se apoia em uma postura empolgante e incentivadora, procurando enriquecer e prover o processo valorizando individualmente cada aprendiz, respeitando suas histórias, suas particularidades, seu contexto. Conhece cada um e suas individualidades, orienta-os para a vida enfatizando como devem se relacionar com a família, com os colegas, como devem se portar nas competições e o respeito que devem dispensar aos demais ao vencer

ou ao ser vencido. No decorrer das aulas, ao desenvolver exercícios práticos, faz paralelo com situações cotidianas da vida simples do interior do nordeste, dando sentido e significado ao aprendizado. Para Papert (2008):

(...) o mais fascinante é que todos nós temos experiências e conhecimentos pessoais (...) sabemos que, se nos envolvemos realmente com uma área de conhecimento, nós a aprendemos – com ou sem a Escola e, de qualquer modo, sem a parafernália de currículo, testes e segregação por faixa etária que ela torna por axiomatica. (PAPERT, 2008, p. 146)

Um exemplo interessante e simples que me chamou a atenção foi que, ao orientar um exercício com saltos, pede aos alunos que se reportem a um salto para fugir de uma cobra na caatinga, em outra atividade, a corrida de revezamento, diz aos escolares que devem correr para defender o alimento de sua família. Ao realizar alongamento de agachamento, o professor compara com o passar embaixo de uma cerca de arame farpado para pegar umbu (fruta típica). Macedo (2000, p. 130) corrobora: *“O que tomamos como conhecimento do mundo não é um produto da indução nem da comprovação de hipóteses gerais, está radicalmente indexalizado à história, à cultura e ao contexto. Aqui está a natureza cronotópica do construcionismo social”*.

Em outras atividades, faz analogia a tarefas domésticas do dia a dia. Com foco nas experiências, portanto, os alunos realizam as atividades de modo positivo e, neste sentido, o professor enfatiza o potencial dos alunos, com expressões positivas como “você pode”, “você consegue”, “você é capaz”, “você é grande”, “eu acredito em você”. Macedo (2010, p. 114) apud Oliveira (2016) favorece a composição ao firmar que: *“(...) o recurso da história de vida nos meios educacionais é mais uma contribuição para o rompimento com o baixo mimetismo cognitivo, o abstracionismo teórico e o colonialismo intelectual”*.



Figura 70 - Salto com alternância de perna: “salto para fugir de cobra”. Fonte: celular da pesquisadora



Figura 71 - A corrida com incentivo de defender o alimento (comida). Fonte: celular da pesquisadora



Figura 72 - O incentivo do professor: vocês são vencedores... você pode, você consegue...

Fonte: celular da pesquisadora

No espaço que ocupam, os escolares têm liberdade, brincam e fazem movimentos espontâneos, dialogam com os pares e expressam seus sentimentos para todo o grupo. Atitudes diferenciadas do professor promovem práticas que envolvem o discente, haja vista que não se coloca como detentor do saber, exerce a função de mediador. O professor se mistura à turma e se coloca como um deles, não assume uma posição de destaque. No decorrer das aulas, os alunos trocam os papéis se colocando como orientadores dos demais, desenvolvendo atividades com os colegas. Fui convidada por um aluno, no momento orientador que me propôs participar das atividades, foi muito interessante fazer parte do grupo, experimentar com os atores. Naquele momento, o entendimento do distanciamento das práticas tradicionais, das formalidades da velha escola. Moraes (1997, p. 54) enfatiza: *“Na verdade, precisamos fugir do modelo cartesiano-newtoniano fechado, fragmentado, autoritário, desconectado do contexto, que concebe o sistema educacional e o ser humano como máquinas que reagem a estímulos externos”*.

Também identifiquei a diversificação nos espaços para o desenvolvimento das atividades que acontecem embaixo de árvores, no pátio da sede da instituição, no espaço

adequado à corrida e atividades afins, como também nas trilhas da caatinga e na Serra (espaço distante aproximadamente 30 km da sede da EAF), onde acontecem atividades em equipes orientadas pelos escolares que experimentam atividades diversificadas, bem como ambientes e têm a oportunidade de se reinventar e criar, hora como orientado e hora como orientador.. Neste contexto real constata-se a quebra de paradigma

Como diria Thomas Kuhn, os impasses paradigmáticos apenas se resolvem mudando de paradigma, através da negação do paradigma anterior. Negação e descontinuidade, é claro. Ninguém pode afirmar que a escola tradicional se encontra desfasada da realidade e, simultaneamente, insistir em doses concentradas dela, como forma de superar essa desadequação. (FINO, 2013, p. 69)



Figura 73 - Atividade desenvolvida na Serra, trabalho em equipe. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 74 - O treino nas trilhas da caatinga Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 75 - Atividade desenvolvida no pátio da EAF.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 76 - Atividade diferenciada com orientação de convidados. Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

Os escolares têm aulas e treinos bem motivadores e que chamam a atenção por diversos aspectos:

- Início das aulas muito diferente do tradicional;

- É fácil identificar o brilho no olhar daqueles jovens e crianças, muito alegres e entusiasmados;
- Constante interação durante as aulas;
- O Professor se posiciona entre os alunos, deste modo não é o centro das atenções. Procura fortalecer os laços familiares se preocupando com os ente queridos dos alunos;
- Fortalece o ensino formal sendo parceiro da Escola Formal e incentivando o grupo a buscarem os conhecimentos;
- Trabalha a autoestima e autoconfiança usando palavras de motivação;
- Trabalha com atividades leves e mais forçadas, mesclando-as e fazendo brincadeiras para torná-las prazerosas;
- O aluno tem autonomia para criar movimentos e construir seus próprios conhecimentos com a orientação do professor que facilita e interfere o mínimo possível;
- O trabalho em equipe é constante, neste contexto o aluno experimenta e atua como mediador, destaco que achei muito interessante;
- Nas competições das quais participam pelo Brasil e até mesmo fora do país, percebe-se a autoestima dos jovens e crianças levando consigo o real valor da cultura nordestina e com todas as dificuldades que enfrentam no dia a dia competem com alegria se impondo como competidor, mas ao mesmo tempo respeitando os demais, colocando em prática as orientações e ensinamentos do Professor;
- Todas as viagens são percebidas como ricas oportunidades para fazer amigos, trocar experiências e construir novos conhecimentos.
- Nas palestras e viagens que realizam falam da vida e do povo desta localidade e região, falam da luta enfrentada para fundar e manter a EAF ressaltando todas as vitórias já conquistadas no âmbito pessoal e social dos jovens. É comum o Professor e alunos se emocionarem e conseqüentemente todos que ouvem ou assistem as declarações;
- Os alunos criam um calendário para treinamentos mais intensos e fora do espaço da EAF com a orientação do Professor, apoio dos familiares e amigos da comunidade;

- Os familiares e outros membros da comunidade são muito presentes e ajudam nos processos facilitando a organização para as viagens dos jovens, na distribuição de lanche coletivo, na arrecadação e confecção de objetos necessários aos processos.

Observando o desenvolvimento dos processos, percebi um ajustamento com as percepções de renomados construcionistas, o conceituado Papert compreende como uma proposta que vai além de mera proposta metodológica, haja vista que vai além da construção do conhecimento, ampliando-se para a socialização do saber, para a construção e reconstrução de conhecimentos e também para uma construção social.

Ao longo das observações e conversas informais com os escolares, ouvi declarações de como se sentem construtores ativos do próprio conhecimento. Um deles declarou que no projeto ele aprende e ensina. Interessante também o grande zelo e orgulho que dispensam ao espaço da EAF e o quanto sentem-se bem naquele espaço. Chamou minha atenção, também, o relato de que o espaço é aberto para outras atividades da comunidade, inclusive para os idosos realizarem caminhada. A aluna Eriânia declara em uma conversa informal no período de observação: “aqui é minha vida”. Falam do laço de amizade que existe entre eles, das conversas e desabafos pessoais e do apoio que recebem dos colegas e do Professor. Da abertura e autonomia que possuem para sugerir e participar.

Frequentemente, o projeto recebe escolas públicas e privadas, como também é convidado por estas com objetivo de incentivo e interação entre escolares concebendo assim novos saberes por meio da interação.



Figura 77 - Escola da Sede do município de Jaguarari homenageia Alunos e Professor da EAF.

Fonte: eafjaguarari.blogspot.com



Figura 78 - Momento de interação comemorando o dia das crianças com todas crianças da comunidade, 2018.
Fonte: eafjaguarari.blogspot.com

A interação com o meio é fator relevante na construção do saber. Vygotsky enfatiza que o ser humano é construído por meio da relação com o meio, e portanto, com o outro preconizando que a aprendizagem se dá por meio da troca, da interação. Neste contexto, reforça que a interação social contribui para a formação e desenvolvimento da mente.

Outro fato interessante nos processos observados é a forma como a família se envolve no dia a dia da Escolinha, há sempre a presença de pais nas aulas e treinos diários, nas competições fora da comunidade, viagens e também nos eventos realizados na sede do projeto. Também observei que as famílias frequentam o espaço para cuidar da própria saúde fazendo caminhadas diárias. Em conversa com algumas mães pude perceber a satisfação em ter os filhos participando do projeto e quanto apoiam e incentivam seus filhos. Em uma das várias conversas informais com o professor, ele relatou que uma mãe trouxe o filho para o projeto porque o menino tem problemas respiratórios e era muito tímido, por este motivo tinha pouco convívio social, disse que a mãe comentou que após sua inserção no projeto melhorou a saúde, a autoestima e os estudos e que hoje tem muitos amigos. Pude perceber também que o quanto confiam e apoiam o professor e que, ainda, depositam muitas expectativas no crescimento intelectual dos seus filhos, nas conversas relataram não ter tido oportunidade e incentivo para os estudos, o que explica o fato de muitas serem semianalfabetas, mas que os filhos têm outra visão porque o projeto tem também este objetivo e que muitos alunos hoje estão inseridos na

universidade, o que é histórico para aquela comunidade. O clima de harmonia e familiaridade é perceptível no cotidiano do projeto, os atores sociais sentem-se muito à vontade e felizes como pertencentes do grupo participando, sugerindo, ajudando ativamente e colaborando de modo autônomo e prazeroso na organização e desenvolvimento de atividades socioeducativas.

Com relação à figuração da prática desenvolvida na EAF como inovadora, pontua-se que têm sido o sucesso do projeto, haja vista que a dosagem de inovação no contexto da construção do saber advindas da participação ativa dos sujeitos da aprendizagem que buscam construir o conhecimento com autonomia e dinâmica de troca entre os pares com atividades diferenciadas somadas a outros relevantes fatores aqui relatados, caracterizam-se como desigual, produzindo novas aprendizagens

No decorrer das observações testemunhei a realização de atividades diversas e pude perceber o envolvimento do professor, sua boa convivência com os atores e toda a comunidade, seu empenho na busca por melhorias e atividades inovadoras e centradas no sucesso do aprendiz.

Perfaço minha análise explanando o relato da colaboradora Gilvana Bonfim que faz parte da EAF desde a sua fundação e ajudou na sua criação. Em uma das conversas, ela relatou que o projeto é a vida dela e aquelas crianças e jovens são verdadeiros filhos para ela. Cuida da alimentação e organiza a rotina de afazeres, disse que, em consenso com o grupo, ficou definido um cronograma diário com horários para estudo, treinos, uso de celulares, afazeres domésticos e outras atividades e que todos cumprem sem maiores problemas. Todos a respeitam e ela tem abertura para sugerir e colaborar com a melhoria do projeto. Sente-se muito feliz, principalmente, ao ver a alegria dos escolares conquistando uma vida melhor. Identifica-se o clima familiar em todos os aspectos e que se configura como fator relevante nos processos da EAF.

CONCLUSÕES: o que se pontua como Inovação Pedagógica

Perante a proposição da Escolinha de Atletismo e suas Práticas Pedagógicas, com a finalidade de identificar a existência de inovação pedagógica e investigar se houve transformações nos contextos de aprendizagem, com foco na prática pedagógica desenvolvida na EAF- Escolinha de Atletismo de Flamengo e neste sentido delinear de que modo e quais conjunturas favorecem a aprendizagem dos alunos. Por meio da observação da prática desenvolvida no projeto pontua-se que está compativelmente embasada na teoria construcionista propondo a construção e desenvolvimento de saberes, ultrapassando a aprendizagem de técnicas e promovendo inovações no âmbito pedagógico, oportunizando o destaque de talentos sem exclusão ou mero interesse econômico e trazendo proventos para a vida. Com foco na referida prática pedagógica, percebi o quanto o Professor empenha-se em desenvolver atividades diversificadas referentes à modalidade promovendo ações conjuntas com os autores, implicando real importância na formação pessoal, física, social e cognitiva dos alunos. Deste modo, compreendi quanto o projeto promove transformações significativas não apenas treinar os alunos para o atletismo, mas, com o desenvolvimento global de cada um deles.

Assim, a abordagem etnográfica permitiu compreender e interpretar o contexto e as práticas pedagógicas através da observação participante e das demais técnicas que favorecem a abordagem. Pude observar os atores sociais: o professor, alunos, colaboradores, pais e todos os envolvidos no cotidiano do projeto. Oportunamente pude reunir todos os dados necessários para elucidar a inquirição, coletando e categorizando as informações, utilizando as conversas informais, análises de documentos, fotos, vídeos, entrevistas concedidas a jornais, dentre outros recursos, fazendo uso do recurso interpretativo de triangulação. Por esse viés, foi possível alcançar embasamento para melhor favorecer esta conclusão.

A vivência na EAF trouxe-me muitos acréscimos, muitas aprendizagens. Pude prestigiar e me envolver em diversas atividades como investigadora, bem próxima dos atores sociais, buscando compreender o dia a dia e os processos desenvolvidos na EAF, suas histórias de vida, seus contextos sociais. Portanto, por meio da observação participante tornei-me integrante do grupo. Identifiquei uma postura do professor como orientador, auxiliando os aprendizes e considerando seus contextos de vida, dispensando liberdade para que os aprendizes participem efetivamente dos processos de construção do saber. No contexto, percebe-se inovação na configuração da prática pedagógica, no como o professor encaminha as atividades, favorecendo novas construções, colaborando para que os espaços de aprendizagem se transformem em

oportunidade para troca de experiências e novas descobertas. O modo como conduz as aulas, realizando a inversão de papéis com os atores, sem sentir-se ameaçado, faz uma diferença colossal na autoestima e aprendizagem dos educandos, configurando-se numa ação inovadora, haja vista que não apresenta traços de um professor tradicional e autoritário, pronto para incutir nos estudantes o medo e/ou a pobre capacidade de exercer ações repetitivas por imitação. Observei que as aprendizagens são construídas coletivamente, sendo o professor um mediador dos processos originando circunstâncias que favorecem a aprendizagem dos educandos.

Esta investigação não esgota possibilidades, sugere continuidade, haja vista que somente provoca as primeiras interrogações que me seduziram à investigação, entretanto, desperta desejo de outras sondagens que ocasionalmente interesse desenvolver teses de Doutorado na área de Ciências da Educação.

Na primeira parte da redação, discorre-se o conceito de Inovação Pedagógica, embasada nos autores de referência promove reflexão acerca do tema no tocante aos ambiente escolares, enfatizando o modo como o aluno aprende. Na composição, os teóricos sugerem a busca de amplo conhecimento pelos professores, como também reflexão das práticas, sugerindo um favorecimento nos processo de aprendizagem, de modo que se propõe a construção do conhecimento com autonomia e criatividade considerando o contexto global atual e a aprendizagem que o esporte favorece ao indivíduo nos seus aspectos complexos diversos. Segue-se vultosa discussão acerca das práticas desenvolvidas no âmbito da Educação Física no ambiente escolar, pontuando as dificuldades e desafios dos professores da área, sua relevância e seus benefícios múltiplos para o aluno e para a vida.

A segunda parte relata o problema da pesquisa inicialmente e, em seguida, são expostos os procedimentos metodológicos compreendendo a abordagem qualitativa com apropriada para a pesquisa, ressaltando as técnicas de recolha de dados, como diário de campo, observação participante, entrevistas, imagens e documentos dispensados à pesquisadora com autorização dos envolvidos, os quais favoreceram às inquietações desta pesquisadora. Posteriormente vem a descrição do locus da investigação, situando-o geograficamente, destacando as características relevantes, sua história e características culturais. Estende-se descrevendo os sujeitos da pesquisa e o olhar primeiro do pesquisador em relação ao objeto de estudo.

Ao final revela-se os resultados da investigação descrevendo o que fora observado com o auxílio do diário de campo que descreve tudo que foi vivenciado no cenário. Lá foram aplicadas entrevistas com os alunos e também com o professor, fez-se capturas de imagens das

atividades desenvolvidas e recolha de documentos favoráveis à problemática. Os dados coletados possibilitaram a categorização e triangulação para melhor compreender e interpretar o contexto investigado buscando identificar se haveria ou não inovação pedagógica. Finalizando evidencia como resultado.

Deste modo, após ter vivenciado o período necessário no campo de pesquisa, agora como pesquisadora consigo compreender a real necessidade da escola tornar-se um ambiente aberto a transformações, principalmente elevando o aluno à condição de protagonista, adequando-se para inovar e viabilizar o n crescimento autônomo e criativo dos alunos, estimulando a criatividade e valorizando os contextos socioculturais.

Conclui-se, portanto, a partir do que foi investigado que os resultados configuram-se como expressivo para responder à pergunta, comprovando que existe inovação nas Práticas Pedagógicas da Escolinha de Atletismo de Flamengo – BA/Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcelo José. **A Educação Física no contexto escolar** – Interdisciplinarizando o conhecimento e construindo os saberes. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

ANDRÉ, M. I. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 18º ed. São Paulo Papirus, 2012.

Atletismo na escola: uma possibilidade de ensino. Simone... [http://www.efdeportes.com/Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 120 - Mayo de 2008](http://www.efdeportes.com/Revista%20Digital%20-%20Buenos%20Aires%20-%20Año%2013%20-%20Nº%20120%20-%20Mayo%20de%202008). Disponível em: www.efdeportes.com/efd120/atletismo-na-escola.htm. Acesso em 22 maio 2017.

AURÉLIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Maria Aparecida Behrens. – Petrópolis, RJ : 5. ed. Vozes, 2011.

BENTO, A. (Org.). **A Escola em Tempo de Crise - Oportunidades e Constrangimentos**. Centro de investigação em Educação - CE – Uma, 2012.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, CBAAt. **Regras Oficiais de Atletismo 2008-2009**. Associação Internacional das Federações de Atletismo, Versão Oficial Brasileira. CBAAt - Confederação Brasileira de *Atletismo*. Tradução: Alda Martins Pires, Frederico Silveira Nantes e Harley Maciel da Silva. Disponível em: <http://www.esefap.edu.br/downloads/biblioteca/regras-oficiais-de-atletismo-1242074143.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

BRASIL. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394, de 1996. Senado Federal, Brasília, 1998.

ESPORTE, Globo. **Sonho de atleta**: Projeto transforma vida de crianças no sertão da Bahia. Salvador, 22 fev. 2015. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2015/02/sonho-de-atleta-projeto-transforma-vida-de-criancas-no-sertao-da-bahia.html>. Acesso em: 25 maio 2015.

FERREIRA, Maria Elizabeth. **A contradição entre a tradição e a inovação pedagógica no processo educativo das escolas públicas municipais de Anápolis**. 107f. *Dissertação*

(Mestrado em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente) – UniEvangélica – Centro Universitário de Anápolis: Anápolis, 2011.

FINO, Carlos Nogueira. **O Paradigma Fabril segundo Toffler e Gimeno Sacristán** in Fino C. (2000). “Novas tecnologias, cognição e cultura: um estudo no primeiro ciclo do ensino básico” (tese de Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (pp. 27-31). Disponível: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso: 29 dez 14

_____. (2013). **O futuro da escola é o futuro**. In A. Mendonça (Ed.) O Futuro da Escola Pública (pp. 63-71). Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa.

_____. (2001). **Um novo paradigma (para a escola): precisa-se**. Funchal: FORUMa – Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira, 1, 2, 2001.

_____. (2002). **Escolarização, armazéns e violência**. In albano Estrela e Júlia Ferreira (Editores), Violência e Indisciplina na Escola, Actas do XI Colóquio Internacional da AFIRSE/APELF, (pp.367-374). Lisboa: Universidade de Lisboa. Disponível: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso: 29 dez 14

_____. (2004). **Contrutivismo & Construcionismo**. Disponível em: http://www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/PowerPoint_Piaget-Papet.pdf. Acesso em 28 de novembro de 2015.

_____. (2007). **O Futuro da Escola do Passado**. In Jesus Maria Sousa & Carlos Nogueira Fino (org.). a Escola Sob Suspeita. Porto: ASA. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso: 29 dez 14

_____. (2008b). **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)**. In Alice Mendonça & António V. Bento (Og). Educação em Tempo de Mudança (pp. 277-287). Funchal> Grafimadeira. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso em 29 dez 14.

_____. (2008c). **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais**. In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) Educação e Cultura (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>, Acesso em 10 de abril de 2016,

_____. (2003). **FAQs, Etnografia e Observação Participante**. In SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação, 3. pp 95-105. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>, Acesso em 10 de abril de 2016,

_____. (2004), “Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo”. Disponível em: https://www3.uma.pt/carlosfino/Draft_Convergencia_Vygotsky_construtivismo_construcionismo.pdf. Acesso em 26 de novembro de 2015.

_____. (2016). **Inovação Pedagógica e Ortodoxia Curricular**. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 9, n. 18, p.13-22, jan./abr. 2016. ISSN: 1983-6597 (versão impressa); 2358-1425 (versão online). Doi:10:20952/revtee.2016v19iss17pp13-22.

FINO, C. N. & SOUSA, J. (2008a). “**As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional**”. In Revista Educação & Cultura Contemporânea, 5 (10), 11-26. 1º semestre 2008. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá.

FINO, C. N. & SOUSA, J. M. (org). **Pesquisar para mudar** (a educação). Funchal: Universidade da Madeira – CIE – Uma, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. 6ª ed. tradução de Maria Luiza X. de A. Borge. – 6º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2007

Horizontes – Revista de Educação publicação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados (FAED/UFGD) - **Dossiê Educação Física Escolar**, v.4, n.8/dez. 2016-. Dourados, MS: UFGD, 2017. Disponível em <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/251-36-PB.pdf>. Acesso em 08 de dez de 2018.

JAGUARARI, Portal. **Jaguarari: TV Canção Nova grava em Flamengo a história que o Papa Francisco vai conhecer em Junho**. Jaguarari-Ba, 16 abr. 2015. Disponível em: <http://www.portaljaguarari.com.br/2015/04/jaguarari-tv-cancao-nova-grava-em-flamengo-a-historia-que-o-papa-francisco-vai-conhecer-em-junho.html>. Acesso em: 25 maio 2017.

KUNZ, Elenor (org). **Didática da Educação Física**. 2.ed. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Unijuí, 2014.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**/Georges Lapassade. Tradução de Lucie Didio – Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

LIMA, Andréa de Melo. **A Importância da Educação Física Escolar para o desenvolvimento da Aprendizagem**. V EnFEFE – Encontro Fluminense de Educação Física Escolar. Disponível em <http://cev.org.br/biblioteca/a-importancia-da-educacao-fisica-escolar-para-o-desenvolvimento-da-aprendizagem/>. Acesso em 12 de jan de 2019.

LIMA, José Carlos Novais e MARCOLINO, Paulo José Carvalho. **Manual Plano Nacional de Ética no Desporto**. Instituto Português do Desporto e Juventude, IP.1250-190 Lisboa. WWW.PNED.PT, 2012.

LUIZ, Álvaro. **Escolinha de atletismo de flamengo**. Senhor do Bonfim-Ba, 01 ago. 2011. Disponível em: <http://pedrocastor.blogspot.com.br/2011/08/escolinha-de-atletismo-de-flamengo.html>. Acesso em: 30 maio 2017.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Liber livros, 2012.

_____. (2000). **A Etnopesquisa crítica e multireferencial** nas ciências humanas e na educação / Roberto Sidney Macedo. – Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. (2009). **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas** / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. - Salvador: EDUFBA, 2009. 174 p. : il.

_____. (2010). **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber livros, 2ª edição, 2010.

MARINHO, Hermínia Regina Bugeste. et al. **Pedagogia do movimento: universo lúdico e psicomotricidade**. Curitiba: IBPEX, 2007.

MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do corpo... e “mente”**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1985.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 16 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

MORIN, Edgar, 1921- **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

_____. (2007). **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios** / Edgar Morin; Maria Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho, (orgs.) – 4. Ed. – São Paulo: Cortez: 2007.

NASCIMENTO, Marilândia do. **Contribuições da Inclusão do Atletismo no Currículo Escolar do Ensino Fundamental 1**. Ágora: R. Divulg. Cient., ISSN 2237-9010, Mafra, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/download/185/248 acesso em 20 de maio de 2017.

OLIVEIRA JR, Lauro Gurgel de. **A Educação Física escolar no Brasil: da sociedade industrial ao projeto de escola da sociedade da informação e os seus novos saberes**. Tese de Doutorado. Universidade da Madeira – Funchal – Portugal, 2015.

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças** – repensando a escola na era da informática. Ed. Ver. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. (1996). **A família em rede**. Lisboa: Relógio d'Água Editores.

PERES, Giani. **As implicações da Educação Física no âmbito escolar**. *Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, SP, v.2, n.2, p. 231-243, fev. 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/42100762.pdf>. Acesso em 10 de nov de 2017

PIAJET, Jean. **A Epistemologia Genética**. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1972.

PIMENTA, Ananda Carvalho. **Resenha: Introdução ao pensamento complexo de Edigar Morin**. *REVIEW: INTRODUCTION TO COMPLEX THOUGHT BY EDGAR MORIN*. Revista Científica da FHO|UNIARARAS v. 1, n. 2/ 2013. Disponível em <http://www.uniararas.br/revistacientifica>. Acesso em 1 de março de 2018.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **A história do atletismo**. Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/atletismo/modalidades-do-atletismo.php>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

RIBEIRO, L. **Autoestima – Aprendendo a gostar mais de você**. Belo Horizonte: Leitura, 2002.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2008, vol.13, n.37, pp.71-83. ISSN 1413-2478. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000100007>. Acesso em 18 de nov. de 2017.

SPORTV, Globo. **Escola do Flamengo muda vida de alunos com atletismo na Bahia**. Salvador, 15 out. 2013. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/ta-na-area/noticia/2013/10/escola-do-flamengo-muda-vida-de-alunos-com-atletismo-na-bahia.html?menu=57e3a8ea368e50f>. Acesso em: 25 out. 2017.

TOFFLER, Alvin. **O choque do futuro**. Copyright 1972 da edição em português Editora Artenova S.A.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Teoria geral do esporte** – São Paulo: IBRASA, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3ª Ed, 2005. Tradução Jefferson Luiz Camargo.

_____.(1984). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Martins Fontes, São Paulo.

_____. (2000). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. (Trad. José Cipolla Neto et al) 6ª ed, São Paulo: Martins Fontes.

<https://novaescola.org.br/conteudo/1391/edgar-morin-o-arquiteto-da-complexidade>. Acesso em 20 de outubro de 2017.

www.bahia.com.br/viverbahia/historia. Acesso fevereiro 2018

<https://www.infoescola.com/historia/historia-da-bahia/> Acesso em fevereiro 2018

<https://educacao.uol.com.br/biografias/pierre-de-coubertin.htm>. Acesso em novembro 2018.

<http://travinha.com.br/2010/03/23/barao-de-coubertin-o-pai-dos-jogos-olimpicos>. Acesso em novembro 2018

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/beneficios-pedagogicos-esporte-pode-trazer-como-alternativa-socializacao-formacao-adolescentes-joven.htm>. Acesso em agosto de 2018.